

Vencedor do Michael L. Printz Award



a ilha das sete luas

MARCUS
SEDGWICK

novoséculo®



MARCUS SEDGWICK

a ilha das sete luas

tradução
Marcia Men



SÃO PAULO, 2015

A ilha das sete luas

Midwinterblood

Copyright © 2011 by Marcus Sedgwick

Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

First published in Great Britain in 2011
by Indigo
a division of the Orion Publishing Group
Orion House
5 Upper St Martin's Lane
London WC2H 9EA
A Hachette UK Company

The right of Marcus Sedgwick to be identified as the author of this work has been asserted.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise, without the prior permission of the Orion Publishing Group.

GERENTE EDITORIAL

Lindsay Gois

EDITORIAL

João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES

Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO

Emily Reis

TRADUÇÃO

Marcia Men

PREPARAÇÃO

Lotus Traduções

DIAGRAMAÇÃO

João Paulo Putini

REVISÃO

Gabriel Patez Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Edward Bettison

MONTAGEM DE CAPA

João Paulo Putini

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sedgwick, Marcus
A ilha das sete luas
Marcus Sedgwick ; tradução Marcia Men.
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.
Título original: Midwinterblood.

1. Ficção inglesa I. Título.

15-09575

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



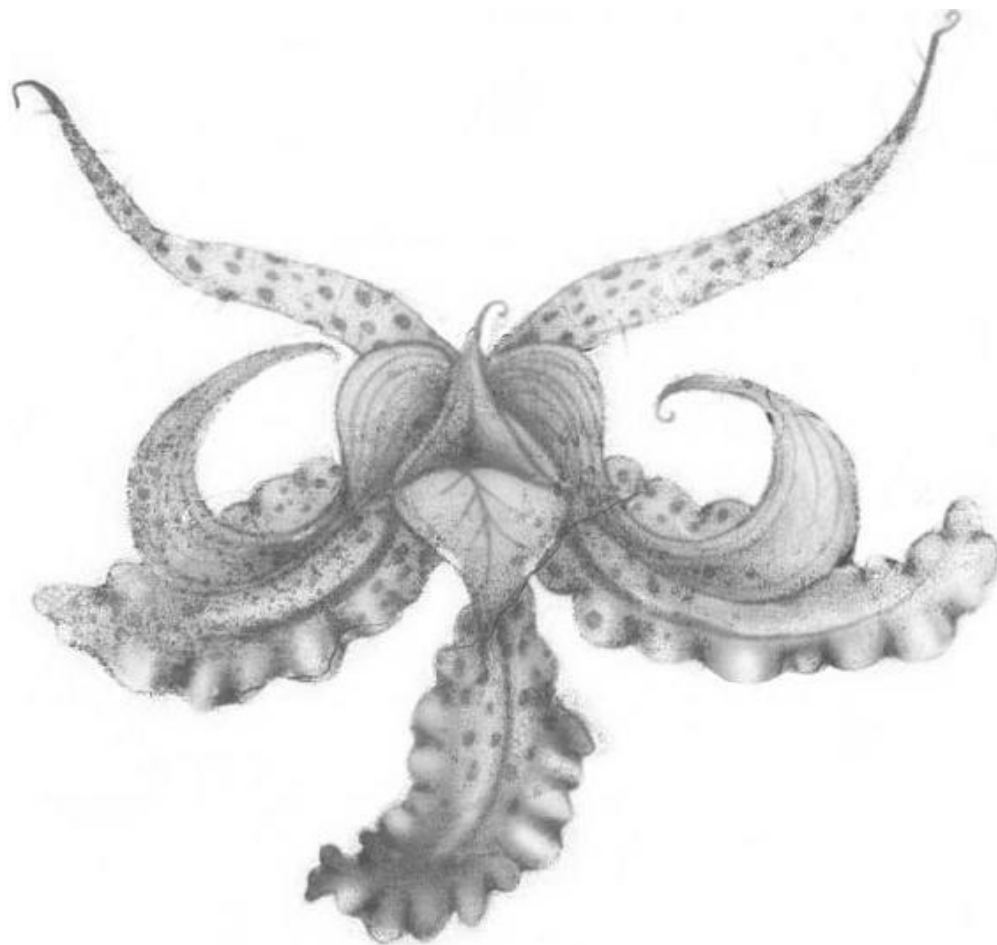
E-ISBN: 978-85-428-0942-8

PARA MAUREEN

parte um

sol do solstício de verão

Junho de 2073 – A Lua das Flores



um

O SOL NÃO SE PÕE.

Essa é a primeira coisa que Eric Sete nota sobre a ilha Bendita. Ele notará muitas outras coisas estranhas, antes que o esquecimento se apodere dele, mas isso virá mais tarde.

Por enquanto, ele confere seu relógio, enquanto permanece de pé no topo da solitária montanha da ilha, mirando o lugar onde o sol deveria se pôr. Já passa da meia-noite, porém o sol ainda brilha, mal encostando a borda pesada no mar, no horizonte distante.

A ilha fica muito ao norte.

Ele balança a cabeça.

Está pensando em Merle. Como algo parece esperar nos olhos dela. Como ele se sentia calmo, só de ficar perto dela.

– Bom, então é isso – diz ele, sorrindo com espanto.

Ele está cansado. Sua jornada foi longa.

* * *

A estranheza começou no avião.

O voo para Skarpness não estava lotado, talvez metade dos assentos estivessem vazios; contudo, havia uma boa quantidade de passageiros, mesmo assim. A maioria era de mineradores, dirigindo-se ao interior nortenho, supôs Eric.

Ele ocupou seu assento junto à janela e fez o que todos fazem antes da instrução para desligar as comunicações: selecionou OneDegree em seu aparelho e clicou.

E então... nada.

Ele reiniciou o aplicativo e clicou de novo.

Nada.

Ele balançou a cabeça, incapaz de compreender.

O aplicativo OneDegree baseia-se no princípio dos seis graus de separação. Eric sabe tudo a respeito disso. Como jornalista, é seu trabalho saber sobre comunicação em suas várias formas. Desde sua invenção, quando alguma alma esperta percebeu que com frequência não era preciso de seis, mas meramente um passo para conectar alguém à maioria das outras pessoas no mundo, o aplicativo, ou sua versão atual, estava na palma das mãos de todos. Quando se saía de viagem, ou se chegava a um lugar novo, o jeito mais fácil de fazer amigos rapidamente era dar uma sondada ao seu redor com o OneDegree. Talvez ninguém que você conheça esteja no mesmo lugar, mas alguém que conhece um conhecido seu provavelmente estará. Ou alguém que estudou com um amigo seu. Ou alguém que trabalha onde você trabalhou dez anos atrás. E assim por diante. Então você tem alguém com quem passar a viagem, pelo menos, e talvez um novo amigo para a vida. E embora isso nunca tenha acontecido com Eric, em todos os seus anos utilizando o OneDegree em tantas jornadas solitárias ao redor do mundo, ele nunca deixava de encontrar alguma ligação em um grupo de cem ou mais pessoas que teriam, de outro modo, permanecido totalmente desconhecidas.

Foi por isso, portanto, que ele olhou por mais um instante para seu aparelho, imaginando se a nova versão estaria com algum defeito.

Como se algo sinistro tivesse sucedido, ele inclinou-se para fora de seu assento e analisou um tanto furtivamente seus colegas passageiros.

Eles eram uma turma durona.

Mineradores, pensou ele. Duros.

Trabalho e preocupação desenhavam-se nos rostos deles, na pele envelhecida pelo frio. Eles eram silenciosos, apenas assentindo com um gesto de

cabeça para as atendedoras sorridentes que pairavam pelo corredor, oferecendo bebidas.

– O senhor vai ter que desligar isso agora, Sr. Sete – disse uma voz, e ele voltou-se, encontrando uma delas olhando para ele. Ela conferiu seu aparelho, certificando-se de ter acertado o nome dele.

Ele coçou a nuca, afastou uma mecha malcomportada de cabelo castanho-escuro dos olhos.

– Sim. Desculpe, é verdade. É só que...

Ele olhou para seu aparelho.

– Sim, Sr. Sete?

Ele balançou a cabeça. Como tinha conseguido não trombar com ninguém no voo? Nem sequer no nível mais fraco de conexão.

– Nada.

A atendente sorriu.

– Muito bom. Tenha um bom voo, Sr. Sete.

* * *

Ele teve, de fato, um voo agradável.

O avião apontou para o norte, agarrando-se à costa quase o caminho todo. Foi espetacularmente belo.

A linha costeira era um fractal natural, o mar era de um azul profundo, as rochas das praias manchadas em tons cinzentos e marrons. No interior, o solo elevava-se gradualmente em florestas que, a certo ponto, cediam lugar aos cumes de montanhas despidos de árvores.

Perto do meio-dia, o avião pousou em Skarpness e, conforme Eric havia previsto, a maioria dos passageiros pegou o transporte que se dirigia para a grande mina.

Pela centésima vez, ele pegou as instruções que o assistente da supervisora editorial lhe dera e encaminhou-se a pé para o terminal da balsa, onde subiu na embarcação a vapor para fazer a curta travessia até a ilha Bendita.

Ele sabe pouco sobre o local.

Conhece apenas os rumores. Entretanto, isso é tudo o que qualquer um conhece, e esse, afinal, é o objetivo dessa viagem: descobrir mais sobre a ilha.

Não há quase nada sobre ela na internet. Nada além dos horários da balsa, os horários do pôr do sol e o calendário da lua, uma breve história da pesca antiga, agora acabada.

Quanto aos rumores...

Nenhum relato em primeira mão, nenhum material de fonte original. As páginas que os mencionam são simplesmente reescrituras umas das outras, deixando pouquíssimas pistas originais de onde descobrir algo.

Havia tão pouco a se ler na internet, que isso era outra coisa estranha sobre o lugar.

Tudo o que ele ouvira foram os rumores, histórias, a especulação e as palavras rapidamente perdidas de segredos sussurrados sobre a ilha onde as pessoas tinham começado a viver para sempre.

dois

ERIC SETE NÃO ACREDITA em amor à primeira vista.

Ele se corrige.

Mesmo naquele momento, no momento em que acontece, ele sente seu cérebro de jornalista fazer uma correção, apagando uma crença antiga, escrevendo uma nova em seu lugar.

Ele não acreditava em amor à primeira vista. Ele acha que agora pode acreditar.

– Eu sou a Merle – diz ela. Seu cabelo claro cai por sobre um olho, enquanto ela aperta sua mão; ela joga o cabelo para o lado. E sorri.

– É claro que é – diz ele. Por dentro, ele toma nota para se punir mais tarde por uma resposta tão boba. Ainda assim, ele não falara com arrogância, nem mesmo como tentativa de ser engraçado. Ele disse isso como se outra pessoa estivesse falando por ele.

Ele estava de pé no cais, sua única mochila grande junto a seus pés. Atrás dele, a barca a vapor se afastava, voltando para o continente. Os outros esparsos passageiros já tinham desaparecido, sumindo nas estreitas travessas da ilha.

Tudo está quieto.

A jovem chamada Merle vira um pouco o corpo e gesticula, e agora Eric repara em um pequeno grupo de pessoas com ela. Eles também sorriem para Eric.

Um deles, um velho, dá um passo à frente.

– Eu sou Tor – diz ele, estendendo a mão.

Eric a aperta, sentindo-se um pouco inquieto outra vez.

– Como vocês sabiam que eu estava vindo? – pergunta ele.

– Bem, não sabíamos – diz Tor. – Mas não recebemos muitos visitantes. Recebemos notícia de sua chegada e viemos nos encontrar com o senhor, Sr... Sete?

– Sim. Sim, isso mesmo. Eric Sete.

Tor levanta uma sobrancelha hirsuta. Seu rosto é comprido e tão maltratado pelas intempéries, que é difícil adivinhar sua idade, e Eric repara que há algo de errado em um dos olhos do velho. É leitoso e não parece ter foco. Talvez ele seja até cego daquele olho. Eric tenta não encarar.

– Bem, então é isso – diz para seus botões.

– Sete? – pergunta Tor. – Faz parte da Igreja Verdadeira Moderna?

Eric balança a cabeça, negando.

– Meus pais faziam. Eles foram da primeira geração de convertidos, ainda nos anos 2020. Eu... – Ele para, pergunta-se o que dizer. – Eu os desapontei. Não significa nada para mim.

– Então por que manter o nome? – Tor sorri. – Se eu posso perguntar isso.

Eric faz uma pausa.

– Vários motivos, creio eu. Respeito, talvez. E apesar de eu não ser religioso, gosto da ideia representada pelo ato de renomear.

Merle, que assistiu a toda essa conversa, inclina a cabeça, apenas uma fração a mais. Seu cabelo cai sobre os olhos de novo. Eric nota isso e sente que está se apaixonando por ela ainda mais rápido. Ele se sente ridículo. Pergunta-se o que dizer, o que fazer, mas ela está lhe perguntando algo.

– E qual é? – pergunta ela. – A ideia por trás disso?

– Os fundadores da Igreja Verdadeira Moderna tinham muitos princípios e crenças firmes, mas muito do que ensinavam é de ordem mais prática, e tem a ver com o modo como as pessoas se relacionam umas com as outras, com a sociedade, e daí por diante. Eles acreditavam que nomes eram grilhões e distintivos, e que eles eram cheios de significado e história, sendo, portanto, armas do preconceito e do esnobismo. Qualquer um que se junte à Igreja é convidado a selecionar um novo nome que não contenha significado, história,

preconceito. Números são muito comuns na Igreja; eles pareciam neutros. Isentos de significado.

Merle inclina a cabeça um pouco mais. Eric quer gritar de júbilo e se imagina jogando os braços ao redor dela. Não faz nenhuma das duas coisas, mas pergunta-se como seria tocá-la.

– Mas, Sr. Sete – diz Tor –, todas as palavras têm significado. Especialmente nomes. Mesmo nomes novos. E quanto a números...

Eric torna a dar de ombros.

– Qual era o nome dos seus pais antes de eles se juntarem à Igreja?

Eric fica confuso quando percebe que não quer falar sobre seus pais. Ele muda de assunto. Olha para Tor e Merle, e para duas mulheres e mais um homem que está com elas. Todos estão sorrindo para ele.

– E então, vocês são sempre tão simpáticos com os visitantes?

– Não recebemos muitos visitantes – repete Tor.

Eric observa que sua pergunta não foi respondida diretamente, mas deixa para lá.

– E por que você veio para a ilha Bendita? – prossegue Tor.

Ele sorri e, no momento em que Eric está prestes a contar seus motivos, algo o faz parar. No entanto, é melhor não mentir e, nessas circunstâncias, ele geralmente recorre ao método simples de fornecer apenas o suficiente da verdade.

– Sou jornalista – explica ele. – Minha editora quer um artigo sobre a sua ilha. Ela ouviu falar que é um lugar lindo. Um lugar especial.

Eric já pode ver que essa parte é verdadeira.

Atrás do grupo de boas-vindas, uma pequena travessa se divide em duas, um caminho desaparecendo na curva da linha costeira, o outro subindo por uma suave elevação. Ele consegue ver casas de madeira lindamente projetadas, a maioria pintada em cores fortes: vermelhos profundos, azuis claros, amarelos terrosos. Elas possuem pequenos arbustos de roseiras e bétulas altas. Abelhas zumbem no ar.

Atrás dele, o mar azul bate nas pedras do cais e gaivotas gritam no céu.

– E você vai ficar por muito tempo? – pergunta Tor, olhando para a única mochila de Eric.

– Ainda não sei – diz Eric.

Ele olha para Merle. Ela sorri.

três

ERIC SETE SENTOU-SE na Casa do Cruzamento com Tor e os outros que o encontraram na balsa. Exceto Merle.

– Onde você estava pensando em ficar, Sr. Sete? – perguntou Tor, enquanto eles caminhavam pela ilha, a sul do cais.

– Por favor, me chame de Eric.

– Onde você estava pensando em ficar, Eric?

– Não sei.

Tor sorriu.

– Não temos um hotel. Como falei, nós...

– Não recebem muitos visitantes – completou Eric. – Mas deve haver algum tipo de casa de hóspedes, talvez?

– Não – disse Tor. – Não temos nada desse tipo. Mas não se preocupe. Vamos fazer alguns arranjos para você. Enquanto isso, você é bem-vindo em minha casa. Podemos tomar chá enquanto os arranjos são feitos.

Eles tinham seguido pela via estreita chamada Caminho de Casa, fazendo suaves curvas de tempos em tempos, porém sempre seguindo rumo sul pela ilha, com belos jardins e casas adoráveis de ambos os lados, algumas bem junto à via, outras um pouco mais recuadas, situadas sobre pequenos despenhadeiros rochosos entre as árvores. De vez em quando, estradinhas secundárias partiam daquela em que estavam; veredas ainda menores e mais retorcidas. Essas veredas tinham minúsculas placas azuis, nas quais estava escrito em branco: A Curva, A Curva de Trás, O Gramado, O Gancho.

Tudo muito, muito bonito.

Enquanto caminhavam, Eric viu pessoas sentadas a mesas em seus jardins, desfrutando do sol noturno, tomando uma taça de vinho ou até mesmo jantando. Todos acenaram e cumprimentaram Tor, que os cumprimentou de volta com um gesto de cabeça, sorrindo.

Após dez minutos, eles chegaram a um cruzamento no qual o Caminho de Casa se encontrava com outra trilha do mesmo tamanho, chamada Intersecção.

– Minha casa – dissera Tor, indicando a maior casa que Eric tinha visto na ilha até então. Situada em recuo sobre sua própria montanha baixa, Eric viu uma grande casa negra de madeira dominando o cruzamento. Era um estilo levemente diferente do das outras, menos bonita, mais... Eric buscou a palavra. Mais séria.

– Este é o centro da ilha, Eric. Bem-vindo.

* * *

Eric estava sentado na casa de Tor, as mãos em volta de uma caneca de cerâmica com chá preto.

As duas mulheres foram apresentadas como Maya e Jane. Mais novas que Tor, mais velhas que Merle. Ambas eram quietas, mas pareceram bem simpáticas, enquanto faziam o chá na ampla cozinha de Tor. O outro homem se chamava Henrik, também mais novo que Tor, apesar de ser difícil ter certeza disso. Eric supôs que eles deviam sofrer bastante com o clima em uma ilha como a Bendita.

Talvez os rumores sejam verdadeiros, pensou ele. Talvez essa gente esteja vivendo para sempre, talvez Tor tenha 120 anos, e os outros sejam frangotes de 98.

– Se houver qualquer outra forma de ajudá-lo com seu artigo, qualquer coisa que você precise – disse Henrik –, é só pedir. Somos os guardiões da Bendita, e...

Tor tossiu tão baixinho, que era difícil acreditar que fosse um sinal, mas Henrik parou e se corrigiu.

– Tor é o guardião da Bendita. Nós – ele indicou Maya e Jane e apontou para si mesmo – somos os outros guardiões da ilha. Então é só falar com um de nós e tudo será arranjado.

– Obrigado – disse Eric. – Vocês todos são muito gentis.

Ele se perguntou aonde Merle tinha ido.

Não é que ela seja bela, não do jeito que as pessoas normalmente apreciam. Ela é mais do que bonita, é o que ele pode dizer, mas não é isso o que o cativou. É simplesmente o rosto dela, seus olhos. No momento em que ele os viu, algo se encaixou. Ele percebeu, de súbito, o que era. Ele reconheceu o rosto dela. Como se visse uma velha amiga, há muito esquecida, e aquilo disparou outra coisa dentro dele. Um pensamento que o incomodava.

Sua cabeça flutuava.

– Estou cansado – falou. – Com licença. Estou cansado, mas acho que um pouco de ar me faria bem antes de ir para a cama. Posso...?

– Mas é claro – retrucou Tor. – Por que você não explora as trilhas? Nós te buscaremos quando sua casa estiver pronta. Não vá muito longe.

* * *

Eric está de pé no topo de uma montanha pequena, porém íngreme, conhecida como Panorama, olhando para o oeste, observando o sol deixar de se pôr, pensando em Merle. O caminho que ele tomou é esquisito – é bem feito, tanto quanto qualquer outro que tenha visto até o momento, mas para no topo da montanha junto a uma moita de arbustos e não vai além. Ele deu alguns poucos passos fora da trilha até um afloramento rochoso, de onde consegue ver por cima dos topos das árvores da floresta, a oeste.

As perguntas de Tor sobre seus pais voltam a sua mente, e ele percebe que faz muitos anos desde que pensou sobre eles. Quase como se estivessem mortos. E apesar de não estarem mortos, podiam muito bem estar. Ele não os vê nem fala com eles há anos. Desde que teve idade suficiente para sair de casa e partir para o mundo por conta própria.

Tor. O que há de especial nele? Seu olho é um tanto inquietante, talvez, mas Eric sabe que tem mais alguma coisa. O sujeito não tinha sido nada além de prestativo; por que é que Eric se sentia desconfiado dele?

Ele traz de volta à mente o pensamento que o incomodara na casa de Tor. Ele reconheceu o rosto de Merle.

Reconheceu. Contudo, isso não é possível, porque ele nunca a vira antes.

Como se para conferir, ele pega seu aparelho, e está prestes a clicar no OneDegree de novo, quando percebe outra estranheza: não estava obtendo sinal.

É claro, ele tinha ouvido falar de lugares onde não havia sinal, mas nunca estivera em um deles.

Um frêmito o percorre quando ele percebe que o aparelho que comanda toda a sua vida acaba de se transformar em uma dispendiosa caixinha de plástico, silicone e vidro.

Ele pensa no OneDegree, como ele encontra outras vidas, através do éter, e se pergunta se isso pode ser feito sem uma máquina.

Ele torna a olhar para o horizonte.

Ele nunca havia estado ali e, no entanto, sente que já se encontrou antes com Merle; também existe aquela outra sensação que, de algum jeito, o perturba ainda mais.

Por que, pensa ele, eu tenho a impressão de que voltei para casa?

* * *

– Eu acho que você vai descobrir que isso não funciona.

Ele dá um pulo e volta-se para ver Merle se aproximando pela trilha.

Ele guarda o aparelho, sentindo-se burro. Arrisca olhar para ela, enquanto Merle se aproxima, desejando ter mais do que esses poucos momentos para descobrir o que ela tem de especial. Ele fracassa.

– Acho que tem razão – diz ele, quando ela chega perto. – Mas como vocês se viram? Sem aparelhos?

– Nós nos viramos bem – diz Merle, rindo. – Nós apenas fazemos as coisas de um jeito diferente por aqui.

– Sem carros, por exemplo?

– Eu acredito que não somos o único lugar que não sente necessidade de carros – diz ela.

– Não sei sobre necessidade – diz Eric –, mas sim, como o petróleo se tornou tão escasso, há muitos lugares que utilizam alternativas.

Ele se pergunta por que não é capaz de encontrar nada melhor para conversar com ela do que petróleo. Carros. Aparelhos. Eles estão sozinhos agora, pela primeira vez. Ele quase pode sentir o calor do corpo dela, de tão perto que ela está.

– Você veio para cá com nossa balsa, é claro.

Eric assente.

E antes disso, pensa ele, voei em um bom e velho avião, devorando milhares de litros de gasolina de aviação. E tenho uma passagem com um preço que comprova isso.

No entanto, se ele conseguisse essa história, suas despesas valeriam muito a pena.

– Esta é uma ilha pequena e uma comunidade pequena. Não é preciso pressa. Nós andamos. Se o assunto for realmente urgente, sempre se pode pegar uma bicicleta emprestada.

Eric tenta suprimir uma risada. Ele não quer ser rude, mas a expressão séria no rosto de Merle o diverte.

Ela não parece aborrecida – ou, se está, não demonstra.

– Olha – diz ela, apontando para o céu. Não lá embaixo, perto do sol, mas lá em cima, a lua está visível, um disco rosa pálido contra o azul-escuro do firmamento. – É a lua das flores.

– A quê?

– É o nome antigo para a lua deste mês – explica Merle. – A lua das flores. Está vendo como está cor-de-rosa?

– É uma bela visão – concorda Eric.

Eles não dizem nada por algum tempo, apenas observando a lua, antiga, tão velha quanto o tempo, e incognoscível. Misteriosa. Poderosa.

Merle sussurra alguns versos de uma música antiga.

– E nenhum de vocês é tão elevado, uma lua rosa os terá derrubado.

Ela se mexe.

– Sua casa está pronta – diz ela. – É tarde. Tenho certeza de que você está cansado.

Eric está muito cansado.

– Obrigado – diz ele. E está falando sério. – É muito generoso da parte de vocês me oferecerem uma casa inteira para morar.

Ele pensa de novo em suas despesas.

– Um quarto é realmente tudo de que preciso – continua ele. – E, é claro, eu posso lhes pagar pelo incômodo.

– Isso não será necessário. Os guardiões lhe ofereceram uma casa junto à campina. É confortável, mas você deve nos avisar caso haja mais alguma coisa que possamos fazer.

Eles caminham pelas trilhas e Eric fica tentando se lembrar de que é noite, o que é difícil, porque está quase tão claro quanto o dia.

– Isso não mexe com o seu sono? – pergunta ele. – O dia constante?

– Você não faz ideia! Mas temos modos de contornar isso. Cortinas espessas, persianas blecaute. Isso ajuda. E chá, aquele chá que você tomou vai ajudá-lo a dormir. Aqui.

Ela para e aponta para o novo lar de Eric.

É pequeno, mas estiloso; uma casa azul de madeira, com seu próprio jardim, um gramado cortado meticulosamente, roseiras pesadas de tantas flores. A madressilva escala a parede, chegando até acima de uma janela no segundo andar. Outras flores cujos nomes ele não conhece. O nome da casa está pintado no portão. “A Garra”.

– Nome estranho – matuta Eric, meio alto.

– Vem do dialeto antigo. Refere-se a um tipo de barco de pesca, creio eu.

De repente, Merle franze o nariz e espirra.

– Pólen da grama – diz ela, espirrando de novo.

– Deus te abençoe.

Merle olha para Eric.

– Não diga isso.

– Por que não?

– Nós não dizemos isso aqui, na ilha. Achamos que... dá má sorte.

– Isso é estranho.

– Só mais uma de nossas pequenas diferenças – diz Merle.

Ela sorri e vira-se para partir. Eric luta contra o impulso de dizer algo a Merle. Algo significativo. Contudo, não consegue pensar em quê.

– Boa noite, Eric Sete – despede-se ela, indo embora. – A casa está destrancada.

Ela fica por mais um instante junto ao portão e depois se vai.

Eric imagina ver os lábios dela se movendo. Imagina que ela diz uma palavra a ele.

Você.

Ele pergunta-se o que sentiria se ela realmente tivesse dito isso.

* * *

Eric abre a porta de sua casa e encontra o caminho até o quarto. Quando chega lá, está se sentindo péssimo, a cabeça flutuando de cansaço e de estar em um lugar novo, do cheiro daquelas flores, e ele pode sentir o gosto do chá em sua boca.

Ele desmaia na cama, os pensamentos desabando em um abismo fundo, fundo que se abriu debaixo do lugar onde fica sua mente.

Um último pensamento lhe ocorre enquanto ele cai, e então se perde na tempestuosa tormenta de seu fluxo mental.

Ele esteve em Bendita por várias horas.

Ele conheceu algumas pessoas e viu muitas mais.

Entretanto, não viu nem uma criança sequer.

quatro

ERIC DORME BEM.

Quando acorda, ele se sente muito melhor. Maravilhoso, na verdade.

Ele abre os olhos e surpreende-se ao descobrir o quarto na escuridão total. Primeiro ele pensa que a noite finalmente chegou, depois se recorda de que não haverá nada semelhante à noite ali por um ou dois meses, no mínimo. Não propriamente.

Ele vai até a janela, trôpego, e afasta as cortinas.

Ainda está escuro; suas mãos se esticam e tocam as persianas blecaute de que Merle falou e, encontrando um cordão em uma das laterais, ele as puxa para cima.

A luz do sol, forte e brilhante, inunda o quarto, e ele fecha os olhos e aguarda até que eles se ajustem.

Quando isso acontece, ele é sobrepujado pela beleza da ilha.

A janela de seu quarto dá para o sul e para o leste. Abaixo dele está outra pequena fatia do paraíso. Casas belamente coloridas, pequenas alamedas, bétulas altas oscilando ao vento suave e, em todo canto, flores.

Flores.

Pessoas caminham pelas alamedas; elas chamam umas às outras e pausam para conversar nas minúsculas interseções, dignas de cidades de brinquedo. De algum lugar que ele não consegue enxergar pode-se ouvir música. E canto. Soa como uma dúzia de vozes, uma melodia perturbadora, conflituosa e mesmo assim linda, com o acompanhamento simples de um violão e um acordeom. Ele se esforça para captar as palavras, mas elas são sopradas para longe.

O céu lá em cima é azul, e em todo lugar há flores.

Eric sente-se maravilhoso. Toda a tontura da noite anterior desapareceu. Todos os pensamentos da noite anterior estão esquecidos.

Mas ele sente-se faminto, espantosamente faminto. Ele se pergunta se eles foram atenciosos o bastante para deixar um pouco de comida para ele, e vai até o andar de baixo, onde encontra não apenas comida, mas um café da manhã completo posto sobre a mesa da cozinha. Um bule de café está aquecendo no fogão.

– Olá? – chama ele, virando-se. – Olá? Tem alguém aí?

Não há ninguém, então ele se senta e come como se nunca tivesse comido antes. Ele tem pão, e mel, e queijos, e algum tipo de carne seca deliciosa, e suco de maçã, e ainda há o café. E no meio da mesa há um vaso de belas florezinhas amarelas, recém-apanhadas da campina.

Flores.

Flores, ele pensa. Flores.

Ele deveria fazer algo relacionado com flores.

Mas não consegue se lembrar do quê.

Ele termina seu café da manhã, feliz.

CINCO

ERIC DÁ UMA OLHADA em seu relógio e fica surpreso ao ver que já é meio-dia.

Ele dormiu por muito tempo. Sai para o dia e decide dar um passeio. Ele passa por pessoas cuidando de seus jardins, apenas caminhando ou fazendo nada. Elas sorriem e ele assente para elas, um tanto timidamente.

Ele se pega subindo por uma alameda através das árvores que se amontoam próximo a um dos lados de sua casa, e então, descendo para o outro lado, o bosque cede, e lá está o mar diante dele e outra extensão rochosa da costa.

Ele é tomado subitamente por um impulso massivo de nadar. É um dia quente e o mar parece convidativo. Ele explora por algum tempo e logo encontra uma pequena enseada escondida entre as rochas. Ele olha ao redor. Não possui toalha nem bermuda consigo; no entanto, o lugar é deserto. Ele tem certeza de que não pode ser visto pelo caminho por onde desceu.

Ele se despe rapidamente e entra na água devagar, a partir de uma rocha morna. É gostoso, frio demais a princípio, porém o frescor da água salgada fria é delicioso.

Ele sai e, dessa vez, encontra uma rocha mais alta de onde pular.

Ele mergulha pela água segura, perto da superfície, até um mundo mais frio, escuro e perigoso lá embaixo. A escuridão sob a beleza.

Quando emerge, água escorre por seu rosto, pelos seus olhos, goteja de suas orelhas e, conforme ela lava as nuvens de sua mente, ele se lembra.

– O que diabos estou fazendo? – ele chega a dizer em voz alta e, escalando as rochas, dirige-se a suas roupas.

Ele para, olhando para elas. Sabe que as largou em uma pilha quando se despiu. Agora, elas estão estendidas ordenadamente, espalhadas e lisas para serem aquecidas nas pedras ensolaradas. Ele olha em volta, mas não consegue ver ninguém. Nada.

Chacoalhando a cabeça, ele veste as roupas, apesar de ainda estar encharcado.

Ele tenta clarear a mente enquanto caminha de volta para sua casa, recordando-se agora por que ele veio aqui, e que ele deveria estar trabalhando.

Ele ignora cumprimentos amistosos enquanto dirige-se novamente para A Garra, depois faz o caminho para seu quarto, onde pega seu aparelho, um bloco de notas e uma caneta, sentando-se na mesinha de cabeceira. Ele julga ter ouvido um ruído. O portão faz um clique e ele ergue a cabeça, esperando ouvir passos se aproximando. Nenhum passo ressoa, e então, determinado a não se deixar distrair, volta a se concentrar.

– O que eu estava pensando? – diz outra vez, olhando fixamente pela janela. Começa a trabalhar.

Ele repassa tudo o que sabe.

Ilha Bendita, uma comunidade obscura e autogovernada no norte mais distante. População desconhecida, porém pequena. Produção econômica? A ilha já foi lar de uma frota pesqueira, agora desaparecida. Seja lá como for que eles ganhem seu dinheiro agora, Eric já viu que não é com turismo. Não há lugar nenhum onde ficar, para início de conversa, e quando eles têm alguma visita, não cobram nada.

Como eles ganham dinheiro, então?

O que eles fazem aqui?

Sem aviso, sua mente parece confusa de novo e sua memória luta, apesar de ele saber que tem mais alguma coisa que ele foi enviado para investigar.

Ele se levanta e anda pelo quarto, tentando clarear a mente.

Volta à sua memória que ele tinha algumas anotações preparadas antes de vir para cá, e liga seu aparelho.

O aparelho se inicia e ele vai direto para Notas.

Ele lê.

Flores.

Acredita-se que a ilha Bendita seja o lar da única população sobrevivente de um tipo muito raro de orquídea, a Orquídea Dragão Bendito, cujo nome em latim é *Orchidae dracula beati*. Também conhecida como Orquídea Drácula.

Eric sorriu quando leu o nome assustador pela primeira vez, percebendo a seguir que “drácula” não tinha nada a ver com vampiros, significando apenas “pequeno dragão”. Mas *beati*... Ele precisou pesquisar a palavra e descobriu que era “bendito” em latim.

Pequeno Dragão Bendito.

Ele encontrara retratos da flor e, apesar do significado aparentemente inocente de seu nome, ela parecia um pouco esquisita, até mesmo assustadora. Mais semelhante a um animal do que uma flor, uma coisa espinhuda com cabeça de dragão, exibindo pétalas púrpuras e uma garganta vermelho-sangue em seu coração.

Os rumores dizem que os ilhéus recentemente, ou nem tão recentemente assim, descobriram que a orquídea tem propriedades benéficas à saúde, promovendo bem-estar e energia. Que ela regenera tecido celular danificado. Que poderia até mesmo estender o tempo de vida.

Que os ilhéus extraíram um elixir de vida da flor, e o estão vendendo sem testes e, portanto, de maneira ilegal, por somas exorbitantes para os super-ricos do mundo ocidental.

Foi por isso que ele veio aqui.

Ele conversou com alguém em uma visita a Londres que afirmou conhecer alguém que estava usando a droga, porém era esse exatamente o problema. Era sempre alguém que conhecia alguém que conhecia alguém. Ouvir dizer.

Agora ele está na fonte da história, mas já descobriu através do OneDegree que esse lugar pode ser menos conectado ao mundo exterior do que a maioria dos outros lugares.

Ele passa pelas anotações em seu aparelho, procurando por um mapa que ele sabe ter guardado ali. Ele o encontra e, exatamente quando ele pisca na tela, a bateria acaba.

Ele balança a cabeça. Vai até a mochila e vasculha em busca do carregador, contudo não consegue encontrá-lo.

Idiota, pensa ele.

Ele caça pela bolsa de novo, em todos os bolsos laterais e no pequeno compartimento da frente.

Mesmo assim, não consegue encontrá-lo. Ele sabe que o colocou na bagagem, porque o utilizou no avião.

Ele retira tudo da mochila, lentamente, tentando manter a calma, dizendo a si mesmo que ele vai cair de alguma meia a qualquer momento.

Mas não cai.

Ele olha para tudo o que trouxe consigo, espalhado na cama, e chega à conclusão de que alguém levou seu carregador embora durante a noite.

Algo frio penetra em sua mente.

Ele está com medo.

SEIS

– COMO ANDA O SEU ARTIGO, Sr. Sete?

Tor sorri para ele. Sempre o mesmo sorriso, como se esperasse pacientemente por algo.

– Muito bem – mente Eric rapidamente. – No entanto, eu gostaria de uma bicicleta emprestada.

Será imaginação dele que Tor hesita por uma fração de segundo antes de responder?

– É claro – diz Tor. – Posso lhe oferecer um pouco de chá?

Sem esperar por uma resposta, Tor entra na cozinha da Casa do Cruzamento.

Eric sente sua frustração aumentar. Ele decidiu não mencionar o carregador desaparecido, mas não vai aceitar ser distraído.

Ele ouve vozes na cozinha e está prestes a se aproximar silenciosamente pelo piso de madeira quando Tor ressurgue, xícara de chá na mão.

– Aqui está – diz ele.

Eric toma o líquido, de modo um tanto grosseiro.

– Eu geralmente tomo com leite.

– Este é melhor sem – diz Tor, sorrindo. – Confie em mim. Esta é uma variedade especial, com um toque de raízes também. Agora...

– Sinto muito, eu não quero ser rude, mas estou aqui para trabalhar e realmente me seria útil uma bicicleta para me locomover por aí. E um mapa da ilha.

Tor levanta a mão.

– Eu já arrumei uma bicicleta. Ela estará aqui em breve. Por que você não se senta, enquanto espera e toma seu chá? E tenho certeza de que posso encontrar um mapa para você em algum lugar. Você ainda deve estar um pouco cansado, acho, não?

Assim que Tor menciona isso, Eric sente uma onda de exaustão passar por ele.

– O chá vai ajudar – diz Tor, enquanto Eric se senta em um sofá muito velho, mas muito confortável. – Agora, onde está aquele mapa?

Eric toma seu chá.

sete

ERIC ESTÁ FELIZ por fugir da casa de Tor.

Ele ainda não sabe por que o homem o incomoda, mas é um fato. Não consegue descobrir o motivo, quando ele não tem sido nada além de gentil e prestativo.

Eric senta-se em sua bicicleta na interseção entre Caminho de Casa e Cruzamento e analisa o mapa.

Ele decide recomeçar, desde o princípio, e dirigir-se de volta ao norte, até o cais. Dali ele vai pedalar para o sul, explorando metodicamente cada alameda e trilha. Se eles estiverem produzindo algum elixir aqui, devem estar cultivando grandes quantidades de Orquídea Drácula, o que significa um campo ou talvez uma série de estufas. Ele não conhece muito sobre orquídeas, nem mesmo se elas podem ser cultivadas em escala massiva, mas sabe que elas são coisas raras e delicadas, tolerando apenas condições muito equilibradas para crescer. De qualquer forma, é uma variedade incrivelmente rara para crescer tão ao norte.

Ele parte e subitamente está sorrindo de novo.

Muito de sua vida se passa viajando, investigando histórias pelo mundo todo. Na maioria das vezes ele está sozinho, e às vezes as viagens que precisa fazer são difíceis, até mesmo perigosas. Sem ninguém esperando por ele em casa, nem mesmo amigos verdadeiros da vida inteira, ele com frequência se sente um fantasma, vagando sobre a superfície da Terra, sem raízes. Se morresse, semanas se passariam antes que alguém soubesse, quanto mais se importasse. Apenas por uma vez, sua jornada o levara a um lugar adorável, um lugar cálido e lindo. Ele começa a rir.

Ele ri do fato de que é capaz de descer o caminho todo até o cais sem pedalar. Ele dispara, as abelhas zumbindo ao redor de sua cabeça e em volta das flores cheias de vida em todos os lados.

Pássaros piam, e a bicicleta dele pega mais velocidade. Ele estica os pés para os lados e sente o júbilo do gesto simples de descer sem pedalar à luz do sol. Ele faz um joguinho, vendo por quanto tempo ousa manter os olhos fechados, e, enquanto faz isso, a imagem em sua mente é, inexplicavelmente, o suave pescoço de Merle. E os lábios dele roçando esse pescoço.

Ele acorda da fantasia, recordando-se de que está ali para trabalhar; entretanto, quando chega ao cais, ainda há um sorriso em seu rosto.

O sorriso fica maior quando ele vê Merle aproximando-se.

– Como anda o seu artigo? – diz ela, animada.

– Todos estão tão preocupados comigo! – diz ele, rindo.

Merle parece intrigada.

– E por que não estaríamos? – diz ela. Merle inclina a cabeça de um lado e Eric jura que consegue sentir seu coração se inflar.

– Desculpe – diz ele –, é só que o resto do mundo é diferente daqui. As pessoas não são tão atenciosas. Tão generosas. É tudo muito apressado, sem tempo para “por favor” e “obrigado”. É...

– Eu compreendo – diz Merle. – É diferente.

– Bem, e é mesmo. – Ele para, tentando pensar em algo para dizer e manter a conversa viva. Parece triste. – Tor me emprestou esta bicicleta.

Por dentro, ele geme por mais essa tentativa formidavelmente ineloquente de conversa. Contudo, não importa. Com extrema gentileza, Merle coloca a mão no antebraço dele.

– Eu te encontrei – diz ela. É tudo.

Antes que ela possa dizer mais, algo a distrai e ela olha por cima do ombro dele.

– E ali apareceu o diabo – suspirou ela –, pois chame seu nome e ele está sempre por perto.

– Como é? – diz Eric, mas Merle não responde. Ele se vira e vê Tor de pé atrás dele.

– Você chegou aqui bem depressa – diz Eric, brusco.

– Eu venho da Casa do Cruzamento – retruca Tor. – Você se esquece, é uma ilha pequena. Não leva tanto tempo assim para chegar a algum lugar. Mesmo a pé, e mesmo para um velho como eu.

Mais uma vez, Eric se pergunta qual a idade de Tor. Qual a idade real de qualquer um em Bendita.

– Eu tenho alguns assuntos a discutir com Merle – diz Tor, sorrindo.

Ele aguarda. Encarando Eric com seu único olho bom.

– Ah, é claro – gagueja Eric, anuindo. – Bem, eu devo seguir em frente. Vejo vocês mais tarde.

Os olhos dele estão apenas sobre Merle quando ele diz isso, torcendo por alguma reação dela.

Pelo mais breve momento há uma expressão de tanta intensidade fremente no rosto dela, que, naquele momento, ele percebe que estava enganado. Ele olha para os lábios e os olhos dela, a curva de sua sobrancelha, e se dá conta de que ela é mesmo linda.

– Tchau, Eric – diz ela.

Ele assente, recua e sai pedalando.

Eu te encontrei.

Havia algum sentido mais profundo por trás do que ela dissera?

Ele quer acreditar que sim.

orto

ERIC EXPLORA ATÉ o final da tarde.

Não encontra nada; ao menos, nada do que está procurando.

As orquídeas, ou talvez uma fábrica de produção, algum tipo de laboratório caseiro. Ele supõe que vá reconhecer quando vir. É assim que as coisas são em seu trabalho, e ele sempre pensou consigo mesmo que era esse o motivo pelo qual era bem-sucedido em sua profissão. Isso, além de algo menos fácil de admitir: que talvez ele nunca esteja satisfeito. Nem na vida, nem no trabalho, nem no amor – ele sempre quer mais. Isso fez dele um bom jornalista, esse desejo intrínseco de procurar mais; contudo, embora ele lá no fundo saiba disso, jamais admitiu para si mesmo que essa mesma coisa o deixou sozinho, com um coração que bate nervosamente por medo de jamais encontrar. Porém, algo simplesmente se encaixa quando ele está na pista certa de uma história, algo simplesmente se encaixa. Como algo se encaixou quando ele viu o rosto de Merle.

* * *

Ele se flagra de volta na Casa do Cruzamento e pega outra vez o mapa, tentando resolver onde procurar em seguida.

Está ficando tarde, mas isso não importa, porque não vai escurecer. A lua das flores está se erguendo acima da montanha. Ele estuda o mapa que Tor lhe deu.

Parece desenhado à mão, mas ele pode ver que é impresso e que há um título e um preço no verso dele. Existe algo sobre o mapa que o incomoda, mas ele está com dificuldade para pensar. Pergunta-se se está adoecendo; é a segunda vez que sua mente fica desse jeito. Nublada.

Com um esforço, sua mente clareia e em sua memória vem a imagem do mapa de Bendita, aquele que ele salvara em seu aparelho.

Ele constata que o mapa diante dele não é igual ao que ele havia gravado, ainda no escritório.

Aquele tinha duas metades, um formato muito distinto, como as duas asas de uma borboleta, apesar de a metade ocidental ser levemente menor, dando-lhe uma aparência assimétrica. As duas metades eram unidas por uma estreita faixa de terra.

Eric olha para o mapa de papel em sua mão. Apenas a metade oriental da ilha está impressa. Está faltando metade da ilha.

Agora por que, pensa ele, eles imprimiriam um mapa apenas da metade da ilha?

Isso seria estúpido. A menos, a menos, a menos que você quisesse manter secreta metade dela.

Ele sabe que captou alguma coisa.

E sabe que sua mente jornalística está funcionando bem quando imediatamente estabelece outra conexão.

A trilha, subindo a montanha, na noite anterior.

Era uma trilha que não dava em lugar nenhum – ou, ao menos, era o que parecia.

A trilha ficava em algum ponto além do Cruzamento. Ele vira sua bicicleta e começa a pedalar.

NOVE

ELE ESTÁ A MEIO CAMINHO na subida da curta, mas ridiculamente íngreme montanha quando para, por dois motivos. Primeiro, o declive é simplesmente acentuado demais para subir de bicicleta, mesmo de pé sobre os pedais e na marcha mais baixa. Suas coxas gritam com ele para parar, mas há outra coisa. Seu esforço na bicicleta o faz pensar sobre o quanto pedalou até então naquele dia.

Ele se lembra de descer sem pedalar o caminho todo até o cais. E então se lembra de voltar outra vez, mas não consegue se lembrar de ter pedalado com muito esforço para isso. Na verdade, ele tem uma certeza razoável de que rodou sem pedalar boa parte do caminho de volta. Se não o caminho todo. Ele pensa em todos os outros lugares que visitou e agora, pensando nisso, não consegue se lembrar de ter que pedalar nem um pouco, em qualquer lugar, não até ter vindo a essa montanha ridícula. Não faz sentido, e por um segundo ele se pergunta se isso é tudo algum tipo de sonho prolongado.

A única outra possibilidade é de que a bicicleta esteja possuída.

Ele olha para a bicicleta embaixo de si e balança a cabeça.

– Bem, bem – diz ele, desistindo de tentar entender. – Então é assim.

Abaixando a cabeça, ele empurra a bicicleta até o topo da montanha, próximo ao ponto onde escalou até o afloramento na noite anterior. Ele a apoia na rocha e começa a explorar. A trilha, ou o que existe dela, parece parar bem perto do arbusto.

É uma moita densa, arbustos e árvores, e uma cobertura baixa do solo. Ele tenta erguer um galho e forçar sua entrada, mas é difícil.

Os galhos o empurram de volta com protuberâncias espinhosas, e ele pensa que até com uma cerca de arame farpado seria mais fácil de lidar. Um galho o chicoteia no rosto, e ele fica bravo. Abaixando a cabeça, sem dar atenção à dor, ele passa à força pelos arbustos.

Ele aterrissa sobre as mãos e os joelhos em um espaço minúsculo e mais limpo.

Há um rosto olhando para ele, diretamente diante de seu nariz. Só que não é um rosto. Ele está olhando para uma rocha, sobre a qual estão pintados dois pontos azuis, cada um cercado por um círculo branco, como olhos. Agora que olha de perto, ele vê que os pontos estão pintados de cada lado de uma protrusão na rocha, tornando-a semelhante a uma criatura primitiva de pedra, um lagarto ou um dragão, com um olho encarando de cada lado.

O olhar dele se desvia para a floresta e ele quase dá um pulo quando, um pouco mais afastado, vê outro rosto de pedra, dessa vez com um olho só, fitando de lado.

Ele escuta vozes e congela.

Olhando para trás pelo mato rasteiro, consegue distinguir figuras de pé junto à bicicleta. Duas ou três pessoas. Ele não consegue compreender o que estão dizendo; elas falam baixinho, mas então ele vê as pernas delas movendo-se da trilha para o ponto de onde ele observa, no afloramento.

Ele resolve que não quer ser flagrado ali e, arriscando-se, abre caminho de volta rapidamente, o que, percebe, é mais fácil do que foi forçar sua entrada por ali.

Espiando à esquerda, ele pega a bicicleta e afasta-se velozmente sem precisar pedalar, antes que eles tenham uma chance de voltar à trilha.

Na base da montanha, vira à direita e se vê do lado de fora da Casa do Cruzamento.

Ele olha para seu relógio e já é tarde, mas decide que está cansado demais para se preocupar em ofender Tor.

Ele recosta sua bicicleta no portão e caminha pela alameda. É outra noite quente e as janelas estão abertas. Ele está prestes a bater à porta quando ouve vozes vindo do interior. Vozes elevadas.

Ele hesita, depois se esgueira pela lateral da casa até uma varanda que acompanha a lateral.

Fica de pé junto à janela da cozinha, tentando não aparentar que está espionando, caso alguém o veja.

Escuta a voz de Tor e outra, que ele julga ser de Henrik. Também há vozes femininas. Maya e Jane, provavelmente. E será que aquela é Merle?

Sim, ele tem certeza de que é.

– Faremos tudo como sempre fazemos.

Esse é Tor. O homem que ele pensa ser Henrik fala em seguida.

– Mas vai adiantar alguma coisa? Nós tentamos por tanto tempo!

– Faremos tudo como sempre fazemos – repete Tor. Ele parece estar com raiva. – Faremos como nossos ancestrais faziam.

Há então uma confusão de vozes, todos falando ao mesmo tempo.

A seguir, Merle diz:

– Eu concordo com Henrik. Devíamos tentar algo diferente.

Uma pausa. Então Tor de novo, com mais suavidade.

– Merle, minha criança. Você está falando de coisas que não compreende. Você é o nosso tesouro. É a mais jovem de nós e, apenas por isso, nós a apreciamos e respeitamos. Mas você não sabe tudo que há para saber.

A mais jovem de nós?

Eric se lembra de que não viu nenhuma criança na ilha. Nem uma sequer. E Merle, uma mulher jovem, certamente é a pessoa mais jovem que ele viu desde sua chegada.

– Você não sabe de tudo! – repete Tor.

– E você sabe?

Ele pode escutar o súbito desafio de Merle e pode sentir a fúria terrível que surge em Tor ali, naquele mesmo instante.

– Basta! Eu já falei. Eu sou o guardião da ilha Bendita, e já falei. Todos vocês têm seus deveres. Cuidem de cumpri-los, e cumpram-nos bem. Agora vão!

Outra vez um murmúrio de vozes, e então Tor deve ter batido na mesa ou no chão, pois ouviu-se um estrondo, e o silêncio é restaurado.

A voz de Tor ressurgiu, mas tão grave e baixa, que Eric não consegue decifrar as palavras.

Ele já ouviu o bastante e, andando rapidamente de volta para a frente da casa, ele bate; sem esperar por um convite, abre a porta e entra.

Quase tromba com Merle, que está no corredor.

Ela abre a boca, surpresa, mas antes que possa falar, Tor aparece na passagem.

– Você costuma entrar na casa das pessoas sem ser convidado, Sr. Sete?

A voz dele é firme e estável, sem nenhum traço da raiva que Eric acabou de ouvir.

– Eu... não, eu... – Ele para, tenta novamente. – Eu escutei vozes se elevando. Vim ver se está tudo bem.

Tor faz uma pausa.

– Isso foi muito atencioso de sua parte, mas estamos muito bem.

– Vocês têm sido tão gentis comigo – diz Eric, suavemente. – Era o mínimo que eu podia fazer.

– Mas eu acho que você está enganado – diz Tor. – Muito bem. Você está bem, Merle, não é?

Merle aquiesce. Sem nenhum traço de preocupação ou medo, ela sorri para Tor.

– Sim, muito bem, guardião. Muito bem.

– Então é isso. Você vê? Não há nada com que se preocupar. Merle, é melhor você ir para casa.

Sem nenhuma outra palavra, sem olhar para nenhum dos dois, Merle parte, passando pela porta da frente e fechando-a. Eric observa-a desaparecer pela entrada, reparando na altura dela. Ela é alta; ele não havia percebido isso antes.

– Agora, Eric, como anda o seu artigo? Você teve um dia longo.

Eric está encurralado, sem saber o que fazer. Tendo entrado de supetão para resgatar Merle, agora se vê recebendo outra xícara de chá do inimigo.

Ele acompanha Tor até a sala de estar e nota vagamente que os outros escoaram noite afora. Ele vê o velho sofá confortável e de súbito sente-se muito cansado outra vez.

– Chá? – oferece Tor.

Eric olha para Tor.

– Sim, por favor.

– Leite?

– Ah, não, obrigado – diz Eric. – Você tinha razão, é muito melhor sem.

Tor assente e recua para a cozinha.

– Estou tão contente por você concordar – diz ele.

Quando ele retorna, observa em silêncio enquanto Eric toma o chá. O cansaço o invade, porém, de alguma forma, o sabor amargo do chá torna essa sensação agradável.

Tudo o que ele precisa fazer, tudo o que precisa fazer agora, ele pensa, é uma curta jornada para casa, e então pode dormir.

ERIC DORME ATÉ TARDE.

São as cortinas, as persianas, ele diz a si mesmo.

– Nada para me acordar – diz ele.

Ele resolve colocar o despertador para a manhã seguinte, sem se lembrar de que seu aparelho está desligado, nem que seu carregador está desaparecido.

Ele toma uma ducha que dura um longo tempo e então desce para tomar outro café da manhã imenso e delicioso. No fundo de sua mente, uma mera sensação, como uma coceira que quer ser coçada. Porém ela é tão leve, que logo ele é capaz de ignorá-la. Há framboesas firmes e frescas em uma tigela na mesa. Ele come um bocado, depois mais alguns, até que toda a tigela tenha sido consumida.

Ele senta-se e suspira, feliz.

Só então vê um curto recado escrito à mão recostado contra um vaso de flores no centro da mesa.

Está um lindo dia para nadar. O píer sul é o melhor.

Ele apanha o recado lentamente.

– E está mesmo! – diz ele.

Depois do café da manhã, ele enrola uma toalha do banheiro e parte rumo ao sul.

Até onde se recorda, ele ainda não esteve tão ao sul na ilha, e nem lhe ocorre por que ele não consegue lembrar se esteve lá ou não. Nem percebe que perdeu a

noção do tempo, apesar de ter chegado há apenas alguns dias.

O Caminho de Casa segue por quebradas de mais casas coloridas até chegar a uma junção, onde uma pequena placa de madeira aponta o caminho para o píer. Ele segue essa trilha menor por mais alguns minutos e então vê o mar diante de si.

É lindo. É tão lindo, que lhe tira o fôlego. Não é espetacular, não é de cair o queixo, é simplesmente uma vista adorável, que deixa o coração feliz por um lugar assim existir. O cinza e marrom das rochas, das árvores e da grama selvagem, o mar, esperando por ele, e apenas por ele. O lugar é totalmente deserto; ele não vê gente nem casas.

Ele desce até o píer e, tirando os sapatos, senta com os pés na água por algum tempo. Depois se despe e desliza para dentro da água, nadando para bem longe do píer.

Ele vira-se e olha para a ilha, e sente aquela coceirinha no fundo da mente de novo. Nada para mais perto do píer, submergindo na água por longos períodos.

De súbito, quando ele emerge, alguém está ali na água com ele, a um braço de distância.

Tudo o que ele vê a princípio é um respingo de água conforme a pessoa mergulha; no entanto, instantes depois, cabeça e ombros surgem na superfície em uma cascata de água salgada.

É Merle. Seu cabelo molhado está alisado para trás, descendo por seu pescoço.

Nenhum dos dois diz nada e, enquanto Eric boia, Merle se aproxima aos poucos.

Ali está outra vez aquela expressão gentilmente intensa no rosto dela, isso é algo de que ele se lembra, algo que está atravessando as nuvens em sua mente.

Ela estende a mão, boiando, e as pontas dos dedos de ambos se encontram.

Ela sussurra, alto o bastante apenas para ser ouvida sobre o sussurro das ondas.

– Eu te segui.

Eric hesita por um momento, pensando, mas logo está rindo, e Merle também.

– Você.

Eles nadam juntos, cada vez mais para dentro do mar.

Eles submergem juntos, em movimento, de mãos dadas quando possível, e deslizando pelas profundezas; os lábios de Eric roçam o pescoço dela, apenas uma vez. Finalmente, eles ressurgem em busca de ar. E quando ressurgem, eles o fazem rindo.

– Isso é ridículo! – grita Eric, e Merle dá de ombros e sorri como se dissesse: “e daí?”.

Eric tenta novamente.

– Nós já fizemos isso antes? – grita ele.

Merle está a algumas braçadas de distância. Ele nada até ela e tenta outra vez.

– Nós já fizemos isso antes?

Merle torna a dar de ombros.

– Eu sinto como se já tivéssemos feito isso antes – diz ele, atentamente. – Mas há muito tempo. Muito, muito tempo atrás.

Ela se foi, debaixo d’água de novo.

Eric pensa sobre sua vida, algo que ele geralmente evita, porque nem sempre ela foi fácil. Ele se pergunta se alguns momentos de júbilo total e absoluto podem valer uma vida de luta.

Talvez, pensa ele. Talvez, se forem os momentos certos. Eles nadam mais um pouco e finalmente, exaustos, sobem nas rochas para secar ao sol morno.

Eric se vira e segura as mãos de Merle. Ele olha para suas mãos, um pouco mais velhas que as dela. Olha para as dela, mais jovens. E se fosse o contrário? E se as dele é que fossem mais jovens? Isso importaria?

Ele se pergunta por que *essa* mão é a *sua* mão. Poderia ela ter pertencido a outra pessoa? E por que *aquela* é a *mão dela*? Isso importa? E se ela fosse diferente? Não, pensa ele, enquanto essas questões estranhas e de algum modo tolas passam por sua cabeça. Não, não importaria. Ainda que ela fosse diferente, ela ainda seria *ela*.

– Isso é ridículo – diz ele de novo, e ela se senta e gentilmente segura a cabeça dele entre as mãos.

– Por quê? – diz ela. – Por que você acha? Por que é mais ridículo do que um milhão de outras coisas? Que a Terra gira em torno do Sol, que a água pode devorar uma montanha, que um salmão pode nadar mil quilômetros pelo mar para encontrar o riacho no qual nasceu? Não é ridículo. É só... como é.

Subitamente ela revira suas roupas, espalhadas sobre as rochas, e encontra um relógio.

– Eu tenho que ir.

– Mas fique...

– Desculpe – diz ela, balançando a cabeça.

Ela não será convencida do contrário e Eric observa-a vestir a pele nua. E então, como um sonho que vaga para fora do alcance ao despertar, ela se foi.

Ele cochila sobre as rochas, com a sensação de Merle ao seu redor e dentro dele, vendo seus membros esguios, cheirando o sal no cabelo dela, imaginando que o calor do sol são as mãos dela em sua pele. Ele percebe que, pela primeira vez em muito tempo, seu coração bate lenta e calmamente. Em paz.

* * *

Ele acorda algum tempo depois, com aquela coceira outra vez.

Algo começa a subir ao topo de sua mente.

Ele caminha para casa, tentando capturar aquilo, seja lá o que for. Tem certeza de que é algo que ele deveria estar fazendo.

Conforme entra na casa, julga ouvir a porta dos fundos, a da cozinha, fechar-se.

Ele dá de ombros.

Talvez seja só a porta batendo com o vento, apesar de ele não chegar a reparar que não há vento.

Ele pendura a toalha sobre a balaustrada para secar ao sol e volta para a cozinha, onde vê que alguém lhe deixou uma jarra daquele chá, e decide que a melhor coisa a fazer é tomar um pouco, para pensar sobre seja lá o que for que ele deveria estar pensando a respeito.

Ele prepara o chá, sem notar de fato que ele tem um sabor levemente diferente, que se tornou um pouco mais forte.

E então ele bebe, e o esquecimento recomeça.

onze

OS DIAS PASSAM.

A ilha é tão linda, pensa Eric, todo dia ao acordar, e toda noite ao deitar-se para dormir. Ele pediu a Tor para lhe trazer um pouco mais daquele chá em uma jarra alta de vidro e está bastante orgulhoso do pequeno ritual que criou para si mesmo toda noite.

* * *

Os dias passam.

O sol arde forte, o verão é jovem e tenro; as folhas e a grama, luminosas e vívidas.

Eric passa seu tempo caminhando pela ilha. Ele cumprimenta pessoas que está começando a conhecer e sorri. De tempos em tempos, ele se abaixa e cheira uma flor nesse ou naquele jardim.

Merle vem visitá-lo às vezes e ele fica tão feliz ao vê-la quanto ao ver qualquer outra pessoa. Havia algo especial a respeito dela, isso é tudo. É assim que o pensamento se forma na cabeça dele. Havia algo especial a respeito dela. Mas não importa. Não de verdade. Ela parece um pouco perturbada, frustrada às vezes, e Eric começa a se perguntar qual poderia ser a causa, porém decide que isso também não importa. Ela deveria ser como todos os outros na ilha. Às vezes ela parece olhar para ele quase com acusação, mas ele não consegue imaginar por quê, ou o que ele poderia ter feito. Eric não tem a energia, sua mente está lenta demais, e ele logo desiste de se preocupar com isso.

As pessoas são sorridentes e belas, e Eric se sente feliz e belo também.

* * *

Seu único outro visitante durante essa época não é uma pessoa.

Uma manhã ele encontra um coelho sentado no meio da trilha até sua porta. Ele olha atentamente e percebe que não é um coelho, e sim uma lebre, comprida e esguia. Está de lado para ele, mas claramente o observa. À espera.

Ele move-se adiante, acreditando que ela vá se assustar e fugir, contudo isso não ocorre. Intrigado, ele aproxima-se de um salto. Ela continua exatamente onde está. Ele está a ponto de chegar junto dela, mas algo nessa lebre é inquietante e, no final, é Eric que dá espaço para a lebre, dando a volta ao redor dela para sair em uma caminhada.

Quando ele volta para casa naquela tarde, a lebre se foi.

* * *

Os dias passam.

Um dia funde-se ao seguinte, o sol infinito abrandando a jornada pelo calendário em um longo coro de júbilo. De beleza, de júbilo e de esquecimento. Sempre esquecimento.

Os dias passam.

doze

É O MEIO DO QUE DEVERIA SER a noite quando Eric subitamente acorda, sonhando que está se afogando.

Ele se levanta de um pulo e sai da cama, e não consegue compreender por que há líquido de verdade em sua boca. Ele cai no chão, engasgando, tossindo, vomitando um pouco da água que sugou para sua traqueia.

A porta do quarto está entreaberta. Será que ele ouve ou imagina passos na escada de madeira? Ele cambaleia até o térreo e encontra a porta da frente escancarada, porém não há ninguém ali. Ele olha para os dois lados da trilha e do outro lado da campina. Contudo, não há ninguém ali.

Cautelosamente, e ainda engasgando, ele fecha a porta e volta para a cama.

Suas cortinas estão fechadas e, quando ele acende a luz no quarto, vê um pedaço de papel no chão, bem no meio do tapete do lado de sua cama.

Está um pouco úmido pela sua expectoração, mas as palavras no papel estão suficientemente claras.

Acorde e se lembre. Você tinha razão. A resposta está do outro lado da montanha.

Ele olha o papel sem entender e balança a cabeça.

– Bem, então é isso – diz ele.

Ele fita o recado por um longo tempo, tentando pensar no que fazer, tentando pensar. Entretanto, está tão cansado, tão cansado, e outra onda de letargia o invade.

Ele volta para a cama, decidindo que a única coisa a fazer é esquecer de tudo isso, e, apagando a luz, fecha os olhos.

Cerca de cinco segundos depois, o líquido que conseguiu chegar a seu estômago entra em ação, e ele sai da cama de novo.

Ele não tem tempo de alcançar o banheiro antes de vomitar violenta e repetidamente no chão.

Seu corpo se arqueia e estremece, dói e chora, e, quando termina, ele rasteja de volta para a cama, onde passa uma noite lúgubre, meio acordado, meio sonhando.

É esse pesadelo desperto ou será o líquido que foi forçado a beber enquanto dormia que dispara uma inundação de memórias, memórias de muito tempo atrás, de outros pesadelos?

Pesadelos que aterrorizaram não apenas ele, como também seus pais devotos e rígidos. Sonhos encharcados de sangue que vinham noite após noite de sua adolescência, sonhos que, ao despertar, pareciam mais reais que os arredores opacos de seu quarto mundano, sua casa cinzenta, sua mãe e seu pai cada vez mais distantes. Sua vida.

Sonhos encharcados de sangue. De outra época. De outro lugar. Outra vida.

treze

É O MEIO DO DIA quando Eric finalmente sente que tem energia o bastante para sair trôpego da cama; contudo, quando o faz, algo clareou-se em sua mente. Ele toma um longo banho quente, tentando pensar, pensar com mais clareza.

Automaticamente sua mão busca os controles do chuveiro. Ele os aciona, vai até o controle da temperatura e lentamente, lutando contra o impulso de não fazer isso, baixa a temperatura, mais a mais, até estar banhando-se no que dá a impressão de ser água gelada. É uma agonia, mas ele se força a continuar até que seu corpo todo esteja tremendo de frio, depois arqueando-se em grandes calafrios espasmódicos. Ele olha para suas mãos. Estão quase azuis.

Ele cai de costas para fora do chuveiro e, tremendo no piso do banheiro, tudo lhe retorna.

Imagens nadam por sua mente – elas são os pedaços partidos de suas memórias fraturadas: a jornada até Bendita, as flores, seu aparelho. Merle.

Ele jaz por uma eternidade no chão, mantendo uma imagem do rosto dela em sua mente. Merle.

A resposta está do outro lado da montanha.

Ele olha pela janela. Está muito quieto, ele supõe que hoje seja um domingo, apesar de já não ter muita certeza.

Essa é a hora perfeita. Em cinco minutos, ele está disparando em sua bicicleta, totalmente ciente de que está precisando pedalar bastante ao abrir caminho pela montanha extremamente íngreme que ele sabe levar ao lado ocidental da ilha.

Enquanto pedala, ele repete o nome dela em sua cabeça, usando-o como um mantra para manter a mente limpa. Merle, Merle, Merle.

No cume, ele tira um tempo para olhar para trás, conferindo se foi seguido, e, satisfeito por não ter sido, abre caminho à força pela vegetação rasteira, procurando pelos olhos nas pedras.

Encontra a primeira rapidamente, e rasteja sobre as mãos e os joelhos para a segunda e a terceira.

Quando chega ao quarto par de olhos, consegue ficar de pé, e no sexto, já está em campo aberto outra vez.

O terreno inclina-se para baixo diante dele, num misto de grama, trechos rochosos, torrões de urze púrpura e pântano. Ele segue os olhos e, em pouco tempo, faz uma curva acompanhando um grande afloramento, e ali está a estreita passagem elevada que o levará à metade ocidental de Bendita.

Mais uma vez ele olha para trás e, sem ver ninguém, apressa-se adiante, meio correndo e meio tropeçando sobre o terreno irregular.

A passagem pode ser artificial. Ele não tem certeza. Parece natural agora, mas não é muito mais do que um amontoado de grandes rochas e pedras menores, contra a qual se formou uma pequena praia de areia. Ali parece que realmente existem duas ilhas, uma separada da outra em algum momento geológico, milhões de anos atrás.

A distância entre elas é curta, e em uma dúzia de passos ele a atravessou e entrou em uma paisagem muito diferente.

Aqui, não existem árvores.

Ele segue os olhos nas rochas, uma série levando-o adiante, pintada sabe-se lá há quanto tempo, e dentro de instantes ele descobre o primeiro segredo da metade ocidental de Bendita. As flores.

Primeiro ele vê apenas uma, depois duas. Segue adiante, trôpego, e vê mais uma dúzia. Em seguida, após uma curva nas rochas, centenas. Milhares.

Ele sabe que deve ser a Orquídea do Pequeno Dragão Bendito. Ela é tão misteriosa quanto seu nome. Um caule alto, com folhas insólitas curvadas no formato de estrelas agarrando-se a ele, e a flor propriamente dita, uma coisa negra e púrpura-escura, contorcida estranhamente. Ele olha atentamente e

pode, de fato, imaginar que é uma cabeça de dragão; existem até pequenas protuberâncias na pétala superior que lembram chifres, e uma língua comprida e negra projeta-se da boca das pétalas superior e inferior como a língua de um dragão, retinta de veneno e maldade.

Ele vai apanhar uma, mas algo contém sua mão. Até o aroma das flores faz seus sentidos girarem e ele se levanta, resolvendo seguir em frente.

O chão afunda-se e ergue-se de novo, e os olhos recomeçam. Parece óbvio segui-los e, após uma breve escalada junto às rochas, ele vê algo que lhe tira o fôlego.

Há uma igreja diante dele.

Não se parece com nenhuma igreja que ele já tenha visto, mas ele sabe que não pode ser outra coisa.

É de madeira, com apenas um andar bem elevado, um telhado de duas águas para o qual ele está olhando de lado. Eric está boquiaberto ao dar a volta na construção, onde uma torreta ou pórtico emoldura a entrada.

O lugar é uma ruína, ele pode ver isso, e obviamente não é usado há anos.

Como um viajante de outra época, ele cambaleia na direção da boca arreganhada do prédio à sua espera e entra.

É como entrar nas mandíbulas de uma imensa baleia de madeira e, se for assim, ele é engolido inteiro pela fera.

A construção em si é apenas um prelúdio.

O que ele vê em seguida é a surpresa real.

Onde deveria ficar o altar está outra coisa, algo massivo, escondido.

Um tecido enorme está jogado sobre algo, escondendo um formato retangular comprido de pé no vasto espaço desse templo.

Eric caminha adiante, sentindo que isso é mais irreal do que qualquer sonho que ele já teve. Enquanto estende as mãos para o canto do tecido velho, cinzento e esfarrapado, puxando-o para longe de seja lá o que for que esteja sob ele, é como se Eric flutuasse acima de si mesmo, olhando para baixo, assistindo a seus próprios atos.

O que está debaixo do tecido é uma pintura.

Absolutamente gigantesca.

Aturdido, Eric dá alguns passos para trás de novo, tentando absorver toda a imagem.

O que ele vê é uma pintura de um horror tão realista, e ao mesmo tempo exibindo uma variedade tão onírica, que sua mente não consegue compreendê-la por completo de uma só vez.

Um clique ecoa na pedra em algum lugar atrás de Eric, então ele se vira.

Tor está na entrada. Atrás dele, Eric pode ver os outros guardiões.

Tor se aproxima e, imediatamente, Eric sabe que o jogo mudou.

– É apropriado – diz Tor – que você deva ver isso. Você deveria saber por que os deuses o trouxeram aqui, para nos ajudar.

Ele volta-se para seus seguidores e dá instruções.

– Cubram aquilo. E peguem-no. A porta, por favor!

De repente o interior da igreja se enche de gente, passando por portas escondidas em ambos os lados de Eric.

Enquanto mãos lutam com o serviço de esconder a pintura sob o tecido mais uma vez, outras mãos fecham-se ao redor dos pulsos de Eric.

Ele tenta lutar, mas é inútil. Eles são muitos; mesmo que ele conseguisse se libertar de seu aperto por um momento, mais mãos o agarrariam.

A coisa mais assustadora é o silêncio deles.

Os olhos nem sequer encontram os dele, eles apenas o seguram com firmeza, três ou quatro de cada lado.

– A porta! – Tor grita de novo, e agora um medo real transfixa Eric.

Ele foi levado para além da pintura-altar, e mais para trás, na parede mais distante da igreja, outra porta se abre.

Emoldurada pelo vão da porta, ele pode ver a curta distância até o mar, que arde em um azul brilhante, porém seu olhar é capturado pelo que jaz entre a porta e o mar.

É uma mesa de pedra.

Agora ele começa a lutar, em silêncio a princípio, depois desesperadamente.

Um medo puro explode de seu estômago, indo para sua boca, dando-lhe vontade de vomitar. Ele luta mais arduamente, contudo, quanto mais ele se esforça, mais apertado as mãos silenciosas o seguram.

Ele está a alguns passos da mesa de pedra, e ali está Tor a seu lado, enquanto ele é puxado de costas na direção da mesa, chutando e agora gritando sem parar.

Eles rasgam a camisa de suas costas, jogam-no sobre a mesa, ainda imobilizando-o ferozmente. A pedra rompe sua pele, o sol quase o cega, porém seus olhos arregalados de pavor têm tempo de ver Tor sacar uma imensa faca recurvada de algum lugar.

Ele a entrega a Henrik, que dá um passo à frente.

Em outro canto de sua visão em túnel ele vê um rosto que conhece. Um rosto que sempre conheceu.

Merle olha para ele, inclinando a cabeça.

Ela sussurra para ele.

Eu te segui.

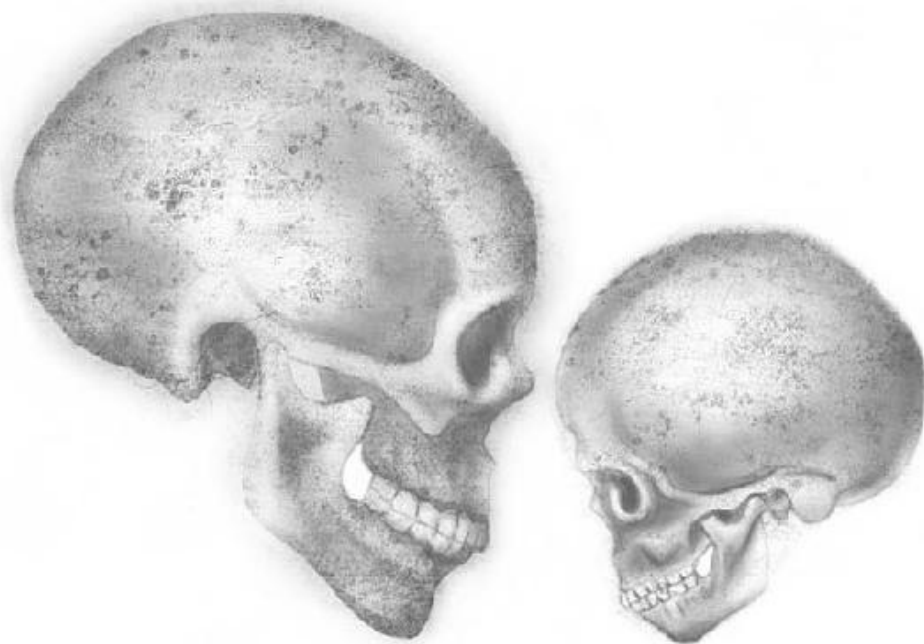
Eric grita e, apesar de sua mente já ter em grande parte deixado de funcionar, um último pensamento a invade, oriundo de tantos pensamentos estranhos.

Eu já vivi isso antes, pensa Eric Sete.

parte dois

O ARQUEÓLOGO

Julho de 2011 – A Lua do Feno



um

O MENINO OLHA para o arqueólogo.

O arqueólogo também olha para o menino, às vezes. No entanto, ele tem trabalho a fazer, e dinheiro e tempo limitados na ilha.

É difícil conseguir financiamento para esse tipo de escavação, pequena e obscura, e só as despesas de viagem devoraram uma boa porção de seu orçamento. Custou-lhe uma fortuna para levar sua equipe até ali, embora ele tenha de admitir estar realmente envergonhado pelo valor irrisório que cobram dele na Casa dos Guardiões – a única hospedaria da ilha.

Sua equipe consiste em três jovens formandos; novamente, porque eles custam pouco. Felizmente, ele também pode dizer com toda a sinceridade que todos os três são escavadores promissores. Eles são: Nancy, uma americana que ele conhece desde que ela entrou na faculdade; Isabella, uma garota alemã de Leipzig, e, finalmente, Mat, que não é da ilha propriamente dita, e sim do continente, a cerca de 150 quilômetros a sul pela costa. Nessa parte remota do país, em que as distâncias são vastas, isso faz dele quase um local.

* * *

Todavia, existe algo no menino que sempre desvia a atenção de Edward.

Todo dia o menino vem até a escavação e fica de pé sobre uma pequena elevação, uma de várias nesse canto da campina, para ter uma boa visão do trabalho deles. Todo dia, por volta do meio-dia, a voz de uma mulher o chama por trás da sebe de um jardim próximo e ele desaparece, presumivelmente para o

almoço. Meia hora mais tarde ele ressurgiu, reassume seu lugar na elevação e passa o resto do dia assistindo.

Ele deve ter mais ou menos 16 anos, Edward supõe, mas é grande e forte, como um homem com o dobro dessa idade. Edward suspeita que haja algo errado com o menino. Ele nunca fala, apesar de seus lábios estarem levemente separados na maior parte do tempo, como se ele estivesse prestes a falar.

Nas mãos dele, como uma criança pequena, ele sempre, sempre carrega um brinquedo de pelúcia. É uma lebre marrom. Ele a segura pelas orelhas compridas, de modo que ela fica suspensa de sua grande palma, pendurada como se crucificada.

dois

É QUASE HORA DO ALMOÇO e, embora eles estejam ali há uma semana, não está indo bem. Novamente, por causa do dinheiro, Edward não pôde trazer todo o equipamento que gostaria.

Na primeira manhã, Mat fez um estudo geofísico da campina, mas a máquina é peso leve e emite sinais um tanto fracos. Enquanto Mat andava para cima e para baixo no meio do feno, espetando os sensores do magnetômetro a intervalos regulares, Edward, Nancy e Isabella se amontoavam ao redor do laptop, tentando proteger a tela da luz do sol, observando o escaneamento do campo emergir lentamente.

Não havia muito em que se basear, na verdade, mas Edward decidiu cavar duas trincheiras a poucos metros uma da outra, atravessando alguns elementos evidenciados pela pesquisa de Mat.

Edward observa-as agora, Nancy e Isabella, trabalhando lado a lado na trincheira número um. Nancy é alta, magra e meio sossegada. Não é que ele a julgue preguiçosa, ela trabalha tanto quanto os outros dois, é só que tudo o que ela faz é feito calmamente, com facilidade. Ela é lânguida.

Isabella é gótica. Ela tem um piercing no nariz e cabelo cor-de-rosa, e sempre se veste de preto. Brincos esquisitos e cortes de cabelo atípicos não são incomuns na profissão dele, ele sabe, mas algo no jeito com que ela conseguiu desenvolver um estilo de se vestir para trabalhar no campo seguindo a moda gótica o diverte. No entanto, ela é uma boa trabalhadora, sempre sorrindo. Uma vez ele lhe perguntou se ela não era feliz demais para ser uma gótica, de verdade, e o excelente inglês de Isabella a deixou na mão pela primeira vez.

– Desculpe, como é? – dissera ela.

– Ah, pode me ignorar – respondera Edward.

Mat, decidiu Edward, é ótimo. Ele é exatamente o que parece ser. Um rapaz alto, bonito e sorridente do interior. Inteligente o bastante para ter partido para a cidade grande a fim de se educar, mas ainda veio sem perder a generosidade digna de confiança de sua gente.

Ele fala cuidadosamente, como se considerando tudo, e está no momento exibindo uma barba comprida e cabelos longos, igual um fugitivo de uma comunidade dos anos 1970, embora, felizmente, uma onde eles não acreditavam que o sabonete é uma ferramenta de opressão do capitalismo.

Edward olha melancolicamente para Mat e, embora as garotas sejam bonitas, Nancy em especial, é em Mat que ele pensa com mais frequência, porque ele deseja que tivesse sido mais como Mat quando era mais jovem.

Se tivesse sido mais como Mat, mais confiante, talvez não tivesse perdido suas oportunidades na vida, oportunidades que às vezes surgem apenas uma vez. Às vezes há momentos únicos, pensa ele, em que seu caminho se divide, sua vida pode ir em um rumo muito diferente do outro. Dar certo, em vez de ser um fracasso. E se você perde essas oportunidades, pensa ele, bem, será que acabou?

* * *

Seus devaneios são perturbados pela voz da mulher, chamando por trás da sebe. Ele nunca a viu; o jardim dela termina na campina, e ele acha que o telhado que eles podem ver logo além pertence à casa do menino.

Ela torna a chamar.

– Eric!

O menino deixa seu promontório e entra para o almoço.

– Eric!

três

NAQUELA NOITE, os quatro arqueólogos sentam-se ao redor da mesa de jantar comunitária na Casa dos Guardiões.

O proprietário é um velho gentil, sua esposa é a cozinheira; toda noite, eles preparam e servem algo simples, mas delicioso, tudo vindo da ilha, uma ilha que parece ter tudo o que sua pequena população precisa: ovelhas e bodes para carne e leite, uma abundância de peixes no mar, lagostas e até mesmo ostras. Os campos são cheios de trigo, amadurecendo suavemente, e há pomares de frutas e hortas com vegetais.

Quando Edward tentou oferecer um pouco mais por sua comida e alojamento, o proprietário não quis nem ouvir.

– Nós fazemos as coisas de outro jeito por aqui – disse ele. – Para que eu preciso de dinheiro? Temos o suficiente para cobrir nossos custos e vocês são visitantes bem-vindos à nossa ilha. Isso é o bastante para nós. Ficamos sempre felizes com visitantes. Nossa pequena população vem diminuindo, sabe. Costumávamos ser muitos, mas agora não nascem muitos bebês em Bendita.

Ele sorriu.

* * *

É um lugar extraordinário, decidiu Edward, e pergunta-se se é o tipo de lugar para onde ele gostaria de ir após se aposentar um dia. Talvez não. Podia ser um pouco simples demais, quieto demais, até para o gosto dele.

Há sempre algo um pouco estranho sobre lugares remotos, pensa ele. Aquela impressão de que as coisas ocorrem de modo diferente. Isso é tudo, apesar de, mais cedo naquele mesmo dia, um homem ter começado a cortar o feno na campina, não com um trator e uma ceifadeira, mas com uma foice, como se estivéssemos em 1911, não em 2011.

E também tinha o fato de o sol estar a pino quando deveria estar na cama. Aquilo bagunçava mesmo com seu sono e presumivelmente significava que, no inverno, fosse uma escuridão perpétua, para compensar. Disso ele sabia que *não* gostaria.

Eles receberam permissão para escavar na ponta mais distante da campina, porém apenas por duas semanas; já tinham usado metade de seu prazo.

– Conselho de guerra – diz Edward, enquanto todos afastam seus pratos. – Precisamos encontrar alguma coisa e rápido, ou essa escavação será cancelada, e eu, junto.

Ele sorri, sombrio.

– E então, o que faremos?

Edward suspira. Está ficando velho demais para dias longos nas trincheiras sem nada para mostrar como resultado. Antigamente ele teria ficado empolgado de qualquer maneira, só de estar com a espátula em suas mãos e terra debaixo das unhas. Ele olha para seus três jovens cúmplices ansiosos.

– O que vocês acham, gente? Nancy, Isabella, como está a vida na trincheira um? Algo dando motivos para ter esperanças?

Nancy balança a cabeça. Languidamente.

– Não. Eu sei que encontramos alguma resistência quando Mat fez o geofísico, mas estou em dúvida. Sem ofensa, Mat.

Mat levanta a mão.

– Não me ofendi. O equipamento é...

Ele para, percebendo tratar-se de uma crítica implícita a Edward.

– É uma droga – completa Edward. – Não se preocupe, eu peço desculpas. É tudo o que podíamos bancar para transportar.

– Sei que não é assim que se deve fazer isso – diz Isabella –, mas eu adoraria dar uma olhada em algumas das elevações em volta da borda do campo.

Edward sorri internamente pelo excelente uso da expressão popular. *Dar uma olhada.*

– Não, Isabella, não é assim que deveríamos fazer isso. Arqueólogos sérios não partem para simplesmente “dar uma olhada”...

Edward toma outro gole de cerveja.

– Ouçam, eu sou o chefe. Vou pensar esta noite e decidir um novo plano para amanhã, certo? Ao menos o tempo esteve ótimo. Podemos todos voltar para casa sem nenhum artefato, mas com um bronzado lindo. Até você, Isabella.

Eles riem.

Isabella finge olhar feio para Edward, depois sorri também.

– Sim, mas sabe, ainda que estivesse chovendo, eu aposto que aquele menino ainda estaria lá de pé, nos observando.

Todos concordam.

– Eu acho ele meio assustador – diz Nancy.

– Não. Não seja má – diz Mat. – Ele é legal. Só está interessado.

– Mas aquele brinquedo... Ele deve ter o quê, 15, 16 anos? Aquilo é meio esquisito, não é?

Edward assente, mas não diz nada.

– Sim – diz Isabella –, mas tem algo estranho com ele. Os olhos dele.

– Os olhos dele? – pergunta Nancy.

– Isso, os olhos – diz Isabella. – Aqueles olhos... parece que ele sabe de tudo, mas não diz nada.

É um comentário que Edward acha desconcertante, porque ele estava a ponto de dizer a mesmíssima coisa.

quatro

NO DIA SEGUINTE, Edward levanta-se cedo e serve-se de café da manhã. Ele deixa um recado para os outros se juntarem a ele na escavação e parte da Casa dos Guardiões pela alameda que passa ao lado da campina até a ponta mais externa, onde eles têm escavado.

Ele quer ficar de pé naquele ponto.

Ele passou a noite toda semidesperto, lutando com que decisão tomar. Abandonar as duas trincheiras e começar outras, ou perseverar. É uma decisão difícil, porque não existe um bom motivo para escolher uma opção ou a outra.

E ele veio cedo para o local, sem os outros, porque está envergonhado demais para confessar que tudo o que ele quer é ficar ali de pé e orar para os deuses da Arqueologia por um sinal sobre o que fazer.

É uma manhã levemente úmida, mas o sol já está alto, é claro, e o orvalho começa a evaporar da campina. Será outro dia quente.

Edward supervisiona a escavação e o campo em geral. Ele se admira com o local, porque se ele fosse Deus (apesar de estar feliz por não ser) e estivesse projetando uma ilha, Bendita seria exatamente o que ele teria desenhado. Ela tem dois grandes portos naturais, um em cada extremidade da ilha, e vários outros menores ao longo de sua costa. Possui uma alta cadeia de montanhas a oeste, uma menor a leste, e entre elas um vale, que se achata na campina em que eles estão escavando; um abrigo protegido natural, que os vikings usavam no inverno. Uma escavação em 1902 encontrou evidência do que está escrito nas antigas sagas: que, após uma longa temporada de pilhagem ao sul e a leste, eles se apressavam de volta à ilha e arrastavam seus barcos para cima até a campina,

para passar o inverno em segurança. Ele imagina a cena, imagina os homens, mulheres e cavalos se esforçando para arrastar os navios monumentais para fora da água, subindo para a campina. Os barcos *knarr* eram grandes, mas leves o suficiente para serem carregados por distâncias curtas se necessário. Apesar disso, devia ser uma visão incrível.

Sua atenção volta para o presente e ele pensa o quanto o mundo caminhou em mil anos, o quanto a ilha mudou nesse período. E como vai ser dali a outros mil anos? As pessoas, a maioria das pessoas, sempre presumem que a civilização aumenta gradualmente, que o mundo melhora, torna-se mais pacífico, e com muita frequência isso acontece. Contudo, se há uma coisa que ele aprendeu em seus dias como arqueólogo, é que esse nem sempre é o caso. Às vezes, quando a civilização vacila, às vezes, as coisas voltam a se tornar mais primitivas. Mais primitivas e mais violentas.

Ele fica de pé, as mãos nos quadris, olhando ao redor para o que fizeram até aquele momento, e balança a cabeça.

– Você devia cavar aqui – diz uma voz atrás dele.

Ele volta-se e vê o menino, Eric, em seu lugar usual. Edward subitamente se pergunta se ele estava ali o tempo todo, observando. Ele está tão preocupado, que é possível. Imagina o menino de pé a noite toda, no montículo, banhando-se no luar prateado.

Eric está apontando para seus pés, a lebre nas mãos, como sempre.

– Desculpe. Desculpe, o que você disse?

Mas Eric não responde, e embora Edward tente gentilmente persuadi-lo a dizer mais, ele não se deixa convencer.

– Aqui? – diz Edward, baixinho. – Aqui?

Ele escuta os outros se aproximando, saindo mais cedo para encontrá-lo, e afasta-se de Eric como se sentisse culpa por falar com o menino.

Conforme os outros chegam, ele nota que Eric se move da elevação em que sempre fica para outra, próxima dela.

– Bem, chefe? – diz Nancy.

Edward pausa, pergunta-se se está prestes a dizer o que acha que vai dizer.

– Bem. Esta é a decisão. Mat e eu vamos continuar na trincheira um. Mas eu gostaria, na verdade, eu *adoraria*, que você e Isabella dessem uma olhada naquela elevação. Aquela. Bem ali.

Um momento de silêncio em que ninguém diz nada.

– Há alguma boa metodologia para isso? – pergunta Isabella. Há uma faísca em seu olhar.

Mat e Nancy olham para a grama.

Edward hesita mais uma vez, depois sorri rapidamente.

– Absolutamente! Mas não temos tempo para discutir isso. Então vamos cavar, sim? Cavem!

CINCO

EXISTEM MOMENTOS NA VIDA *de todos, pensa Edward, em que você simplesmente tem que seguir com seus instintos. Especialmente naqueles momentos em que você enfrenta uma decisão com chances iguais de sucesso ou fracasso, se houver ainda que o menor palpite puxando-o em uma direção, é melhor fazer o que esse palpite lhe diz.*

É disso que Edward se convence e repete continuamente.

Várias vezes, Mat precisa chamar a atenção dele de volta ao fosso em que se encontram, porque Edward fica parando e olhando para onde as garotas trabalham, desesperado para ver algo surgir na elevação. Qualquer coisa.

A manhã avança.

O humor se deteriora.

A única palavra que eles escutam é dita pela voz atrás da sebe.

– Eric!

Edward suspira.

– Vamos almoçar também. Começamos mais cedo do que de costume.

Ninguém fala.

* * *

Eric está de volta no novo montículo mais cedo depois do almoço hoje. Eles ainda estão mastigando sanduíches e beliscando batatas fritas quando ele ressurge. Não parece incomodá-lo o fato de eles não estarem trabalhando; ele assiste, tão interessado como sempre.

Finalmente, Edward não aguenta mais.

– Vamos – diz ele. – Vamos dar ao menino algo de que se orgulhar.

Nancy dá uma piscadela para Isabella e bate na lateral da cabeça duas vezes. Languidamente.

* * *

Em meia hora, Isabella dá um berro.

Ela dá literalmente um berro.

– Ah, meu Deus! Acho que encontrei algo.

Encontrou.

* * *

A tarde passa rapidamente, enquanto as duas garotas começam a revelar sua descoberta impressionante. Edward e Mat não conseguem entrar na trincheira para ajudar também, mas abandonaram sua própria escavação; é empolgante demais para não assistir.

Elas encontraram uma pilha de pedras, o tipo de coisa que não parece muito excitante para ninguém, a não ser um arqueólogo.

Uma pilha de pedras, mas um tipo especial de pilha, um *cairn*, e Edward sabe que é muito provável que haja uma descoberta debaixo do *cairn*.

Ele já viu um antes e está impaciente. Todavia, essas coisas precisam ser feitas adequadamente. Primeiro, o resto da terra deve ser removido da área circundando as pedras, e então as pedras devem ser fotografadas e desenhadas em papel quadriculado, e apenas então eles poderão levantá-las e descobrir com certeza se o que eles encontraram é o que Edward pensa ser: uma sepultura viking.

Ele tem uma dúvida. Ele tem uma dúvida porque o *cairn* é pequeno, muito menor do que as sepulturas que ele viu antes. Ele trabalhou em uma que era vasta. Debaixo das pedras jaziam os restos de um barco viking, a maioria da madeira há muito apodrecida, mas óbvia para o olhar de um especialista, ainda assim.

Este era pequeno e mal teria espaço para um corpo, mas algo convence Edward de que ele está correto.

Ele anda de um lado para o outro atrás das garotas, tentando se impedir de dizer a elas o que fazer a cada cinco minutos. Elas sabem o que fazer, porque ele mesmo lhes ensinou. Mat está sendo mais razoável, sentado na grama ao lado da trincheira das garotas, ajudando-as quando pode, e vasculhando o saque quando não pode.

Eric assiste, sem palavras, apesar de às vezes erguer a lebre até os lábios.

Finalmente, eles começam a levantar as pedras.

Edward prende o fôlego e, conforme eles retiram pedras suficientes, ele se vira e dá um soco no ar em silêncio.

– É! – resmunga ele, baixinho.

Sob o cairn há um cist, uma câmara mortuária forrada de pedra; exatamente o que ele torcia para encontrar, uma caixa no chão com lousas de pedra servindo como paredes. Essencialmente, um caixão primitivo.

Uma caixa de pedra com uma tampa de pedra.

Edward entra na trincheira.

– Certo, gente, isso vai precisar de todos nós.

Eles se espremem na trincheira de cada lado da tampa.

Seus dedos se curvam sob qualquer excesso da tampa que conseguem encontrar. Suas peles tocam pedra que não viu luz por onze séculos.

Eles estão em silêncio, mas seus olhares se encontram e eles veem a empolgação reprimida um no outro.

Edward está errado, contudo; mesmo com todos os quatro, eles não conseguem erguer a tampa.

Edward endireita as costas, pragueja.

Então, uma sombra é lançada sobre a trincheira. Ele ergue os olhos e vê Eric.

Edward considera a situação. Ele olha para o menino, jovem, mas de aparência forte.

– Você quer nos ajudar, Eric? – diz ele.

Eric não fala nada, mas deposita gentilmente sua lebre na grama e desce para a trincheira com os outros.

Agora está ainda mais apertado, mas eles conseguem encontrar um lugar para se posicionarem.

– No três – diz Edward. – Um...

Mas Eric já está levantando.

Meu Deus, pensa Edward, *como o menino é forte*. Ele pode sentir Eric fazendo a maior parte da força, e eles seguem seu exemplo, empurrando a pedra para cima e depois para o lado, deslizando-a para a grama.

Eles olham.

– Ah, meu... – diz Isabella.

– ... Deus – diz Nancy.

Há ossos dentro do *cist*. São ossos humanos, compridos.

Eles estão um pouco bagunçados, entretanto, e cada um deles leva um instante para perceber que há mais de um conjunto de ossos no caixão, mas é verdade, pois debaixo deles, na caixa de pedra, há *dois* crânios.

Eles começam a decodificar o que estão vendo.

Há um crânio e esqueleto maior, e um menor.

– Estão pensando o que eu estou pensando? – pergunta Nancy.

Edward não diz nada.

– Sim – diz Mat, simplesmente. – O maior está segurando o menor. É o que me parece.

* * *

Eric dá um passo para trás, apanha sua lebre e vai ficar de pé outra vez em cima de seu novo montículo.

Ele balança a cabeça suavemente.

– Bem, então é isso – diz ele, apesar de ninguém escutá-lo.

SEIS

NAQUELA NOITE, quando eles terminam o trabalho, Edward envia os outros de volta à Casa dos Guardiões sem ele.

Tem algo que ele quer fazer.

Enquanto todos guardam suas coisas, ele repara que Eric já se foi, mas ele sabe onde o menino mora e toma um caminho um pouco diferente para fora da campina, entrando na alameda e subindo os degraus para a porta da frente da casa de Eric.

Ele bate e aguarda.

Está quieto lá dentro e ele se pergunta se cometeu um engano, quando escuta passos leves e a porta se abre.

Uma mulher está diante dele. Ela tem mais ou menos sua própria idade e um rosto franco e bondoso.

– Sim? – diz ela. – Ah, eu sei quem é você. Você é o arqueólogo, não é? Falando no diabo! Eric tem me contado tudo a seu respeito. Por que não entra e toma um pouco de chá?

Edward fica um pouco aturdido. No mínimo, porque não consegue imaginar Eric falando muita coisa.

– Eu... isso é muito gentil. Eu só queria vir agradecer ao Eric pela ajuda dele hoje. Nós não teríamos conseguido sem ele.

A mulher ri.

– Não se preocupe com isso. Eu é que deveria estar agradecendo. Por favor, entre e tome um pouco de chá. Nós não recebemos muitos visitantes.

Edward acha isso surpreendente, pois a mulher é adorável. Sim, ela é de meia-idade, assim como ele, mas as linhas ao redor de seus olhos parecem apenas destacar a elegância deles. Porém, talvez Eric mantenha as pessoas à distância, talvez algumas pessoas não fiquem confortáveis com alguém como...

Alguém como o quê?

Edward se censura. Ele é apenas outro ser humano, ele é diferente, à sua própria maneira. Exatamente como todo mundo. Apesar de ele ainda estar surpreso pelo fato de a mãe de Eric dizer que ele tem tagarelado sobre a escavação.

– Eu me chamo Edward – diz ele, estendendo a mão.

Ela a aperta com firmeza.

– Eu me chamo Merle – diz ela.

sete

ERIC SENTA-SE À MESA do outro lado da cozinha, brincando com sua lebre. De perto, Edward vê que ela é bem velha; o menino provavelmente a tem desde que era um bebê. Ela está esfarrapada e rasgada, e obviamente foi consertada muitas, muitas vezes.

Eric faz a lebre saltar pela mesa para um lado, depois de volta, seus lábios movendo-se sem palavras, como se falasse magias para o brinquedo.

– Sim, estou falando sério – diz Merle, enquanto prepara o chá. – Não consigo me lembrar de quando ele esteve tão interessado em algo. Quando algo o deixou tão feliz.

Feliz?, pensa Edward.

Ele não parece especialmente feliz; por outro lado, talvez ele tenha seu próprio jeito de demonstrar. Não temos todos?

– Ele disse que te ajudou a levantar uma pedra grande...?

– Ele praticamente a levantou sozinho. Mas sim, é isso mesmo.

– Ele é um menino forte, isso é fato – diz ela. – Bem, Eric e eu aceitamos seu agradecimento, não é, Eric?

Ela diz alto para a sala de jantar, onde Eric está sentado.

Ele levanta o olhar brevemente e aquiesce. Em seguida, continua brincando com sua lebre.

– Mas não é por isso que vim agradecer, na verdade.

– Ah, é?

Edward faz uma pausa. Esta é a parte complicada. A parte em que ele admite que jogou fora 26 anos de treinamento profissional porque um idiota lhe disse

onde cavar.

Idiota? Ele se odeia por sequer pensar na palavra. Fustiga a si mesmo.

Ele olha para Eric.

Tosse.

– O negócio é... o negócio, Merle, é que Eric nos disse onde escavar, e nós encontramos algo espantoso. Não estávamos tendo nenhuma alegria, nada. Não encontrávamos nada, e então Eric me disse onde escavar essa manhã, e abracadabra! Conseguimos essa descoberta incrível.

Talvez Merle não compreenda o que ele está dizendo, não entenda como a Arqueologia funciona, porque ela não parece interessada na dica de Eric.

– O que vocês encontraram?

– Uma sepultura viking. Nada incomum em si, mas essa é bem singular. Nunca vi nada parecido antes. Na verdade, talvez eu esteja fazendo minha carreira aqui. Finalmente. Eu não acho que alguém já tenha visto algo semelhante. Até hoje.

– Bem, então – diz Merle – você terá que agradecer ao Eric por isso também. Eric, você ouviu isso? Você tornou esse homem simpático famoso! Isso não é legal?

– Obrigado, Eric! – diz Edward, rindo, mas Eric franze o cenho. Ele se levanta da mesa e sobe as escadas correndo.

– Eu o chatee? – pergunta Edward. – Desculpe. Eu...

Merle balança a cabeça.

– Ele é difícil de entender. Não se preocupe, ele está bem. Ele fica assim às vezes. É muito tímido, sabe. Muito tímido.

Edward quer perguntar uma coisa, mas não sabe como dizer. Entretanto, está genuinamente interessado no menino, gosta dele, apesar de mal conhecê-lo.

– O que... digo – diz ele, atrapalhando-se com as palavras –, ele era...?

– Você quer dizer por que ele é assim? – diz Merle. Ela não está ofendida. – Não se preocupe. Fico contente, na verdade, que você tenha perguntado de forma direta. A maioria das pessoas fica enrolando ou nos evita completamente.

– Pior para eles – diz Edward em voz alta, antes que se dê conta do que está dizendo.

Merle hesita. Uma pequena luz surge em seus olhos.

– Você tem razão, Edward, pior para eles.

Ela toca o antebraço dele muito gentilmente, muito brevemente.

– Ele não nasceu assim. Nasceu o que aquele outro tipo de gente chamaria de normal. Aconteceu quando ele tinha dois anos.

Ela hesita de novo por um momento, lembrando.

– Era esta época do ano. A lua do feno. Eles tinham começado a cortar o feno na campina, e Eric... Eric... Eu não conseguia encontrá-lo. Ele estava aqui num minuto, e eu jogava a lavagem no jardim, e então ele sumiu. Eu não conseguia encontrá-lo. Eu fiquei desesperada, mesmo, sabe. Como mãe, isso é... Bem, enfim, o que me lembro em seguida é de ter ouvido gritos vindo da campina. Corri lá para fora – disse. – Era lá que o Eric estava. Ele tinha engatinhado para dentro do feno. As plantas estavam altas e ele devia ter se escondido. Alguém o atingiu com uma foice ali na grama. Ele não se cortou, graças a Deus; a foice o acertou na volta. Atingiu sua cabeça. Ele estava inconsciente, nós pensamos que ele não iria...

Ela pausa outra vez.

– Eu sinto muito – diz Edward. – Eu não deveria ter perguntado.

– Não, está tudo bem. De verdade. É só que eu não conto essa história há um bom tempo. Ninguém está interessado, sabe.

– Eu estou – diz Edward, baixinho.

Merle balbucia a palavra “obrigada”.

– Quando ele acordou, soubemos imediatamente que havia algo errado. Ele ainda era o nosso menininho, mas tinha mudado. Conforme ele cresceu, isso foi ficando cada vez mais óbvio.

– E o que ele estava fazendo no feno, afinal?

– Quem vai saber? Quem sabe como funciona a cabeça de uma criancinha pequena? Mas, bem, eu sempre pensei que fosse por causa das lebres. Você já viu as lebres? Na ilha?

Edward balança a cabeça em negativa.

– Bem, fique de olho; há muitas delas, e Eric era fascinado por elas, mesmo quando ainda era pequenininho. Elas geralmente sentam-se na grama mais comprida da campina, antes que seja cortada. Quando o corte começa, é possível vê-las fugindo para se esconderem em algum lugar. Acho que Eric queria ser uma lebre, só isso.

De súbito, Merle agarra a mão de Edward, ansiosa.

– Eu o amo tanto. Eu faria qualquer coisa por ele, sabe? Você tem filhos, Edward?

Ele balança a cabeça. Pensa na mão dela na sua.

– Eu simplesmente não consigo me aproximar dele. Não do jeito que uma mãe deveria. Ele se afasta de mim, como se estivesse em uma jornada a algum lugar, um lugar aonde não posso segui-lo. Vendo coisas que eu não consigo ver. Não sei explicar.

Ela se interrompe, depois tenta de novo.

– É como amar alguém de outro mundo.

Há uma longa pausa, e então Edward sabe que há outra coisa que ele deve perguntar, algo que não foi dito, mas está implícito em tudo desde o momento em que ele atravessou o umbral dessa casa silenciosa de filho e mãe.

– Quem o atingiu?

Merle não responde. Ela meio que se vira, inclinando a cabeça. Mas Edward não consegue desistir da pergunta.

– Quem foi, quem o atingiu com a foice? Digo, foi um acidente, é claro, mas quem foi?

Novamente Merle faz uma longa pausa antes de responder.

– Foi o pai dele. Meu marido.

– Onde ele está agora? – murmura Edward, tão baixinho, que mal pode ouvir a própria voz.

Os olhos de Merle ficam marejados.

– Ele não conseguiu lidar com o que fez ao nosso menininho. Ele... se foi.

orto

DURANTE O JANTAR, os quatro discutem a descoberta, o que ela significa, como proceder; apesar do entusiasmo, a mente de Edward está apenas parcialmente no trabalho. A outra parte de seus pensamentos está em uma casa junto a um prado, a outra parte de seus pensamentos está naquele prado de feno, 14 anos atrás, enquanto um menininho engatinha pela grama alta e se aninha para dormir com suas amigas, as lebres.

Os outros falam.

– Tem um adulto e uma criança, isso está claro – diz Mat.

– Não, pode ser uma mulher pequena – diz Isabella. – E não sabemos o sexo de nenhum deles ainda. Amanhã, se retirarmos o crânio, seremos capazes de dizer algo a partir dele.

– Ossos do quadril também são úteis.

– Às vezes.

– Bem, meu palpite – diz Nancy – é de que se trata de um pai e um filho. Eles devem ter morrido ao mesmo tempo, talvez de doença, e foram enterrados juntos. A criança nos braços da mãe. Ou do pai.

– Isso é tão triste.

– Mas também é meio que legal – diz Nancy. – É tão protetor. Como se o pai estivesse mantendo a criança a salvo. Mesmo na morte. Vocês já leram sobre aquela sepultura mesolítica com o esqueleto de uma criança depositado sobre a asa de um cisne? Acho isso lindo também. Como se a asa fosse levá-lo até o paraíso.

Finalmente Edward sai de seu transe.

– Bem, sabemos o que sabemos, e o que não sabemos vamos descobrir. Amanhã, Nancy e Isabella vão prosseguir com os ossos. Mat e eu continuaremos com a trincheira dois. Não tem espaço para nós no cist, e nós iríamos apenas atrapalhar.

– Tem certeza? – diz Nancy.

– Absoluta. Mas vamos fazer tudo da maneira apropriada. O que significa que eu preciso ligar para a universidade amanhã cedo, e significa que dentro de três dias, quatro no máximo, muitas outras mãos estarão por aqui, arrastando-se pela nossa descoberta.

Os três ficaram ultrajados.

– Vamos lá – diz Edward. – Vocês sabem como isso funciona. Vão ter que se acostumar com isso. Mas olhem por este ângulo: durante os próximos três dias, possivelmente quatro, ela é toda nossa, então vamos fazer o que pudermos nesse ínterim.

Ele dá uma piscadela.

* * *

Eles estão contentes com sua descoberta, mas não têm noção de que no dia seguinte encontrarão algo tão extraordinário quanto ela, apesar de não ter 11 séculos de idade.

Terá apenas 60 anos, e é letal.

NOVE

ELES PASSAM O DIA SEGUINTE trabalhando cuidadosamente na escavação. Enquanto Nancy e Isabella começam a retirar os ossos, Mat e Edward começam a fazer algum progresso em sua trincheira.

Mais uma vez, Eric assiste de uma elevação, agarrando sua lebre com força.

Eles estão bem fundo agora; descobriram algo que parece madeira cortada, não tão excitante quanto a outra trincheira, mas possível evidência de um assentamento, e, se eles quiserem esclarecer a imagem completa do cist, também terão que construir uma impressão do ambiente ao redor dele.

– Devemos escorar? – Mat pergunta a Edward, no meio da manhã.

Edward examina a trincheira.

– Ainda não. Não. Se estivéssemos mais fundo, ou se o substrato fosse menos coeso, eu diria que sim.

Mat não parece convencido.

– Tem certeza? Fomos bem mais fundo, essa manhã mesmo.

Edward sabe que o rapaz está correto, na verdade; o fosso é profundo. Mas eles não têm tempo para ir comprar madeira no continente, fazer as escoras e encaixá-las, quando tudo o que ele quer mesmo é ver o que os ossos estão mostrando.

– Estamos bem. Vamos seguir em frente.

Mat dá uma última olhada no nível do solo, agora um pouco acima de sua cabeça, e de novo para a escada que eles utilizaram para descer à trincheira; em seguida, ele se abaixa de novo para fazer seu trabalho.

* * *

Eric está de sentinela, vigiando Nancy e Isabella. Ele se aproximou um pouco mais hoje e segura a lebre com força junto do peito, acariciando suas costas de vez em quando.

As garotas erguem cada osso com muito, muito cuidado, como se eles fossem perigosos, porque são tão frágeis, que podem se despedaçar a qualquer momento.

Até onde elas podem ver, não há nenhum resquício de roupas, mas pode haver fragmentos microscópicos identificáveis posteriormente no laboratório.

E então Nancy vê algo.

– Olá – diz ela. – O que você é?

Exceto pelos ossos, a sepultura parecera vazia, porém agora que elas haviam desembaraçado os braços do homem dos braços da criança (como ela gosta de imaginá-los) e erguido o crânio e as costelas da criança, ela tinha uma visão melhor do adulto.

– Tem alguma coisa aqui! – anuncia ela.

Edward não escuta, mas Mat, sim.

– Elas encontraram algo. Devemos sair para ver?

– Não... – diz Edward. E então: – Sim, droga. Vamos lá.

– Eu vou pra lá logo em seguida – diz Mat. – É só terminar isso aqui.

Edward sai primeiro, subindo a escada e indo para o cist. Mat volta-se para segui-lo e está no meio da escada quando algo captura seu olhar.

Na extremidade da trincheira, atrás da escada, logo abaixo da superfície, algo projeta-se do solo.

Ele puxa sua espátula do bolso de trás e arranha de leve.

O que ele vê o intriga tanto, que ele dá outro arranhãozinho. E outro maior. Ele vê metal, e agora cuidadosamente cavouca um naco de terra da lateral do metal.

Ele percebe para o que está olhando e dá um pulo, apavorado. Seus pés escorregam nos degraus úmidos da escada e ele cai, debatendo-se na terra

durante a queda, deslocando uma vasta seção da parede, que desmorona de maneira aberrante.

Ele grita, mas já está caído no fundo da trincheira, coberto até o peito na queda.

Agora, exposta quase pela metade, a parte de trás de uma bomba pende sobre sua cabeça.

NAQUELE MOMENTO, Nancy estava prestes a mostrar a Edward o que encontrara na sepultura. Os restos frágeis e esponjosos de madeira entre os ossos do esqueleto adulto.

Uma parte no peito, outra entre as mandíbulas.

* * *

Eles escutam o grito de Mat, a terra rolando, e, desse momento em diante, tudo é um borrão.

* * *

Em um instante, eles estão no fosso.

A princípio, ficam simplesmente aliviados ao ver que Mat não está coberto de todo, conforme absorvem a bagunça de lama, Mat e a escada. A seguir, veem o horror no rosto dele, que aponta sem palavras para o projétil, agora pendendo na parede desabada, exatamente acima da cabeça dele.

– Ah, meu Deus – diz Edward, em uma voz minúscula.

E então ele grita.

– Vão! Para a casa de Eric. A mãe dele pode ligar para o serviço de emergência. Vão!

As garotas correm e Edward dá a volta para o lado ligeiramente mais seguro da trincheira.

– Mat. Vai dar tudo certo. Elas foram buscar ajuda. Elas vão conseguir ajuda.

Mat está assustado. Em choque pela queda, talvez com algum osso quebrado também.

– Edward – diz ele. – Edward, Edward...

– Logo a ajuda vai chegar – diz Edward, lembrando-se a seguir de que isso provavelmente não é verdade. Não existe sequer uma delegacia na ilha, o que significa que terão que enviar um barco do continente, de Skarpness, o que levará pelo menos meia hora.

Ao pensar nisso, Edward ergue os olhos para a ponta mais distante da trincheira, para a bomba, e naquele exato momento escuta um grito.

O grito é de Merle, correndo pelo campo.

Ela está gritando porque Eric está se ajoelhando na trincheira, junto à bomba.

Nancy e Isabella alcançam Merle e agarram seus pulsos, arrastando-a para trás, tentando impedi-la de ir até Eric.

– Não! Eric, não! – lamenta ela.

Nancy a puxa para trás com força, já não mais lânguida.

Edward olha para Eric do outro lado do fosso.

Não existe maneira de precipitar-se sobre ele, alcançá-lo a tempo. Ele pensa rápido, fala com calma, porém de modo firme.

– Não, Eric. É perigoso. Vá até sua mãe agora, Eric. Aqui está perigoso.

Mat está estendido no fundo da vala, compreendendo totalmente a situação.

– Edward, Edward, Edward – choraminga ele, repetidamente.

– Eric, não!

Eric não faz caso de Edward.

Ele se inclina e fecha os dedos ao redor da barbatana caudal do projétil enferrujado, lançado por um bombardeiro nos estágios finais da Grande Guerra.

Agora, ninguém ousa respirar. Até Merle ficou quieta, apesar de ainda lutar para se soltar.

Na trincheira, Eric se levanta.

A bomba está em suas mãos.

Edward também fica de pé, suas pernas ficando bambas.

Eric olha para ele.

– Eric. É perigoso.

Como resposta, Eric enfia sua lebre no bolso da jaqueta, depois segura novamente o projétil com as duas mãos.

No fosso, Mat está gemendo.

Acima dele, Edward, Merle, Nancy e Isabella assistem enquanto Eric atravessa a campina com a bomba por explodir, dirigindo-se para o cais.

Em câmera lenta, eles o veem subir os degraus para o cais, caminhar lentamente pelo píer de pedra, passar por todos os barcos pesqueiros e parar, uma figura solitária e isolada contra a paisagem marinha mais além.

Ele solta o projétil na água, onde ele penetra de imediato e em silêncio, desaparecendo de vista quase sem respingo, e, calmamente, Eric volta para a campina.

Enquanto eles correm para encontrá-lo e lançar seus braços ao redor dele, Eric está mordendo a orelha de sua lebre.

– É perigoso, mamãe – diz ele.

Merle chora, e chora, e Edward chora também, depois se recompõe. Ele é o responsável aqui.

– Eric, você é tão forte! Precisamos tirar Mat do buraco. Você consegue fazer isso? Consegue nos ajudar?

Eric assente.

* * *

Mais tarde naquele mesmo dia, quando todos já haviam se acalmado, eles sentam-se ao redor da mesa na casa de Merle.

Mat está bem, apenas um joelho contundido como resultado de seu quase sepultamento prematuro. Todos estão tomando chá de ervas, que Merle garante ser a melhor coisa para os nervos.

– Vai ajudá-los a dormir esta noite – diz ela. – Você também, Eric. Beba.

Ela se levanta e fica atrás de seu filho, colocando as mãos nos ombros dele.

– Seu garoto bobo – diz ela, tentando soar alegre. – Você poderia ter se machucado. Poderia ter morrido.

Eric vira-se e olha para a mãe.

– Não. Eu não poderia morrer. Eu ainda não sou o último.

Nancy e Isabella olham para Edward em busca de alguma explicação. Ele balança a cabeça.

– Não se preocupem com Eric – explica Merle. – Às vezes ele diz coisas que não fazem sentido para mim.

– Eu não queria que ele fosse de nenhum outro jeito – diz Edward, colocando o braço em volta de Merle, porque simplesmente parece a coisa certa a fazer.

Ele nunca teve um filho seu. Achou que sua época havia ficado para trás. Mas quem sabe, pensa ele, talvez ainda não seja tarde demais.

Ele sabe que ficaria orgulhoso de chamar Eric de seu filho, ainda que ele diga coisas esquisitas às vezes.

Eric sorri.

– Eu ainda não sou o último – diz ele, outra vez.

parte três

O aviador

Agosto de 1944 – A Lua dos Grãos



um

ESTÁ ESCURO QUANDO o avião cai do céu.

Acima dele, estronda uma tempestade, porém é uma tempestade artificial; o trovão e os relâmpagos são bombardeios e balas traçantes.

Conforme ele cai como uma folha em um vendaval de outono pelo frio ar noturno, ele revira-se levemente em seus cordões, o paraquedas suspirando suavemente para ele lá do alto. Ele assiste à tempestade, os lampejos acima dele, os lampejos abaixo dele.

Um daqueles lampejos será o seu Supermarine Spitfire, e ele tenta conter a sensação de medo e perda que esse pensamento lhe dá. Minutos atrás ele era uma fera rugindo, um tigre do céu; agora ele será uma fogueira queimando ao redor de um motor Rolls-Royce de doze cilindros, retorcido e quebrado.

Ele tenta descobrir o local onde pousará, mas está escuro e os clarões dos relâmpagos servem apenas para cegá-lo ainda mais.

E então o chão está logo ali, e não há tempo para se preparar.

Ele está inconsciente antes mesmo de sentir a dor.

dois

FLUTUANDO ENTRE A VIDA e a morte, os sonhos do aviador são tão distorcidos e quebrados quanto seu avião de caça, que ainda fumeja em uma montanha a 1,5 quilômetro de distância. Ele tem estranhas visões do céu e do inferno, e tem um pesadelo em que foge, mas não consegue correr, enquanto algo o persegue através de poços flamejantes.

Ele geme durante o sono e se debate loucamente, perturbando a lebre que está sentada ali perto, observando-o, os olhos grandes piscando na noite quase sem lua. Finalmente, quando ele acorda sob a luz do início da manhã, sonha que está sendo devorado por um dragão.

* * *

Ele senta-se e grita, porque seu tornozelo está quebrado.

Uma fera se afasta dele, apressada, e ele vê o dragão de seus sonhos, um cachorro grande, um cão de caça. Ele desaba de costas outra vez e, com sua grossa luva de couro, limpa o rosto, molhado com a saliva do cão.

Virando seu pescoço desajeitadamente, ele vê os cordões de seu paraquedas estendidos sobre um campo de trigo. Ele fez uma bela bagunça e, de súbito, o pânico o domina.

Ele volta a se sentar, dessa vez evitando usar sua perna direita, cujo tornozelo lateja de modo ameaçador.

O cachorro correu alguns passos para longe, mas agora senta-se, observando-o e ofegando alegremente.

Onde diabos eu estou?, pensa ele.

A última coisa de que se lembra é que conseguiu entrar em contato com Petter pelo rádio antes de ter de pular, porém, mesmo então, eles já estavam muito fora do curso, tendo feito uma incursão ao norte para evitar uma patrulha de caças. Quanta má sorte ter encontrado outra! Eles vieram do nada e derrubaram metade da esquadrilha antes que sequer soubessem o que estava acontecendo.

Estavam sobre a costa, só Deus sabia onde, e ele vira as luzes de um pequeno grupo de ilhas, rezando para aterrissar em uma delas, e não no mar, pois aterrissar no mar significaria sua morte.

Ele considera os fatos, suas chances de sobrevivência.

Seu tornozelo está quebrado, ele não pode andar.

Se o seu kit de emergência sobreviveu, ele pode injetar um pouco de morfina, o que, enquanto durar, vai reduzir a dor.

A ilha na qual ele caiu deve ser habitada; é um campo de trigo, aquele é o cachorro de alguém.

Ele sabe que não é o continente, mas poderia ser quase qualquer outro lugar; eles tinham ido muito ao norte antes de o combate aéreo começar.

Ele tentou comunicação com Petter; no entanto, Petter talvez também não tenha sobrevivido.

Ele decide não pensar assim.

Petter Åkare é um bom piloto, e ele sabe que deve ter escapado. Ele vai relatar a posição deles, e então...

Então o quê?

Eles não vão montar uma operação de resgate para um avião desaparecido, mesmo que seja um tenente da Aeronáutica. O melhor que ele pode esperar é fazer contato com forças amistosas, conseguir que a Marinha o apanhe.

Está justamente pensando em tudo isso quando escuta uma voz áspera gritando.

– Skilla! Skilla!

Atrapalha-se para tirar suas luvas.

– Skillaaaa!

É uma voz masculina e soa nervosa, ainda que ele não entenda o que o homem está gritando.

Ele dá um jeito de tirar a luva com os dentes e procura por sua pistola. Entretanto, antes que ele possa abrir o fecho de seu coldre, a luz acima dele é ofuscada pela figura de um homem. Um homem grande.

Ele olha para baixo e assovia.

O cachorro aproxima-se aos pulos, começa a lamber a mão dele.

– Bem, Skilla – diz ele –, o que você achou dessa vez?

três

— **ESPERE AQUI** — diz o homem, e o aviador não tem certeza se está falando com ele ou com Skilla, porque o cão de caça fica, ofegando ruidosamente a seu lado, enquanto o homem se vai.

Ele demora um longo tempo para voltar, e durante esse tempo o aviador pergunta-se se deveria tentar fugir.

— Boa ideia — diz em voz alta para Skilla. — E para onde, exatamente, eu deveria rastejar?

O cachorro arfa mais um pouco para ele, pendurando para fora sua comprida língua rosada.

Quando o homem volta, está com outro homem, mais jovem, possivelmente seu filho. Eles fizeram uma maca com dois troncos finos de pinheiro e alguns sacos.

Sem uma palavra, eles cortam os cordões que o prendem e o levantam na maca. A dor é quase suficiente para fazê-lo desmaiar de novo, mas algo o faz querer ser forte diante desses dois homens quietos. Ele morde o lábio e concentra-se nas nuvens brancas flutuando pelo céu azul acima dele, enquanto eles o carregam para fora do campo de trigo.

Meio delirante, ele olha para o céu, seu lar verdadeiro. É ali que eu deveria estar, pensa. No infinito azul, o motor rosnando à minha frente, o vento assoviando atrás de mim. É por isso que ele se juntou à Força Aérea, realmente. Se era para ele lutar, e se ele poderia vir a morrer, ao menos podia voar como um anjo antes.

É ali que eu deveria estar. Lá no alto.

Agora, todavia, ele está preso à terra, e ainda pior que isso, pois não é capaz nem de andar. Ele é um verme, preso à superfície de uma bola de lama.

Em pouquíssimo tempo, a equipe de resgate composta por homens silenciosos e um cachorro de língua pendente atravessa uma baixa cerca de arame no limite do campo de trigo e entra em um caminho que contorna algumas florestas.

Eles pegam outra trilha e, virando a cabeça para o lado, o aviador vê que estão se dirigindo para a sede de uma fazenda.

Ainda é muito cedo. Ele não consegue enxergar seu relógio, mas pode dizer pelo ângulo do sol, pelo cheiro do orvalho evaporando da grama, pelos cantos matutinos dos galos no terreiro.

Uma mulher sai correndo da casa, olha brevemente para ele e assente para o homem mais velho.

– Rápido – diz ela.

Eles o carregam para dentro da cozinha, colocam sua maca sobre a mesa e a seguir o levantam, colocando-o sentado em uma grande poltrona de madeira. Ele se encolhe quando eles apoiam sua perna machucada em um banquinho, mas está determinado a não fazer alarde.

– Tenente da Aeronáutica D. Thompson, 331º Esquadrão de Caças – diz ele, com toda a elegância que pode, depois percebe imediatamente que está sendo um cretino. Não está encarando a polícia secreta. De pé a fitá-lo estão três fazendeiros: um homem de meia-idade, sua esposa e o filho deles. Todos os três estão perplexos.

Ele sorri.

– Meu nome é David – diz ele.

O fazendeiro aquiesce.

Olha para sua esposa.

– Esta é Rebecka. Este aqui é o Benjamin, meu filho.

Ele pousa uma das mãos no ombro do jovem. David não consegue ficar de pé, mas estende a mão. O fazendeiro não a aperta, só fica onde está.

– Meu nome é Erik – diz ele.

Ele não sorri.

quatro

QUANDO DAVID ACORDA outra vez, está em uma cama.

Ele não faz ideia de quanto tempo dormiu. Depois de o trazerem até a casa da fazenda, Erik mandou Benjamin de volta para o campo de trigo para apanhar o equipamento do avião.

David disse a Rebecka como administrar a morfina e, alguns segundos após a injeção, ele começou a se sentir muito sonolento, a exaustão e o choque finalmente o alcançando.

– Vamos esconder seu paraquedas – disse Erik. – E o seu equipamento.

Contudo, o tenente da Aeronáutica David Thompson já estava adormecido.

– Bem – disse Erik, balançando a cabeça –, então é isso.

* * *

David acorda em um quarto amplo, mas simples, pouco mais do que a moradia de um camponês. O colchão em que repousa é recheado de palha, ele está debaixo de uma colcha branca lisa, cheia de plumas de ganso ou pato; ele pode ouvir ambas as aves no terreiro.

Talvez tenha dormido por 24 horas, o que parece provável, pois está desesperado para urinar. O que apresenta um problema, já que ele não consegue andar.

Ele escuta vozes no térreo, não consegue discernir as palavras, mas o tom é alto, argumentativo.

Ele ouve uma porta bater e, alguns minutos depois, passos no corredor. A porta se abre.

Rebecka coloca a cabeça pela porta, esperando encontrá-lo ainda dormindo.

– Ah! – diz ela. – Então você está acordado, afinal.

– Nunca me senti melhor – mente ele.

– Achamos melhor deixar que descansasse o máximo possível.

– Isso é muito gentil. Vocês são muito gentis, na verdade. Não sei como poderei agradecer.

Algo passa pelo rosto de Rebecka. Ela entra no quarto e começa a arrumar e remexer as coisas, e ele tem uma oportunidade de avaliá-la. Ela tem uma expressão honesta, acha ele. É alta, bem alta, na verdade, e forte. A palavra “robusta” surge em sua mente.

Ele percebe que fora despido; todas as suas roupas estão penduradas em uma cadeira junto à cama, organizadamente. No topo da pilha, até mesmo sua echarpe de seda estampada em um padrão camuflado está dobrada de modo preciso.

Ele sente a urgência de novo e tosse.

– Eu estava me perguntando... – diz ele. – O chamado da natureza, sabe?

Ela fita-o sem entender, depois percebe o que ele quer dizer. Estendendo a mão debaixo da cama, ela retira um grande recipiente de porcelana.

– Você acha que consegue dar um jeito? – pergunta ela.

Meu Deus, pensa ele, horrorizado, *será que ela está se oferecendo para me ajudar?*

Ele sorri.

– Eu me viro – diz ele, brusco.

Ela sai e ele cumpre sua tarefa. Cada segundo é uma agonia.

Quando termina, ele desaba de novo na cama, gotas de suor formando-se em sua testa.

Eu deveria ter pedido para ela me dar outra injeção, pensa ele, mas pouco tempo depois começa a se sentir sonolento de novo, de qualquer forma.

Enquanto vaga de volta para o céu azul onírico outra vez, seus olhos se fixam em suas roupas, nos restos de seu equipamento, e ele repara em algo.

Sua pistola não está ali.

CINCO

QUANDO ELE NOTA que eles lhe deram o próprio quarto, o tenente da Aeronáutica David Thompson insiste em se mudar para outro quarto, qualquer outro quarto.

Ocorre uma longa discussão e finalmente, quando ele começa a içar-se sozinho da cama, dizendo que vai rastejar se for preciso, eles cedem.

* * *

Um pouco depois, ele saltita pelo corredor com Erik de um lado e Benjamin do outro. Eles precisam seguir de lado devido ao corredor ser estreito demais, porém em breve ele é colocado em uma cama menor, em um quarto menor.

Agora ele percebe que é o quarto de Benjamin e começa a protestar de novo, especialmente por terem passado por uma porta fechada que, supostamente, leva a outro quarto, enquanto seguiam o corredor até ali.

– Você é nosso hóspede – diz Benjamin, colocando a mão no antebraço de David. – E você está doente. É verão, e eu estarei muito bem no celeiro. O feno acaba de ser cortado no mês passado, e ele rende uma cama muito macia. Você devia ver as lebres correrem enquanto cortamos o feno! É a minha tarefa favorita. Como elas correm! É uma loucura!

O jovem tagarela sem parar e, pouco depois, David até se esquece sobre o que é que eles estavam discutindo.

Rebecka aparece no vão da porta com o frasco de morfina e a agulha.

– Você é um anjo – diz David, pois a dor piorou de novo. No entanto, conforme adormece, três coisas o preocupam.

Ele não fez nada no sentido de descobrir onde se encontra.

A dor ainda é horrível, e resta pouquíssima morfina.

E eles estão discutindo de novo no térreo. Ele sabe que estão discutindo por sua causa.

SEIS

NO DIA SEGUINTE, David sente-se bem o bastante para se levantar por algum tempo.

Eles o carregam para o térreo e ele se senta à mesa da cozinha, na grande poltrona, com o pé estendido diante de si, em cima de uma almofada sobre um banquinho.

Rebecka cozinha no fogão.

Erik e Benjamin saíram; sempre trabalhando.

David sabe quanto trabalho há para se fazer em uma fazenda; quando ele era menino, passava seus verões em Devon, hospedado em uma fazenda. Agora, ele não faz ideia, pensando a respeito, de por que ele ia para lá. Seus pais iam para algum outro lugar. Também, seus pais sempre estavam em algum outro lugar.

Foi enquanto ele passava aqueles verões na fazenda que soube que queria voar. Pode recordar-se claramente de tomar leite sentado no degrau da porta dos fundos da casa da fazenda. O leite ainda estava morno da vaca e, enquanto sentava-se ali, devia ser o começo da noite, supõe ele, com dúzias de pássaros voando ao redor de sua cabeça. Eles eram velozes, aninhando-se em frestas do telhado da sede.

Até aquele ponto, ele nunca vira um avião; porém, quando viu, um ano mais tarde, mais ou menos, ele soube que era o que queria fazer com sua vida. Isso, e se apaixonar.

De alguma forma, ele também sabia disso quando era um menino.

* * *

Suas memórias são trazidas de volta para o presente.

– Pelo menos me deixe fazer alguma coisa – diz ele para Rebecka. – Eu me sinto terrível apenas sentado aqui, vendo vocês todos trabalharem.

Rebecka dá de ombros, vai até a despensa e volta com uma grande cesta de ervilhas, ainda nas vagens. Skilla levanta brevemente a cabeça de onde está, debaixo da mesa da cozinha, junto ao pé sadio de David.

– Você pode descascar essas ervilhas – diz ela. – Sabe como fazer isso?

David pode ver que ela só está provocando, mas sente-se um pouco alfinetado.

– Sim – diz ele. – Eu sei como fazer isso.

Por algum tempo, eles trabalham em silêncio, David despejando as ervilhas em uma tigela branca, largando as vagens vazias na mesa, e Rebecka picando e moendo no fogão, onde uma panela ferve. Há um cheiro estranho, mas David não chega a notar.

Sua mente está em outros assuntos.

– Por que vocês andam discutindo? – diz ele. – Estão brigando por minha causa, não é?

– Não... – diz Rebecka, mas é interrompida.

– Sim – diz Erik, subitamente preenchendo o vão da porta. – Estamos brigando por sua causa.

David solta suas vagens de ervilha e ergue uma das mãos.

– Ouçam. Estou muito grato a vocês dois, a todos vocês. Mas o que eu posso fazer?

Ele olha para seu tornozelo, percebendo que, na verdade, não faz ideia de quanto tempo um tornozelo quebrado leva para se curar.

– Você não deveria ter vindo para cá – diz Erik, mal escondendo sua raiva.

– Vir para cá não foi exatamente uma escolha minha – diz David. – E por falar nisso, eu nem sei direito onde aqui é.

– Aqui – diz Erik, entrando na cozinha – é um lugar que não faz parte da sua guerra. Nós não escolhemos lutar e matar uns aos outros. Queremos continuar

fora da sua guerra. Neutros. E ainda assim, sua guerra vem para cá de qualquer forma.

David balança a cabeça.

– E o que você quer que eu faça, então? O que eu mais gostaria era de partir voando, posso lhe prometer isso. É só me devolver minha pistola e eu vou embora.

Erik grunhe, vira-se e lava as mãos na pia. Secando-as, ele se volta para David.

– Eu joguei sua arma no mar – diz ele. – Ela faz parte da sua guerra, da sua vida, não da nossa.

– O que você quer dizer com “minha guerra”? O inimigo...

– O inimigo? Existem dois lados lutando nessa guerra, não? Mas sim, apesar de dizermos que não faremos parte dela, temos o seu inimigo em nosso solo mesmo assim. Eles não deviam estar aqui, mas há relatos deles por toda a costa. E eles caçam os soldados inimigos. Aviadores cujos aviões caíram. Exatamente como você. E eles virão procurar por você, e então a sua guerra virá até aqui, até a ilha Benedicta.

Ele bate a mão na mesa diante de David com tanta força, que a tigela branca oscila.

Ele inclina-se na frente de David.

– Eu não quero nada disso.

Ele vira-se e sai da cozinha pisando duro.

Agora também furioso, David grita para ele.

– Onde está minha pistola? O que você fez com a minha pistola?

Todavia, Erik se foi e, amaldiçoando seu tornozelo, David não pode segui-lo.

Rebecka ainda continua no fogão, de costas para a cena, os ombros tremendo.

sete

OS DIAS PASSAM.

A cada dia, o tornozelo de David vai se curando.

A morfina acabou, mas em seu lugar Rebecka tem dado a ele um suprimento constante de um chá preto especial. Todo dia ela pica e mói no fogão, preparando aquele líquido de cheiro um tanto esquisito em uma panela pequena.

Apesar do cheiro desagradável, David é obrigado a admitir que o chá mais do que alivia a dor.

– É um negócio que a minha mãe costumava fazer para nós quando ficávamos doentes – explica Rebecka. – E a mãe dela ensinou a ela, antes disso. Nós temos uma flor muito especial por aqui, ela só cresce na metade ocidental da ilha. Ninguém sabe o porquê, mas ela não cresce desse lado. Olha.

Ela levanta uma flor de aparência bem bizarra, preta e púrpura. Ele acha que lembra uma cabeça de dragão.

– Ela pode fazer milagres, sabe, se preparada do jeito apropriado – diz ela.

Ele até se pergunta se ela está ajudando seu tornozelo a curar-se mais rápido, pois, após apenas duas semanas, ele pode manquitar lentamente pelo corredor e até mesmo descer as escadas, apesar de isso doer bastante.

* * *

Os dias passam.

Eles dão a David algumas roupas velhas de Erik para vestir. Só como prevenção. Elas são grandes demais para ele, que se sente bobo. Mais do que isso, é estranho vestir as roupas de outro homem, especialmente quando esse homem parece te odiar. Porém faz sentido.

– Talvez Benjamin seja mais próximo do seu tamanho – diz Rebecka, olhando-o de cima a baixo.

Naquele momento, Benjamin entra na cozinha.

– Bem – diz Rebecka –, é falar no diabo e aparece o rabo. O que você acha, é melhor darmos algumas roupas suas para o David?

– Acho que ele está bem assim mesmo – diz Benjamin, solene, apenas para cair na risada em seguida.

Rebecka o expulsa dali, batendo em sua cabeça com uma grande colher de pau.

* * *

Os dias passam.

David melhora, mas o humor na casa se deteriora.

As discussões continuam, David pode ouvi-las à noite, pelo corredor que dá no seu quarto. Ele sabe que precisa fazer alguma coisa, mas não sabe o quê. Quando conseguir andar, ele pode simplesmente ir embora a pé, mesmo que isso signifique caminhar até sua prisão. Ou pior.

Durante as refeições, ninguém fala.

Até Skilla está quieto, espreitando nas sombras debaixo da mesa.

* * *

Por fim, David não aguenta mais a atmosfera e, depois de terminada a refeição noturna de ensopado de frango e pão preto, com grande esforço se põe de pé.

Ele olha para as três pessoas cujas vidas está pondo em perigo.

– Expulsem-me daqui – diz ele. – Não suporto isso, e não posso ficar responsável pela segurança de vocês. Me coloquem em um carrinho e me

joguem de volta nos campos, em qualquer lugar. Vou lutar para sair dessa. Já fiz isso antes.

Ele não fez nada do tipo, mas dizer isso o faz sentir-se corajoso.

Ninguém fala nada, e finalmente Erik pigarreia.

– Sente-se, David Thompson – diz ele.

Então Erik se levanta e vai embora.

– Benjamin, ajude sua mãe – diz ele, enquanto sai. – Tenho trabalho a fazer.

Rebecka coloca a mão sobre o ombro de Benjamin.

– Vá com o seu pai – diz ela. – Eu dou um jeito aqui.

Quando os homens saem, David volta a se sentar. Ele faz isso com grande alívio – está quase chorando pela dor de ficar de pé sobre o tornozelo.

– O que é? – pergunta ele, quando recobra o fôlego.

– Como assim?

– Não é só essa guerra. Essa guerra de que vocês dizem não fazer parte. Vocês podem não querer fazer parte da guerra, mas fazem parte do mundo. E o mundo está em guerra. Não é uma questão do que vocês querem.

Rebecka não diz nada. Ela limpa a cozinha por algum tempo, depois se volta para fitar David, pano de prato na mão, recostando-se contra a pia.

– Erik diz...

– O quê? Que eu sou perigoso? Que eu vou colocá-los em perigo? Ele pode ter razão, sabe. Talvez você devesse escutar seu marido. Me expulsar daqui antes que os soldados venham me procurar.

– Ninguém sabe que você está aqui.

– Tem certeza? E os outros aldeões? Ninguém me viu chegar? Ninguém está se perguntando por que Benjamin está dormindo no celeiro, em cima dos sacos de grão?

Rebecka não responde a isso.

– Ele não é um homem ruim – diz ela baixinho, em vez de responder.

– Eu nunca disse que ele era.

– Mas você tem razão. Não é só a guerra. Nenhum de nós deseja a guerra, mas você tem razão, tem outra coisa.

David sente a tensão na voz dela e o seu próprio coração batendo forte. Ele sabe o que ela está prestes a dizer.

– Você deve ter visto que há um quarto vazio lá em cima...

Ela para, leva a mão à boca, balança a cabeça e pigarreja.

– Benjamin não é, ou não era, nosso único filho. Tínhamos uma filha também. O nome dela era Sarah. Ela tinha 12 anos. Um dia, dois verões atrás, aviões sobrevoaram aqui. Eles estavam sendo perseguidos pelo seu povo. Estavam lutando.

A voz dela se abaixa um pouco, porém ela prossegue.

– Estávamos nos campos lá fora, corremos para nos proteger. E então os aviões lançaram suas bombas. Benjamin diz que eles só fizeram isso para ficar mais leves e poder voar mais rápido e fugir. Ele leu a respeito. E eles escaparam, mas deixaram suas bombas caírem na ilha primeiro.

A voz de Rebecka é um murmúrio agora – a própria pulsação de David é mais alta que as palavras dela.

– Sarah estava na fazenda. Ela correu para os depósitos de lenha. Uma das bombas caiu exatamente lá.

Ela volta-se para a pia, torcendo o pano de prato.

– É por isso que Erik está tão bravo. Essa guerra, que nenhum de nós deseja, tomou nossa menina de nós. O que ela tinha feito? Por que ela?

Ela olha nos olhos de David, lágrimas escorrendo por seu rosto.

Ela sussurra:

– Por quê?

orto

OS DIAS SE PASSAM na fazenda como se guerra alguma já tivesse existido. Erik e Benjamin trabalham horas sem fim nos campos, Rebecka administra a casa e o terreiro.

Eles são infatigáveis, incansáveis, estoicos e, dada a tragédia de sua filha, David decide que essas são pessoas ainda com vida dentro de si.

Apenas uma vez ele ouve algo semelhante a uma reclamação.

– Tem tanto a se fazer – Rebecka lhe diz uma tarde, enquanto prepara seu chá especial. – Sempre tanto a se fazer numa fazenda, mas nada se compara à época de colheita do trigo. É quando o trabalho começa de verdade.

Mesmo nessa ocasião, David não detecta nenhuma autopiedade no que ela diz. É simplesmente a vida deles ali, na ilha, na fazenda.

– Quando vocês cortam o grão? – pergunta David. Ele é atingido por um desejo de auxiliar. Se não for muito em breve, seu tornozelo pode estar bom o suficiente.

– Depois da lua dos grãos.

– A lua dos grãos? O que é isso?

– É o que diz. Ainda usamos os nomes antigos para as luas aqui, as luas cheias. Eles vêm da terra, da vida na terra. Lua dos novilhos, quando os animais dão à luz, lua das folhas, quando as folhas voltam para as árvores. A lua das flores. A lua dos grãos.

David aquiesce, pensativo.

– Eu gosto desses nomes – diz ele. – Gosto bastante deles. E quando é a lua dos grãos?

– Depois de amanhã – diz Rebecka, e David sabe nesse momento que não será capaz de ajudar.

noVe

ATÉ AQUELE MOMENTO em que Rebecka lhe contou sobre a morte da filha, David não havia pensado em sua casa.

Inconscientemente, decidiu suprimir tais pensamentos, já que eles doíam muito mais do que seu tornozelo jamais conseguiria.

* * *

David senta-se sozinho à mesa da cozinha, olhando pela janela. Vagamente, repara em fumaça vindo de uma fogueira no terreiro, e então escuta gritos do lado de fora.

Estão discutindo de novo, mas dessa vez Benjamin também está envolvido.

De súbito, Benjamin está de volta à cozinha.

– Sr. Thompson – diz ele, sem fôlego –, meu pai está queimando as suas coisas.

David quase pula da cadeira.

– O quê? – grita ele. – O quê? Por quê?

– Não sei. Ele não faz sentido.

– Eu tenho que impedir. Você pode me ajudar?

Benjamin assente e se torna uma muleta do lado direito de David. Juntos, eles mancam para fora da cozinha até o terreiro, onde Erik colocou um tambor antigo de óleo aberto em uma das extremidades. Fumaça cinzenta irrompe de seu interior em espessas colunas sufocantes.

David chegou tarde demais; Erik empurra a última parte do uniforme de David para dentro do tambor com um considerável pedaço de pau.

Skilla corre por ali, latindo.

O coração de David dispara.

– O que diabos você está fazendo? O que te dá o direito de fazer isso? Pare!

Sem esperar e sem dar atenção à dor em seu tornozelo, ele parte para o tambor, fazendo-o alçar voo e lançando fumaça e línguas de fogo por toda a lama do quintal. Ele vê o que temia que estivesse lá e agarra sua jaqueta de aviador em brasas.

Caindo de joelhos, ele bate no couro que queima, vasculhando os bolsos freneticamente.

– Direito? – grita Erik. – Não é uma questão de direito. É uma questão de bom senso. Há soldados chegando. Eu ouvi na vila hoje. Eles passaram nas outras ilhas ao sul, procurando por homens como você.

David o escuta, mas prefere ignorá-lo, assim como ignora as queimaduras que está infligindo a si mesmo enquanto vira sua jaqueta do avesso, procurando por algo como se sua vida dependesse disso.

Finalmente ele encontra o que está procurando, solta a jaqueta no chão e senta-se, emudecido.

Parecia tão irreal ali, como um sonho, nesse santuário pequeno e idílico, longe da guerra. Porém Erik tinha razão, afinal. A guerra voltara para encontrá-lo, batendo às portas da ilha.

Soldados estavam chegando.

– E se eles vierem até aqui, não deve haver nenhum vestígio – diz Erik. – De você.

Ele coloca o tambor de pé outra vez e, com seu espeto, pesca tudo de volta do chão para dentro do tambor.

Ele retira fósforos do bolso e bota fogo em tudo de novo. Dessa vez, David não faz nenhum esforço para impedi-lo.

Ele senta-se no chão, segurando com força algo junto ao peito.

Está tremendo.

– O que você tem aí? – pergunta Erik, áspero. – Tudo seu deve ser queimado.

David não responde.

– Está me ouvindo? – grita Erik. – Tudo!

Ele tenta tomar seja lá o que estiver nas mãos de David, mas David recua e eles começam a briga, lutando no chão.

– Não! – grita Rebecka. – Parem!

Benjamin vacila, inseguro quanto ao que fazer. Skilla late.

– Não – grita Rebecka outra vez.

Os homens não lhe dão ouvidos, mas logo tudo termina. Erik é mais forte que David, e o aviador, afinal, está ferido.

Erik se levanta, implacável, prestes a lançar o objeto nas chamas, quando para.

Ele olha para o objeto.

É uma carteira, simples, que dobra no meio.

Erik a abre, olha por um longo tempo, depois lentamente torna a fechá-la.

Ele a segura no ar por um momento, o braço estendido, como se ainda pensando, e então a solta aos pés de David e afasta-se, indo para a casa da fazenda.

Rebecka se aproxima. Ela vê o que seu marido viu.

A carteira se abriu na queda, dentro vê-se uma fotografia.

Ela se ajoelha ao lado de David, que apanha a carteira e mostra-lhe a foto.

É um retrato de três pessoas. Uma delas é David em seu uniforme. Ele está com um braço em torno de uma mulher bonita; sua esposa. De pé, à frente deles, a cabeça inclinada de lado e um sorriso no rosto, está a filha deles.

Rebecka pega a fotografia e David permite que ela o faça.

– Qual é o nome dela? – pergunta baixinho.

– Minha filha? – pergunta David.

Ela anui.

– Merle. O nome dela é Merle.

dez

NAQUELA NOITE, David vai cedo para a cama.

Ele tem bebido o chá de Rebecka como água, e isso parece mesmo estar fazendo milagres por seu tornozelo, além de deixá-lo muito sonolento.

Ele se prepara para a cama quando ouve uma batida à porta.

– Sim? – responde ele.

Rebecka entra e, atrás dela, Benjamin.

Ambos exibem aparência solene.

Enquanto David deita no colchão, cada um se coloca de um lado dos pés da cama. Rebecka torce as mãos, nervosa.

– Benjamin – diz ela. – Conte a David o que você ouviu.

Benjamin assente.

– Eu estava na vila hoje, na hospedaria, e lá conversei com um pescador chamado Stefan. Stefan esteve em Skarpness ontem e ouviu rumores no porto de lá.

Ele faz uma pausa.

– Prossiga, Benjamin – diz Rebecka, mas Benjamin parece amedrontado, como se o que tivesse a dizer fosse arriscado. E talvez seja.

Rebecka o ajuda.

– Nós podemos não estar lutando nessa guerra, David, mas alguns de nós não gostam de ter soldados estrangeiros nos dizendo o que fazer. Existe um movimento de resistência, e eles entraram em contato com o seu pessoal. Parece que eles sabem que você está por aqui em algum lugar. Eles vieram te procurar e

deixaram avisado que, se você for capaz de viajar, deve se apresentar na taverna de Skarpness, nas docas.

David está emudecido.

Petter voltou para casa.

De alguma forma, essa única notícia é suficiente para fazê-lo se desmanchar em lágrimas. Ele enterra o rosto em suas mãos, e Rebecka faz um gesto para que Benjamin se vá. Quando David volta a erguer a cabeça, eles estão sós.

– Mas o que eu posso fazer? Como posso chegar lá?

– Você vai pegar nosso barco a remo. Amanhã à noite. Será perigoso demais durante o dia, mas amanhã a lua estará cheia, a lua dos grãos. Estará bem claro e você verá as luzes de Skarpness para guiar seu caminho – disse. – Vá até a taverna nas docas. Pergunte por um homem chamado Lindberg. Ele trabalha lá. Eu o conheço. Mas não sabia que ele trabalhava para a resistência.

– Mas o seu barco...? Erik?

– Erik disse que você deve pegar o barco.

onze

O DIA SEGUINTE termina em um instante e, mesmo assim, parece durar séculos.

A cada dez minutos, David se flagra checando a altura do sol no céu, esperando pelo crepúsculo, mas tão ao norte já são nove horas da noite antes que o sol finalmente suma por trás da montanha mais a oeste da ilha.

O dia todo Rebecka se alvoroça, fazendo comida para sua curta jornada, enfaixando seu tornozelo bem apertado, depois soltando-o, depois enfaixando-o mais uma vez. Ela lhe dá montes e montes de chá, diz a ele para manter o peso na outra perna o máximo possível.

Benjamin faz hora no quintal com Skilla, sem se aproximar, mas incapaz de ficar longe.

Não se vê Erik em lugar nenhum.

* * *

Finalmente, às dez da noite, enquanto David senta-se na cozinha recebendo as últimas instruções de Rebecka, Erik retorna para casa.

– Bem – diz ele. Sua voz é inexpressiva; seu rosto, impassível. Ele olha para David. – Está na hora. Está tudo pronto.

David fica de pé e faz uma careta, mas, na verdade, já consegue andar agora.

Faz-se um silêncio enquanto os dois homens contemplam um ao outro, mas não dizem nada.

Rebecka coloca um pacote de comida dentro de uma mochila e entrega-a para David.

Ele está a ponto de lhe agradecer quando Benjamin entra de supetão na cozinha.

– Soldados! Aqui! Na vila!

Seus olhos estão enlouquecidos e seu pânico contamina todos eles.

– Na vila? Tem certeza?

– Gregor os viu e veio de bicicleta nos avisar. Eles estão vindo nessa direção!

– Vocês precisam ir – grita Rebecka. – Rápido, rápido!

Agora não há tempo para despedidas. David joga os braços brevemente ao redor de Rebecka e de Benjamin, que está no vão da porta da sede. Em seguida, Erik apressa-se para a noite enluarada, com David manquejando a seu lado.

* * *

Eles pegam uma trilha pequena, subindo uma montanha e descendo através de algumas florestas até um campo vazio.

No final do campo, David já pode escutar o mar, e um caminho estreito leva a um cais dilapidado.

Eles correm, mas David está com dificuldade. Não apenas seu tornozelo dói, como ele também está sem exercício algum há semanas.

De súbito, ouvem-se gritos na trilha atrás deles. Luz de tochas.

– Eles estão aqui – murmura Erik. – Rápido, vamos nos esconder no hangar dos barcos.

Eles percorrem os últimos poucos passos abaixados, passam por uma porta rebaixada e entram no hangar onde o barco de Erik está ancorado. Ele flutua na água, esperando para partir.

– Ficaremos a salvo aqui – sibila Erik. – Até eles irem embora. Eles não vão pensar em procurar aqui. Acho.

David assente na escuridão, novamente com dor.

– Tudo bem – diz ele. – Tudo bem.

Eles esperam, e as vozes que escutaram logo se afastam. Esperam mais um pouco.

Erik aponta para o luar brilhando sobre a água.

– A lua está clara – diz ele. – Você não deve ter problemas para enxergar. Quando essa lua termina, nós cortamos o trigo, no próximo dia seco. Acho que cortaremos o trigo amanhã.

David anui.

– Queria poder estar aqui para ajudar vocês.

Ele é sincero. Seria uma pequena maneira de retribuir, de pagar por tudo o que haviam feito por ele.

– Acho que está quase na hora de você partir – diz Erik, ajudando David a subir no barco.

De súbito, eles escutam vozes outra vez. Perto.

Bem perto.

Erik pragueja.

– Vá – cicia ele.

– Eu sou um alvo fácil se eles me virem! – David sibila de volta.

Erik não diz nada. Quando volta a falar, suas palavras soam idiotamente inapropriadas.

– Sua filha – diz ele. – Sua filha. Qual a idade dela?

David olha desesperadamente para a linha da praia, além do hangar. A qualquer momento espera ver silhuetas de soldados contra o céu estrelado. As vozes estão se aproximando.

– Ela tem doze anos. Doze.

Erik aquiesce.

– Foi o que pensei – diz ele. – Pude perceber. Eu sabia... Bem como a nossa Sarah.

Ele empurra a proa do barco em silêncio, porém com força e firmeza. Conforme faz isso, ele se inclina e deposita algo pesado no colo de David.

– Caso haja algum problema – murmura Erik.

Os gritos estão logo atrás do barracão. Se eles derem a volta, David será avistado, e tudo terminará.

Erik fica de pé e, tomando o cuidado de não fazer barulho, começa a correr pela praia no sentido oposto, afastando-se de David e do barco, chamando enquanto corre.

David apanha os remos e começa a remar, com toda a força, mas tão silenciosamente quanto é capaz. Muito em breve está no mar e a salvo. Ele solta os remos dentro do barco e procura pelo objeto que Erik largou em seu colo.

É sua pistola de serviço, que David pensou ter sido jogada fora.

Na luz pura do luar, ele quase enxerga Erik, uma sombra movendo-se ao longo da costa. Os soldados estão atrás dele, correndo.

A luz das tochas vasculha a escuridão e encontra Erik.

Há um estalido curto e súbito de disparo de metralhadora.

Os tiros param.

David sabe que Erik não estará cortando o trigo amanhã.

doze

A FILHA DE DAVID THOMPSON, Merle, tem uma história favorita, uma que ela jamais esquecera em sua vida, sobre como um homem chamado Erik, a quem ela nunca conheceu, salvou seu pai e o devolveu para ela. O que nunca lhe contaram é o que aconteceu realmente com Erik; esse é um segredo que David e Esmé, sua esposa, mantêm para eles mesmos. Saber disso apenas magoaria a criança, eles acham, e, de qualquer maneira, eles são gratos o bastante pelos três, enquanto o primeiro ano se passa.

* * *

Esmé morre aos 63 anos, e até Merle morre antes de seu pai, aos 70.

David Thompson chega a viver 101 anos.

Sua vida é feliz, e ele continua fisicamente em forma e bastante lúcido até o final, como se ele tivesse em algum momento tomado algum elixir de vida.

Na verdade, a única coisa que chega a incomodá-lo é a artrite naquele tornozelo defeituoso.

* * *

Por fim, uma pneumonia curta, porém fatal, o leva.

Mesmo na manhã do dia em que ele morre, contudo, ele ainda lê seu jornal durante o café da manhã, de uma ponta à outra. Nesse dia em especial, ele lê

sobre uma espantosa descoberta de uma sepultura viking, em uma pequena ilha ao norte.

Ele sempre foi interessado em Arqueologia, mas é outra coisa nessa história que mexe com sua memória.

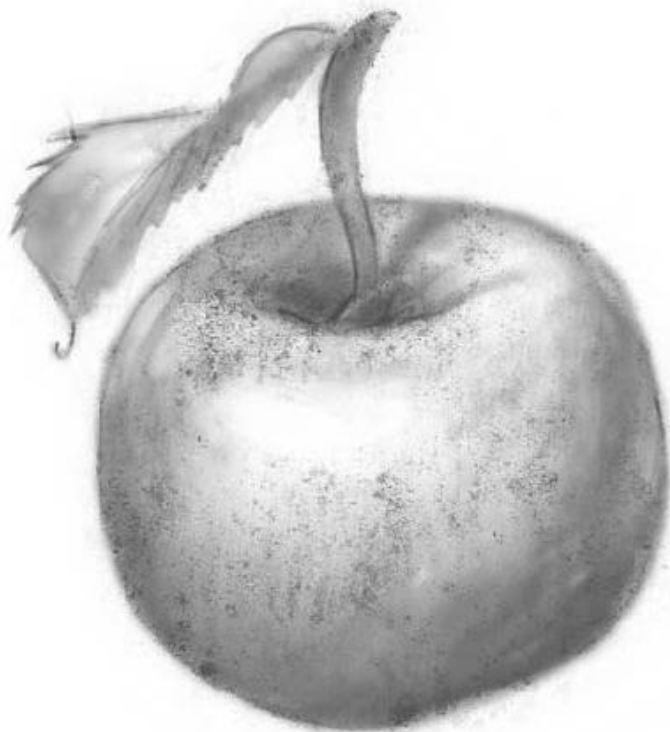
Algo sobre a ilha, apesar de ele não conseguir se recordar exatamente do quê.

Ele acha que talvez já tenha estado lá, uma vez, uma vida atrás.

parte quatro

o pintor

Setembro de 1902 – A Lua das Frutas



um

NO SÉTIMO ANIVERSÁRIO da menina, seu melhor presente não foi o novo avental branco, nem a lebre esculpida em madeira, embora ela amasse muito as duas coisas.

A melhor coisa não foi uma coisa, mas uma permissão.

A mãe encarou a filha do outro lado da pequena cozinha.

A menina inclinou a cabeça para o lado.

– Merle, hoje é o seu sétimo aniversário, e sete anos atrás, quando você nasceu sob uma brilhante lua das frutas, eu não pensei que você cresceria tão depressa. Mas cresceu.

Merle anuiu, solene.

– Cresceu mesmo, então acho que você está pronta, agora, para vir comigo.

Merle soltou um gritinho e saltou no ar.

– De verdade? – disse ela.

– Sim, a menos que eu tenha tomado a decisão errada e você não seja razoável o bastante para vir comigo...

Merle manteve-se enraizada no lugar e botou uma expressão séria no rosto.

– Sim, mãe.

– Muito bem. Então amanhã nós duas vamos até a ilha ocidental.

* * *

Merle dormiu com o avental novo embolado sob sua cabeça no lugar do travesseiro. Na mão, ela segurava a lebre esculpida em posição de corrida, as

orelhas compridas estendidas ao longo das costas sob seus dedos apertados.

Mas não era com lebres que ela sonhava. Era com dragões.

dois

– POR QUE NINGUÉM mora aqui?

Merle estava sempre cheia de perguntas. A casa delas era pequena, na montanha íngreme saindo do centro da ilha Benedicta, a própria trilha que levava à metade ocidental.

A delas era a última à direita antes do topo, o que significava que Bridget, a mãe de Merle, podia ir e vir da metade ocidental sem ser vista.

Isso era bom, pois, embora muita gente na ilha utilizasse suas habilidades e suas preparações, havia outros que desaprovavam o que ela fazia. Em dias passados, ela sabia que sua arte havia sido normal, bem-vinda, apoiada; porém, parecia que esses dias tinham ficado para trás.

O mundo moderno chegara com o novo século, e Bridget lia sobre ele às vezes, sobre as novas coisas incríveis que a ciência tinha criado: navios mais leves que o ar, câmeras de bolso, transmissões sem fio.

Ela não objetava a essas coisas, apenas não compreendia por que as coisas antigas que aprendera de sua mãe deviam ser abandonadas pelas novas. E nisso residia o problema, pois até mesmo Merle não compreendia totalmente as características da flor de dragão, que podia curar, se preparada de certa forma, ou matar, se preparada de outra. Ela havia aprendido algumas das características, mas ninguém mais sabia tudo a respeito da planta, a respeito de todos os usos que se poderia dar a ela, todos os perigos que ela apresentava.

– Eu não disse que ninguém morava aqui – respondeu ela a Merle.

– Mas ninguém passa pela nossa casa e nós moramos no final da alameda.

Bridget sorriu. *Mas que filhinha esperta eu tenho.*

– Nos velhos tempos, mais gente morava no lado ocidental. Mas eles se mudaram de lá. Eu não sei por quê, mas fico contente. Só a natureza mora lá agora. Isso é tudo. Bem, quase tudo.

Merle não ouviu essa última parte porque, tendo chegado ao topo da montanha, ela desceu o longo declive do outro lado correndo, os braços esticados em ambos os lados como se tentasse reunir a luz vacilante de setembro.

– Espere por mim lá embaixo! – gritou sua mãe. – Lembre-se: há dragões por lá!

Merle soltava gritinhos, deleitada.

três

ELAS ATRAVESSARAM o terreno rasteiro da parte ocidental, pedras e gramíneas, urze e pântanos; o solo cedia sob os pés em alguns pontos, como se caminhassem sobre esponjas.

– Você já viu os dragões? – Bridget perguntou à filha.

Merle chacoalhou a cabeça, depois olhou em volta, procurando.

– Sim! – gritou ela. – Ali! É um ali? Sim! E ali! E ali também!

De repente, ela via flores de todos os lados.

– Quais a gente corta? – indagou ela.

– Tantas quanto pudermos – disse Bridget, depositando duas cestas de vime muito usadas no chão ao lado delas. – Elas não vão desabrochar por muito tempo mais, e nós podemos secar algumas e ferver o resto. Aqui...

De seu bolso, ela sacou um canivete e entregou-o para Merle.

– Não é um brinquedo, Merle. É bastante afiado. Sempre corte para longe de você. Deixe-me mostrar primeiro.

Merle pegou o canivete e o segurou com muito cuidado.

Ela ajoelhou-se do lado da mãe, enquanto Bridget cortava uma das Orquídeas Dragão em seu caule, bem perto da base.

– Aqui, está vendo? Desse jeito. Para fora. Certo, agora você.

Merle copiou exatamente o que sua mãe havia feito, e sua mãe sorriu.

– Muito bem. Mas você pode pegar um pouco mais do caule. Podemos fazer coisas diferentes com ele. E das raízes também, mas elas são diferentes e fazem outras coisas, e eu não gosto de trabalhar com elas.

– Por que não, mamãe? Elas são venenosas?

Bridget considerou a pergunta.

– Sim – disse ela –, de certa forma.

Merle escutou, assentiu.

* * *

Elas colheram flores por uma hora mais ou menos, depois Bridget se levantou, alongando as costas.

– Estou dolorida – disse ela. – Ai.

– Pobre mamãe – disse Merle, copiando a seguir a mãe, arqueando as costas e suspirando profundamente. – Pobre Merle. Ai.

Elas partiram para casa, tomando um caminho diferente para voltar.

– Eu sempre prefiro uma caminhada que faça um círculo – explicou Merle à filha. – E você?

Merle nunca tinha pensado nisso antes.

– Não sei. Acho que eu também gosto de caminhadas de ida e volta.

Quando voltaram ao ponto de partida, Merle de súbito parou.

– Pensei que você tinha dito que ninguém morava aqui – disse ela.

– Não, você não estava escutando. Eu disse que *quase* ninguém mora aqui.

– Então quem mora ali? – disse Merle, apontando para a enorme construção que vislumbrava através das árvores.

A edificação era mais semelhante a uma igreja do que uma casa, um só andar com um enorme telhado de duas águas e um tipo de torre no final, formando uma entrada impressionante.

Os olhos de Merle estavam arregalados.

– Quem mora ali, mamãe?

– Um dragão – disse Bridget. – Então fique longe, porque ele devora menininhas no almoço.

Merle soltou um gritinho. Ambas correram e chegaram ao meio da subida de casa antes de ficarem cansadas demais para continuar correndo.

* * *

Na hora de ir para a cama, Bridget ajeitou Merle sob os lençóis, mas a menina ainda tinha outras questões.

– Mamãe? – perguntou ela. – Eu não acho que possa ser um dragão de verdade morando naquela casa grande. Então quem é que mora lá?

Bridget sorriu.

– Ele é quase um dragão – disse ela. – É um velho, e não muito amistoso. Não quero que você vá para lá, está bem?

Merle assentiu.

– Mas quem é ele?

– É um velho. Isso é tudo. Ele é um pintor, ou pelo menos era. É o que dizem. E ele é muito rico. Ele já foi o pintor mais famoso de todo o país, mas aí alguma coisa aconteceu, e dizem que ele não pinta nada há anos. Depois disso ele se mudou para cá e mandou construir aquela casa, como uma igreja só dele. E eu não quero que você vá para lá. Agora durma bem e sonhe com sua lebre, sim?

Merle anuiu.

Ela fechou os olhos e segurou a lebre apertado, mas já sabia que ia até a casa do pintor, só para dar uma olhada.

quatro

JÁ NO DIA SEGUINTE, Merle aproveitou sua chance.

Bridget estava ocupada na cozinha com as flores que apanharam no dia anterior.

– Eu acho que você ainda não tem idade para ajudar com essa parte – disse ela a Merle, que fez seu melhor para parecer triste a respeito, mas secretamente estava contente.

– Não se preocupe. Eu vou até a vila procurar alguém com quem brincar.

Bridget aquiesceu, distraída. Havia muitas preparações a serem feitas – elas tinham apanhado mais flores do que ela se dera conta, e elas precisavam ser picadas e preparadas hoje, antes que sua potência se dissipasse. Em seguida, ela teria que partir e pendurar todos os caules – amassá-los teria que ficar para outro dia.

– Esteja de volta para o almoço – disse Bridget.

– Quando é isso?

– Quando a sua barriga roncar.

Merle saiu saltitante pela porta e desceu a montanha, entrando no jardim de um vizinho, rastejando pelo trecho de vegetação bem debaixo da janela da cozinha, e, em dois minutos, estava de volta à trilha para o lado ocidental.

– Eu vou ver um dragão, eu vou ver um dragão – cantarolava enquanto prosseguia.

No sopé da montanha, ela quase esqueceu que trilha pegar, porém lembrou-se de que elas tinham feito uma caminhada em círculo, e não uma caminhada de ida e volta.

Ela pegou a esquerda, e em dois minutos lá estava a casa de novo.

Ela parou, prestando atenção para captar os sons do dragão dormindo ou roncando. Ou comendo criancinhas; mastigando os ossos delas. Estremeceu ao pensar nisso.

Estava acabando de se perguntar se dragões comiam apenas meninas, e não meninos, se pudessem escolher, quando viu o pomar.

Na lateral da casa havia um lindo pomar de macieiras e algumas pereiras. A grama do pomar estava alta, em alguns lugares quase tocando os galhos. Espalhados, enormes cachos de azevinho, a perdição de Baldur, agarravam-se aos topos das árvores.

O pomar estava pesado, maduro e repleto de frutas. Merle estava de boca aberta – nunca vira árvores com tantas frutas nelas. Elas pendiam com cachos de maçãs, os galhos rebaixados pelo peso.

E apesar de sua barriga ainda não estar roncando, ela pensou que podia ser uma boa ideia comer uma maçã mesmo assim, para poder ficar lá fora um pouco mais de tempo do que ficaria se não comesse.

Ela olhou para a casa.

Não podia ver nenhuma janela do lado que ficava de frente para ela, a frente da casa. Em vez disso, havia um tipo de galeria comprida que dava a volta toda na altura da cabeça, e havia janelas nessa galeria. Todavia, ela não conseguia enxergar dentro da casa, nem podia ouvir ninguém.

Ela subiu pela trilha que levava até a casa, tão silenciosamente quanto era capaz, e aí parou de novo.

Nada ainda.

Saiu da trilha e deu a volta pela lateral da casa, passando por um portão tão velho e bambo, que havia caído das dobradiças. Ela gostou disso, fez com que se sentisse menos como se estivesse invadindo do que se precisasse abrir o portão.

Já havia maçãs no chão, muitas caídas que jaziam apodrecendo na grama alta. Porém havia muitas, muitas mais ainda nas árvores, e ela aproximou-se com cuidado, estendendo a mão e deslizando os dedos ao redor de uma que estava particularmente vermelha e adorável.

Enquanto fazia isso, ouviu um grito vindo de trás dela.

– Ei!

Ela virou-se para ver o dragão.

Ele estava na galeria que contornava esse lado da casa também, e agitava um galhinho na direção dela.

Ele estava zangado, zangado mesmo.

– Ei, você! Cai fora daí! Vá embora!

A voz dele falhava de raiva e velhice, e, aterrorizada, Merle correu tão rápido quanto pôde, os olhos já cheios de lágrimas.

Foi só quando ela parou de correr, no meio da subida de volta para casa, que percebeu ter a maçã ainda na mão.

Ela mordeu.

Estava deliciosa.

Merle sentou-se em uma rocha no Panorama olhando para o mar e comendo a maçã. Quando terminou, suas lágrimas também tinham acabado.

De fato, ela se sentia muito feliz.

Entrou na cozinha saltitando.

– Olá, mamãe, já está na hora do almoço?

CINCO

NO DIA SEGUINTE, Merle ficou alvoroçada o dia todo, tentando não voltar ao pomar. Finalmente, Bridget perdeu a paciência com ela.

– Qual é o seu problema? Sai do meu pé! Eu tenho todos esses caules para amassar e o primeiro lote de flores precisa ser retirado da panela. Então vá!

Merle tomou isso como um sinal, se não uma ordem, para voltar ao pomar.

* * *

Ela ficou imóvel por muito tempo no final da trilha, esperando.

Após não ouvir nada nem ver ninguém, ela subiu pela trilha e deu a volta até o portão do pomar.

Esperou outra vez.

É uma pena tão grande, pensou consigo mesma.

Uma pena que ali houvesse todas aquelas maçãs e peras desperdiçadas, sem ninguém para apanhá-las, caindo na grama e ficando ruins, apenas os vermes e minhocas desfrutando delas.

Para não ser vista do interior da casa, abaixou-se, apoiando-se sobre as mãos e os joelhos e rastejando pelo pomar, fingindo ser um animal, talvez a sua lebre. Lebres sempre se moviam em silêncio, raramente vistas, ela sabia disso.

Sentou-se na grama alta e encontrou uma fruta caída que os vermes ainda não tinham achado. Enquanto mastigava sua carne doce, começou a pensar no dragão.

Ele não era um dragão de verdade, ela sabia disso. Era só um velho. Ela sabia que sua mãe lhe explicara que alguns velhos na vila achavam difícil fazer as coisas. Ou que, às vezes, eles tinham dificuldade de ouvir, e isso podia fazê-los parecer rudes, quando na verdade eles não eram.

Subitamente ocorreu a Merle que talvez o velho não estivesse apanhando suas maçãs porque não conseguia.

Ela teve apenas um breve vislumbre dele, mas ele aparentava ser muito velho, com seus ombros encolhidos.

Aquilo pareceu triste a Merle, e ela pensou que ele provavelmente adoraria comer uma maçã, se conseguisse apanhar uma.

Ela correu para o interior do pomar.

Colheu duas maçãs.

Ela correu o mais rápido que pôde até a porta da frente, deixou uma maçã ali e então correu para casa, guardando a outra para comer em sua pedra no topo da montanha.

SEIS

QUANDO MERLE RETORNOU no dia seguinte, ela sorriu.

A maçã havia desaparecido, e ela soube que estava certa. Ele as queria, afinal de contas.

* * *

Ela entrou sorrateiramente no pomar mais uma vez, apesar de ainda conferir antes para ver se ele não estava por ali.

Apanhou quatro maçãs dessa vez, e deixou duas diante da porta.

Ela comeu uma maçã na pedra no topo da montanha e escondeu a outra em seu quarto, caso ficasse com fome à noite.

Na hora de dormir, ela beijou sua lebre no focinho e adormeceu.

Sonhou que voava cavalgando um dragão, passando bem por cima da ilha, bem sobre a sua casa. Ela olhou para sua casa lá embaixo e viu sua mãe no jardim dos fundos, olhando para cima e acenando, sorrindo.

sete

NO DIA SEGUINTE, ela esperou até a tarde e apanhou seis maçãs.

Ela deixou três diante da porta e trouxe as outras para casa, comendo uma em sua pedra e escondendo duas no quarto.

* * *

Na hora do jantar, sua mãe parecia cansada. Ela vinha trabalhando muito nas flores e nos caules por três dias.

Merle queria dar a ela uma de suas maçãs. Ela sempre se sentia muito melhor depois de comer uma delas, mas sabia que, se fizesse isso, teria que dizer de onde elas vinham, portanto achou melhor não.

– Merle – disse Bridget –, você não tem ido para o lado ocidental sem mim, não é? Até a casa do velho?

Merle balançou a cabeça, negando.

– Você não fará isso, não é? Pode parecer tentador, mas você não deve. Entende?

– Sim, mamãe – disse Merle. Ela sentia-se mal por mentir, mas confessaria tudo para sua lebre antes de dormir, e isso deixaria tudo melhor.

* * *

No dia seguinte, quando ela voltou para o lado ocidental, não havia nem subido a trilha ainda antes de perceber que as três maçãs que deixara no dia

anterior ainda estavam lá.

– Isso não está certo – disse.

Ela foi até a casa e, por algum motivo, não sentiu medo.

Lá estavam as três maçãs do dia anterior, exatamente onde ela as deixara.

Não estava certo.

Ela ficou de pé diante da porta da frente, uma figura absolutamente minúscula contra o vasto tamanho da porta. Esticou uma mãozinha minúscula e bateu.

Não fez quase nenhum som, por isso ela tentou de novo, o mais forte que conseguia.

Agora ela tinha certeza de que o velho devia tê-la ouvido, portanto esperou e esperou que algo acontecesse, mas nada.

Então ela tentou abrir a porta; contudo, apesar de conseguir simplesmente alcançar a maçaneta, a porta parecia estar trancada.

– Isso é esquisito – disse ela.

Merle olhou à esquerda.

Ali ficava a galeria que fazia a volta na casa, e ela decidiu ver se havia outra entrada.

Ela fez a curva, sentindo a madeira da balaustrada sob sua mão, a tinta azul-clara descascando de leve, o adorável cheiro de madeira quente, e logo ali o pomar abaixo dela, e logo ali... ali estava uma porta.

Estava aberta e Merle sabia que precisaria entrar na toca do dragão.

Timidamente, como uma lebre, ela enfiou a cabeça pelo cantinho da porta.

Levou um momento para ver.

Estava tão escuro lá dentro, com pouquíssimas janelas, e seus olhos levaram algum tempo para se ajustarem.

Era uma sala imensa, mais um espaço do que uma sala, como o interior de uma igreja. Primeiro ela não viu nada, mas então ela ouviu um ruído baixo de algum ponto lá dentro.

E então ela o viu.

– Ah! – gritou ela.

Ele estava deitado no chão, de lado.

Com o grito dela, ele abriu os olhos.

Merle achou que ele parecia confuso.

– Ah! – disse ela outra vez. – Você está bem? Por que está deitado no chão?
Não consegue se levantar?

Os olhos do velho agora a focalizavam.

Ele abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu.

Então ele simplesmente balançou a cabeça.

– Espere aí! – gritou Merle. – Eu vou buscar a mamãe!

Ela correu, correu rápido, e por toda a subida da montanha, e não parou até entrar de supetão pela porta da cozinha.

– É o homem-dragão – gritou ela. – Ele está doente!

orto

BRIDGET ACHOU que não havia nada de seriamente errado com o velho, ele tivera uma queda e não conseguira se colocar de pé, só isso.

Mandou Merle de volta para casa para buscar um pouco de seu chá especial. Enquanto sua filha estava longe, Bridget o levantou e colocou-o em um sofá na ponta da grande sala.

Ela olhou ao seu redor.

– Você tem uma cozinha? – perguntou ela.

Ela não tinha como saber onde tal cômodo poderia estar – esse não era um tipo normal de casa.

O velho anuiu e ela foi para lá.

A cozinha era pequena e primitiva. Ela caçou pelos armários e encontrou muito pouco. Um pouco de farinha, alguns biscoitos. Um pouco de leite azedo.

Sobre o balcão, duas maçãs.

Merle entrou correndo na cozinha e entregou a Bridget o chá, depois foi sentar-se com o velho enquanto sua mãe preparava um bule.

– Beba isso – disse ela. – Eu pus um pouco de água fria nele, para que não fique quente demais.

O velho tomou o chá, ainda sem dizer nada, e bebeu, bebeu tudo de uma vez só.

Ele devolveu a xícara para Bridget, fechou os olhos brevemente e então levantou a cabeça.

Ele estendeu a mão para Bridget.

– Eric Carlsson – disse ele. – Obrigado.

Bridget reconheceu o nome dele.

– Mamãe? – perguntou Merle. – O que é aquilo?

Bridget voltou-se para ver Merle de pé, olhando para a outra extremidade da sala, e agora finalmente viu também.

A pintura.

Uma pintura vasta, imensa.

Bridget foi atraída até ela, seus pés carregando-a na direção do quadro sem pensar. Sua boca estava aberta, ela nunca vira nada parecido, nada tão misterioso, tão imperioso, tão aterrorizante.

Merle correu para postar-se perto dela, olhando também para o quadro.

Ao redor dele, no chão, havia outro cavalete com um rascunho. Várias mesas de tintas a óleo, espátulas, pincéis e aguarrás estavam junto ao cavalete. O quadro parecia quase terminado, mas Bridget podia ver que ainda faltavam algumas poucas áreas a completar.

Era uma obra em progresso, e o progresso já devia ter consumido realmente muito tempo.

– O que é isso, mamãe? – perguntou ela.

Bridget não respondeu.

Como podia explicar o que via para uma criança tão nova?

Ela lembrava-se de Eric Carlsson. Era verdade, ele tinha sido o pintor mais famoso do último século. Nascido em um bairro pobre, ele começara sua carreira na cidade, onde ganhou a vida fazendo retratos rascunhados nas ruas, até que um cliente rico percebeu seu talento e pagou para que ele frequentasse a escola de arte. Ele então construiu uma reputação para si, pintando retratos que pareciam mais vivos que os próprios retratados, era o que diziam.

Sua reputação cresceu, contudo ele começou a ganhar dinheiro de verdade quando iniciou uma série de pinturas sobre a vida em família. Ele se mudara para o interior com a esposa e a família, onde pintava descrições modestas e encantadoras da vida cotidiana à moda antiga: danças de verão, canções noturnas ao piano, preparo de manteiga, celebrações de Natal.

Suas pinturas eram reproduzidas e vendidas, e ele ficou muito, muito rico.

Bridget lembrava-se dessas pinturas; na verdade, ela achava que talvez até possuísse uma delas em algum lugar da sua casa, mas a coisa para a qual estava olhando vinha de outro lugar, de outra era, de outro mundo, até mesmo outra dimensão.

* * *

Para começo de conversa, o quadro era grande. Várias das pessoas retratadas ali eram maiores do que o natural, e ela contou 30 pessoas antes de perder a conta.

A pintura mostrava algum tipo de ritual, algum ato terrível. Então ela percebeu que o que estava sendo mostrado realmente era o momento *exatamente anterior* à execução de algum ato terrível.

No fundo da pintura havia uma construção, uma que ela reconheceu como aquela em que ela se encontrava. Várias figuras se amontoavam nas galerias, assistindo à cena que se desenrolava lá embaixo.

Havia cerca de outras 20 pessoas em primeiro plano.

À esquerda estava um grupo de mulheres em trajes tradicionais, dançando, os dedos entrelaçados acima de suas cabeças. A música que as fazia dançar vinha de cinco músicos, vestidos como alguma espécie de sacerdote. Dois tocavam chifres compridos e curvados de um tipo que Bridget nunca vira; os outros três tocavam chifres compridos e retos, soprando suas notas primais para o céu lá no alto. Diante dos músicos, outras duas figuras, homens vestidos de couro e peles, dançavam em poses loucas e contorcidas, como se estivessem com dor, os olhos arregalados e fixos.

Atrás deles crescia uma árvore, uma árvore estranha com um tronco reto e uma coroa pontuda de folhas verdes brilhantes. Objetos dourados pendiam nas folhas lustrosas, e Bridget espantou-se ao ver que eles eram crânios. Crânios dourados e brilhantes.

À direita estavam os guerreiros, meia dúzia ou mais, carregando longas lanças, vestidos em trajes cerimoniais, com elmos imponentes sobre os quais repousavam figuras totêmicas: uma raposa, um javali, um corvo. Uma lebre.

Mas o mais perturbador era o centro da pintura.

Ali estavam os três personagens principais.

O primeiro era um sacerdote, o sumo sacerdote talvez, com uma barba branca e cego de um olho. Em suas mãos ele segurava um martelo dourado cerimonial.

O segundo era o rei. Bridget sabia que ele era o rei porque ele usava uma coroa; porém, de maneira chocante, ele estava nu. Naquele exato momento, ele havia deixado cair um rico traje de pele de raposa; mesmo agora ele escorregava de seu ombro direito para o chão, enquanto o rei era carregado para o centro da pintura sobre um trenó reluzente, também coberto de ouro.

E aí vinha a terceira figura.

Vista de trás, a cabeça baixa, estava uma figura vestida toda de vermelho. Vermelho-sangue.

Escondida atrás de seu antebraço direito, fora da vista do rei, a figura de vermelho segurava uma faca comprida e fatal.

Ele era o carrasco.

Sua hora havia chegado.

O rei erguia seu queixo barbudo para os céus, os olhos rolando para trás.

Ele sabia que sua hora também havia chegado.

NOVE

BRIDGET E MERLE voltaram caminhando para casa.

– Merle – disse a mãe dela. – Você foi desobediente.

Merle esperava por isso.

– Eu sei.

– Você mentiu para mim, e isso é muito ruim.

Elas pararam de andar e Bridget olhou para sua filha.

– Me desculpe, mamãe – disse Merle.

– Muito bem – disse Bridget. – Não vamos mais falar nisso. De qualquer forma, eu sabia que você estava mentindo para mim, porque encontrei maçãs no seu quarto.

Merle corou.

– Me desculpe – repetiu ela.

– Mas eu queria dizer outra coisa – disse Bridget. – O que você fez hoje foi bom e muito corajoso. Você pode ter salvado a vida daquele velho.

– O nome dele é Eric Carlsson – disse Merle, de súbito alegre outra vez. – Ele é um pintor.

Bridget assentiu e sorriu.

– Ele certamente é – disse ela. – Mas escute, acho que ele precisa da nossa ajuda, só por algum tempo. Então vamos fazer uma refeição quente para ele todos os dias, e você também pode apanhar algumas maçãs para ele todo os dias. Você gostaria disso?

Merle anuiu, feliz, o cabelo caindo sobre seus olhos.

– Mas faremos isso juntas, e você deve me prometer que não vai até lá sozinha de novo. Sim?

– Sim – disse Merle. E sentiu-se mais feliz, porque dessa vez ela sabia que estava sendo sincera.

dez

TODOS OS DIAS elas levavam um pouco de comida a Eric. Enquanto Bridget tentava entender aquela cozinha, Merle sentava-se e conversava com o velho pintor.

Bridget ficava assombrada por eles encontrarem algo sobre o que conversar, a menininha e o velho, mas conversavam muito, enquanto ela arrumava, limpava e varria a cavernosa construção que Eric havia transformado em seu lar.

Com frequência, quando ela entrava na sala em que eles estavam sentados, a conversa vacilava um pouco; quando ela saía, ela os escutava tagarelar de novo. Bridget não ligava. Ela ficava contente por sua filha ter um amigo, ainda que ele tivesse dez vezes sua idade, e estava contente pelo velho também.

Bridget escutou em segredo a conversa deles um dia, enquanto varria as folhas caídas prematuramente na galeria, bem do lado de fora da sala de pintura, como ela chamava o recinto. Era como se Eric fosse a criança e Merle a adulta; a conversa dele era divertida, leve, boba, e a dela também era, às vezes, mas salpicada em sua tolice podiam estar palavras inesperadas de maturidade profunda, como se ela fosse muito mais velha que sua idade.

Fora da vista, atrás da porta da galeria, Bridget os visualizava. O ancião magro, a pele enrugada e manchada de tinta no dorso de suas mãos, agarrando o couro de sua grande poltrona. A seus pés, a pequena Merle, olhando para ele como se para a lua, sua pele lisa e clara. Merle segurava um pincel fino, gasto, porém muito amado; Eric explicava sobre tintas a óleo, como cada cor tinha uma natureza diferente e devia ser tratada com respeito, como se fossem todas

animais enjaulados. Sobre como pinceladas podiam domar as feras e colocá-las na tela para fazer beleza ou poder.

* * *

Uma coisa que Bridget escutou confundiu-a por completo. Ela perguntou a respeito para Merle depois, enquanto caminhavam para casa.

“Eu posso ser muitas pessoas”, ela ouvira Merle dizer a Eric, séria. “Por que tenho que ser só uma? Eu sou muitas pessoas e amo todas elas, e elas me amam.”

Bridget não ouviu a resposta de Eric, e, quando perguntou para a filha sobre aquilo, Merle balançou a cabeça, intrigada.

– Desculpe, mamãe – disse ela. – Eu acho que não me lembro disso. Isso é engraçado.

E ela franziu a testa e riu.

* * *

Outro dia, Bridget se surpreendeu ao sair da cozinha para a sala de pintura e flagrar o velho se acabando de rir de algo que Merle dissera.

Ele parecia estar melhor e, após alguns dias, isso ficou provado.

* * *

Bridget e Merle estavam em casa, jantando.

Conversavam sobre Eric quando ouviram uma batida na porta. A porta da frente.

– Isso é estranho – disse Bridget, levantando-se, porque ninguém jamais usava a porta da frente delas.

Ela voltou à cozinha poucos momentos depois, trazendo Eric consigo.

– Olha – disse Bridget –, falando no diabo!

– Mamãe, isso é grosseiro! – gritou Merle.

– Não, é só o que se diz quando, bem, quando isso acontece.

Elas se alvoroçaram em torno de Eric e o fizeram sentar-se. Apesar de ele recusar a comida, aceitou uma xícara de chá com um sorriso.

– Bem, olhe só você! – disse Bridget, depois de um instante. – Todo arrumado!

– Mamãe, isso é grosseiro – disse Merle, mas o velho riu.

– Eu pensei que devia fazer um esforço – disse ele.

Eric vestia um belo terno preto, obviamente bastante velho, mas ainda apresentável, e uma camisa branca limpa. Seus sapatos estavam limpos e quase brilhantes.

– E então, a que devemos esse prazer? – perguntou Bridget.

– É preciso haver um motivo para um amigo visitar outro amigo?

Merle puxou a manga da mãe.

– Mamãe, Eric é nosso amigo? – cochichou ela.

Bridget riu.

– É claro que Eric é nosso amigo.

– Mas, na verdade, eu tenho dois motivos para estar aqui.

Ele pigarreou e tomou outro gole de chá.

– Primeiro, eu vim para lhes agradecer por terem me ajudado.

– Mas é claro que nós iríamos ajudá-lo – disse Bridget. – Não precisa nos agradecer.

– Preciso, sim. E não apenas pela comida e tudo... Talvez eu deva explicar. Eu não pintava nada há anos...

Ele hesitou, esperando algum tipo de resposta.

– Mas aquele quadro...?

– Eu estive trabalhando naquele quadro por muito tempo. Cerca de um ano. Mas deixe-me colocar isso em perspectiva para vocês. Antes de começar aquele quadro, eu não pintava nada, *nadinha*, há mais de 25 anos.

Ele ficou silencioso por um tempo. Talvez, pensou Bridget, *relembrando coisas que preferiria não lembrar*.

– Quando eu era jovem – disse Eric, triste –, os quadros escorriam de mim. Como água. Eu não conseguia parar. Não conseguia pintar suficientemente rápido para pintar tudo o que havia na minha mente. Sentia-me como um

mágico, fazendo mágica. Do nada as imagens surgiam e, em algumas horas ou dias, existia outro objeto no mundo onde antes não havia nada. Como mágica. Eu pintava retratos, paisagens, naturezas-mortas, pintava de tudo. Aí, ganhei um pouco de dinheiro com alguns quadros simples. Para alguém como eu, era inacreditável. Eu nasci em um abrigo de desvalidos, sabe. Mendiguei nas ruas até perceber que podia ganhar mais dinheiro desenhando. De súbito, eu tinha tudo. Nessa fase, eu estava casado. Minha esposa era jovem e linda, e nós tivemos três lindas meninas, quase tão lindas quanto a Merle aqui.

Merle riu ao ouvir isso e sentou-se mais ereta.

– Eu tinha tudo e, por algum tempo, por um bom período de tempo, nós fomos felizes. Então...

Ele fez uma pausa.

Bridget olhou para Merle brevemente, depois de novo para Eric.

– Então o que houve? – perguntou ela.

– Minha esposa morreu. No nascimento de nosso quarto filho. Talvez ela fosse muito velha, e... bem. E eu parei de pintar. Mas, sabe, não foi só a perda de Martha que me fez parar de pintar. Algo mais morreu ali com ela. As ideias pararam de vir, eu fiquei confuso, não sabia o que pintar, mas foi pior do que isso – disse. – Um dia, depois que um ou dois anos tinham se passado, eu entendi que não queria mais pintar. Nada. Eu já tinha me cansado. O poço, se é que você me entende, havia secado. Isso foi o pior. Eu não queria mais ser aquele mágico.

Bridget assentiu, mas franziu a testa.

– Mas esse quadro...?

Eric deu de ombros.

– Talvez o poço tenha se enchido de novo. – Ele deu uma piscadela. – Talvez. Porque, há mais ou menos um ano, eu peguei um lápis e fiz um rascunho. Em cerca de meia hora eu rascunhei todo aquele quadro. No dia seguinte, eu construí a estrutura de madeira em que ele repousa. No dia seguinte, comecei a pintar. Levei um ano para terminá-lo.

– Terminá-lo? Terminá-lo? – gritou Merle. – Você terminou o quadro?

Eric anuiu, sorrindo.

Depois sorriu espontaneamente.

Elas riram também. Merle bateu palmas.

– O que nos traz ao meu segundo motivo para vir aqui hoje. Eu fui abordado pelo Museu Nacional. Eles estão muito interessados em meu novo quadro. Sem falsa modéstia, é claro que eles estão interessados em ver o que o grande Eric Carlsson tem feito em 25 anos. Há rumores de que ele será exibido na grande escadaria no museu, adornando aquele esplêndido espaço de mármore. Será a primeira e a última coisa que os visitantes do museu verão.

– Mas o que isso tem a ver conosco? – perguntou Bridget.

– Porque amanhã eu vou receber alguns cavalheiros do museu para ver a pintura. E eu ficaria honrado se vocês, as duas, estivessem lá, como minhas vizinhas. Como minhas amigas.

Merle quase explodiu.

– Ah, podemos, mamãe? Por favor, diga que sim!

Bridget riu e segurou a mão da filha.

– Ficaríamos honradas. Mas diga-nos, como é o nome do quadro? Ele tem um título?

– Sim – disse Eric. – Chama-se *Sangue do solstício de inverno*.

onze

NA SALA FRACAMENTE iluminada onde o quadro de Eric Carlsson assomava sobre as figuras analisando-o, fez-se silêncio.

Os três homens do Museu Nacional postavam-se de um lado; Eric, Bridget e Merle, do outro.

O mais velho dos visitantes do museu pigarreou.

– Pode nos explicar um pouco sobre a pintura, Sr. Carlsson?

Eric aquiesceu, adiantando-se lentamente, apoiando-se em um cajado.

– É uma cena vinda das lendas, das sagas. Ela descreve o sacrifício do rei Eiríkr, ocorrido nesta própria ilha em que estamos, para aplacar os deuses e o povo, depois de as colheitas fracassarem pelo terceiro ano seguido. É um sacrifício de sangue, porque, depois de dois sacrifícios menores, oferecidos depois das colheitas anteriores, o sumo sacerdote declarou que nada mais seria suficiente. Para aplacar os deuses, entendem?

O homem do museu inclinou a cabeça.

– Sacrifício. Isso é uma ideia... um tanto... ultrapassada, não? Nesse mundo moderno?

– Ultrapassada? – ecoou Eric. De súbito, ele sentiu-se muito velho. Sentiu que não compreendia. – O tema é antigo, mas não ultrapassado – explicou ele, sentindo-se perplexo. – E refere-se à ilha, esta ilha, cujo próprio nome está escrito com sangue!

– É mesmo? – disse um dos sujeitos.

– De fato. As pessoas pensam que o nome desta ilha quer dizer “abençoada”, e é verdade, mas “abençoada” não significa o que as pessoas

acham que significa. Na língua antiga era “bletsian”, e antes disso, “blotsian”, e antes disso, apenas “blod”. Que significa sangue, sacrifício. Sacrifício. Abençoar significa sacrificar, e com sangue.

Houve uma pausa. Uma longa pausa.

E então:

– Bom. Bem, obrigado por seu tempo aqui hoje, Sr. Carlsson.

Com isso, eles partiram.

Merle e Bridget saíram pouco tempo depois, deixando Eric sozinho. Bridget tentou explicar a Merle que Eric estava cansado e precisava repousar.

* * *

Eric sentou-se na sala que escurecia, olhando para sua obra-prima.

Sacrifício, pensou. Ultrapassado?

Jovens ambiciosos da cidade. Só porque entramos no mundo moderno, já tivemos sofrimento o bastante? Já nos cansamos do amor e da perda? Cansamos das guerras? Então, haverá sacrifício! E quando um pai se mata de trabalhar para alimentar o filho? Sacrifício?

E quando uma mãe morre no parto?

Sacrifício.

Ele balançou a cabeça.

– Bem – disse amargamente para a sala lançada em penumbra. – Então é isso.

* * *

Bridget e Merle não viram nem sinal de Eric por vários dias.

Então, uma manhã, quando desciam ao térreo para o café, viram uma carta no capacho.

Estava endereçada a Eric Carlsson e havia sido aberta; porém, virando-a, elas viram seus próprios nomes no verso do envelope e um curto bilhete na letra de Eric.

Minhas amigas. Aqui está a resposta deles. Os tolos! Com amor, E.

Bridget abriu a carta e leu a resposta oficial dos homens do Museu Nacional. Ela pulou as formalidades e leu a conclusão.

A coisa toda é irrereal como uma ópera, não se consegue acreditar no que está acontecendo, não se consegue uma conexão emocional com o que está ocorrendo. Sangue do solstício de inverno é uma cena assustadora e escandalosa de historicidade dúbia, sem relevância maior para nós, homens modernos, do que uma cena de canibalismo da África mais obscura.

Tor Bearvald, Museu Nacional

Merle saltitava em volta da mãe.

– O que é, mamãe? O que diz aí?

Bridget afagou o cabelo da filha.

– Temo que sejam más notícias para Eric.

doze

APÓS O CAFÉ DA MANHÃ, durante o qual Bridget não emitiu nenhuma palavra, ela disse a Merle para subir para seu quarto e brincar com sua lebre até que ela retornasse para casa.

Merle foi para o segundo andar, os olhos muito abertos com uma imaginação selvagem.

* * *

Bridget andou para cima e para baixo na montanha até o lado ocidental, indo direto para a porta lateral da igreja de Eric.

Ela o encontrou ainda sentado na poltrona, na frente da pintura.

Colocou a mão no rosto dele com gentileza e em seguida a retirou, apressada. Ele estava frio.

Não havia sinal de violência nem de qualquer ferimento, e ela soube que ele tinha morrido de tristeza.

Na mão dele havia um pincel fino, gasto e muito amado.

* * *

Ela gentilmente estendeu a mão de novo e fechou as pálpebras dele, interrompendo a morta vista final de sua obra-prima, a obra-prima pela qual ele dera tudo.

Pela qual ele havia se sacrificado.

* * *

De súbito ouviram-se passos e Merle entrou correndo na sala.

– Você não me fez prometer – disse ela.

– Ah, querida, venha aqui – disse Bridget, e elas correram para os braços uma da outra, a menininha compreendendo um pouco do que estava acontecendo e sentindo o resto.

Elas permaneceram desse jeito por um longo tempo, e depois Bridget endireitou-se.

– Bem, temos que tentar ajeitar as coisas – disse ela, mas Merle não estava escutando.

Nesse momento, Bridget olhou para o pincel na mão de Eric, e agora viu o que não tinha percebido antes.

O pincel ainda está úmido.

– Olha, mamãe – disse Merle, apontando para o quadro.

Bridget olhou para o ponto em que Merle viu algo.

Algo havia mudado.

* * *

O vasto e esplêndido horror do quadro permanece, mas ali, no fundo, está uma nova figura. De pé na galeria, bem atrás do rei, apoiando-se em um pilar, visível apenas pela metade, estão o rosto, o ombro e o braço de uma menininha. Ela estende uma maçã para o rei, colocando-a sobre a balaustrada da galeria.

Ela olha para o rei, sorrindo.

Seu rosto é inconfundível.

É Merle.

parte cinco

a sepultura inquieta

Outubro de 1848 – A Lua do Caçador



um

APÓS A CEIA, os gêmeos subiram para a cama.

Os pais ficaram surpresos ao ver o quanto eles tinham se tornado dóceis. Em sua casa, em Leipzig, as crianças vinham dando cada vez mais trabalho; ou estavam brigando uma com a outra, ou arquitetando alguma travessura juntas.

Herr Graf não se sentia bem; ele mal conseguira completar sua terceira sinfonia a tempo para a primeira performance no Gewandhaus, e não seria digno manter a Orquestra Gewandhaus de Leipzig à espera; ele podia ter subido ao estrelato como jovem compositor, mas tinha plena consciência da facilidade com que seu sucesso, sua fama e seu dinheiro poderiam lhe ser tomados outra vez.

Seu médico o aconselhara uma cura, recomendando uma ilha quase desconhecida chamada Benedicta, no extremo norte. O médico conhecera um inglês que havia sido curado completamente de sua tuberculose após uma temporada lá.

Herr Graf sentiu vontade de viajar sozinho, mas Frau Graf era uma mulher de vontade forte e insistiu que ela, seu filho e sua filha não se separassem. Agora ele estava feliz por ela ter insistido, porque algo estava fazendo um milagre não apenas em sua própria saúde frágil, mas também no bom humor de seus filhos.

– Boa noite, pappa – diziam eles em uníssono. – Boa noite, mamma.

Em seguida, subiram até o quarto na ponta mais distante do único corredor do segundo andar da casa que estavam alugando.

Sim, as crianças estavam desfrutando suas férias, especialmente por isso significar que tinham sido dispensadas do tutor, quando normalmente estariam

na escola.

Isso era verdade, mas havia outra razão. Elas gostavam muito da moça que seus pais haviam arranjado para cuidar delas, uma moça calma e bondosa chamada Laura.

Toda noite, depois de fazerem suas preces, ela sentava no pé da cama e lhes contava uma história.

Ambas as crianças, irmão e irmã, achavam-na muito bonita e escutavam, mesmerizadas, enquanto ela lhes contava histórias. As histórias que Laura lhes contava não eram como as chatas que elas ouviam de seu tutor, com crianças entediadas fazendo coisas entediadas.

Não, as histórias que ela contava eram empolgantes. Histórias cheias de loucas aventuras, de viagens a terras misteriosas, de heróis corajosos e vilões perversos, e elas as adoravam.

* * *

Naquela noite, Laura ficou de pé diante da janela, penteando o cabelo. Ela olhava para o céu noturno. Parecia mais pensativa do que o usual.

– Vocês repararam, crianças? As noites estão ficando mais compridas agora – disse ela, voltando-se para elas com um sorriso. – Hoje temos a lua do caçador. E com uma lua assim, acho que só existe um tipo de história para contar. Uma história de fantasma!

As crianças riram, deliciadas.

– Vocês gostariam disso?

As crianças assentiram.

– Muito bem, uma história de fantasma, então.

Ela sorriu.

– Eu vou deixar as cortinas abertas. Apaguem sua vela, e eu vou lhes contar a história sob a luz da lua.

As crianças riram de novo e apagaram a luz.

Laura sentou-se ao pé da cama, penteando seu cabelo com gestos longos e medidos.

dois

— **ESSA É UMA HISTÓRIA** da própria ilha – disse Laura. – Tem centenas de anos, ninguém sabe quanto tempo exatamente. Mas tudo o que eu vou lhes contar é precisamente como aconteceu.

* * *

É uma história antiga, sobre amor, sobre amor proibido! E tragédia.

Era uma vez dois enamorados. Eles eram jovens e cada um era lindo a seu próprio modo. Chamavam-se Merle e Erik. Merle era um deleite, como alguma criatura ligeira e recente dos campos. Ela era esguia e seu cabelo castanho-claro escorria pelas costas.

Quando Erik a viu pela primeira vez, ele consertava suas redes de pesca, no cais. Ela havia acabado de voltar do continente com seu pai, após uma viagem à cidade grande. Quando ela pisou no cais ao descer do barco, os olhos de ambos se encontraram.

Nenhum dos dois sorriu, porém, quando Merle inclinou a cabeça para o lado, ainda olhando para Erik, ele soube de imediato que tinha se apaixonado. O pai de Merle, que estava na frente dela, combinando algumas coisas com seu barqueiro, virou-se e viu o olhar trocado entre os dois.

Erik desviou os olhos, fitando suas redes, e Merle apressou-se a alcançar o pai.

– O que você estava fazendo? – disse o pai de Merle. Ele era o homem mais rico por muitos quilômetros ao redor, e não seria correto sua filha ser flagrada

sequer olhando para um pescador. Ele era um mercador abastado da cidade, mas possuía também uma casa na ilha. Naquele dia, eles trouxeram novos itens da cidade com que decorar seu retiro na ilha.

– Não era nada, pai – disse Merle, e seu pai grunhiu, censurando.

Eles foram para casa; contudo, conforme eles passavam, Erik endireitou-se, parando de consertar suas redes, e observou Merle caminhar. Ele notou como ela era leve, como se movia, e soube que o que sentia era real e verdadeiro.

E, no entanto, ele também soube que problemas chegariam, pois um amor como o deles, entre duas pessoas de tais condições, jamais seria permitido.

* * *

Laura fez uma pausa e olhou para as crianças.

– Há algumas partes dessa história – disse ela, a voz baixando para um sussurro – que são um pouco assustadoras. E outras partes que seus pais podem não aprovar.

Ela fez outra pausa. As crianças a observavam, olhos brilhando. Nunca antes tinham concebido tal coisa.

– Se eu lhes contar essa história – disse Laura –, talvez seja melhor combinarmos que vocês não vão contar a seus pais. É uma boa ideia?

Ambas as crianças anuíram furiosamente.

– Bom – disse Laura. – Então eu continuarei.

três

— O QUE MERLE poderia fazer? — disse Laura.

— Seu pai, que sabia o quanto a filha era bela, e quantos problemas isso poderia trazer, sempre a mantinha trancada feito uma prisioneira quando estavam na cidade, e a ilha era como outra prisão.

* * *

Ela não tinha nenhum amigo e havia muito pouco a se fazer. A casa que eles possuíam era a maior da ilha, porém Merle rapidamente enjoou de seus cômodos e suas vistas. Ela desejava ir lá fora e, quando podia, dava longas caminhadas pela ilha, indo até seu ponto mais alto, olhando para a parte ocidental do outro lado, ou para os prados, vazios e frios agora que o outono tinha chegado. Ela andava pela grama e a barra de suas longas saias ficava molhada.

Mas seu passatempo favorito era caminhar junto ao mar; ao longo das praias, perto das piscinas de pedra, passando pelas florestas que se agarram à praia oriental. E o cais.

Ela adorava observar os barcos chegando e saindo, mas havia um barco que ela sempre queria ver, aquele que pertencia a Erik.

Aconteceu que, em certo dia escuro, apesar de não estar ainda chovendo na ilha, Merle viu uma tempestade violenta rugindo lá longe no mar. Ela se preocupou pelos pescadores e por Erik, e preocupou-se ainda mais quando não pôde ver o barco dele entre os que já haviam retornado.

Ela falou consigo mesma.

– Erik? – murmurou para o vento.

E então, enquanto estava de pé no cais, escutou uma voz atrás de si.

– Bem, então é isso – disse a voz.

Ela virou-se e viu Erik. Ele sorriu, tímido. Não sabia como conversar com essa fina dama, não sabia o que deveria dizer, apesar de saber muito bem o que queria dizer.

Merle inclinou a cabeça.

– Diga o nome dele, e seus chifres aparecem! – disse ela, rindo, aliviada. – Mas onde está seu barco?

– Nós o guardamos no sul – explicou Erik. – Estava ficando perigoso demais para levá-lo além.

Erik olhou para as saias de Merle.

– Mas você já está molhada – disse ele, uma pergunta em seu rosto.

– Eu estava caminhando na campina – disse Merle –, mas não é nada. Secará rapidamente junto ao fogo quando eu voltar para casa.

Ela parou, olhando para as pedras do cais.

– Eu estava preocupada com você.

Erik encolheu os ombros.

– É o que nós fazemos – disse ele. – Mas está vindo uma tempestade. Você deveria ir para casa antes que ela se vire para cá.

Erik hesitou, depois reuniu sua coragem.

– Eu poderia levá-la até sua casa em segurança.

– Obrigada – disse Merle. – Mas eu conheço bem o caminho.

– Eu sei que conhece – disse Erik, e então fez-se um silêncio entre eles.

Merle balançou a cabeça.

– Mas você não pode me levar para casa – disse ela. – Meu pai...

Ela parou.

– Adeus – disse ela. – Estou contente que você esteja a salvo.

Ela se virou e caminhou de volta pelas campinas, molhando ainda mais a barra de sua saia.

Tinha atravessado metade da campina quando, sentindo a nuca formigar, voltou-se para trás. Ali, a uma boa distância dela, andava Erik, seguindo-a como um espectro.

Ela virou-se e seguiu em frente, depois se voltou para trás outra vez.

Não havia dúvida, ele a estava seguindo, mas a certa distância.

Ela apertou o passo, os pés começando a gelar por completo devido à umidade.

Escureceu com o cair da noite e as nuvens de tempestade conforme ela se aproximava de casa, dedos de névoa afagando seu cabelo quando ela saiu da campina. Merle apressou-se pela trilha que levava à porta da frente e estava a ponto de entrar quando uma voz baixa nas sombras falou com ela.

Era Erik.

Ela ofegou.

– O que você está fazendo aqui? – indagou, mas Erik não respondeu a isso.

– O que você quis dizer? O que você falou no cais. “Diga o nome dele, e seus chifres aparecem”?

Merle sorriu.

– É só algo que as pessoas dizem. Quando estão falando de alguém e daí a pessoa aparece.

– Mas chifres? Eu sou algum animal? Um bode, um carneiro?

Merle olhou para Erik. Ela reparou que os fundilhos de suas calças rústicas também estavam úmidos pela grama da campina.

– Mas você está molhado – disse ela. Deu um passo mais para perto dele.

– Que tipo de animal eu sou? – Erik perguntou de novo.

O sorriso de Merle havia sumido.

Ela aproximou-se ainda mais de Erik e, em seguida, ele pousou gentilmente as mãos nos quadris dela. Então, eles se beijaram por muito, muito tempo.

Quando eles se afastaram, Erik olhou mais uma vez no fundo dos olhos de Merle.

– Você ainda não respondeu minha pergunta – disse ele. – Que tipo de animal eu sou?

Merle riu também. Ela tocou o antebraço dele muito brevemente.

Ela sussurrou, um sorriso no rosto e riso em seus olhos.

– Um que vai causar a minha morte.

quatro

LAURA FICOU DE PÉ e alongou as pernas, deixando o pente de prata na cômoda do quarto dos gêmeos.

Eles cochicharam entre si que aquela não parecia nem um pouco uma história de fantasma, que parecia uma história de amor. Nenhum dos dois gostava de histórias de amor.

Ainda assim, a lua cheia do caçador brilhava através da janela, e havia algo em Laura, em seu vestido preto com barrado púrpura, que tornava a história assustadora. E havia algo nas palavras que ela utilizava para contar a história que os fazia perceber que algo ruim ia acontecer.

Laura tornou a se sentar, abrindo as saias do vestido preto, e prosseguiu.

* * *

O amor que Merle e Erik tinham um pelo outro cresceu e cresceu até consumir ambos.

Era difícil para eles.

Erik estava sempre ocupado, pescando ou passando horas a consertar suas redes. Não era um modo fácil de ganhar a vida e deixava pouco tempo para o prazer.

E o pai de Merle a observava como um falcão observa um rato na campina. Ele sentia uma mudança nela e que algo vinha acontecendo. Estava desconfiado, e ficou cada vez mais difícil para ela escapar, ainda que apenas por cinco minutos.

Mas dizem que o amor encontra um jeito, e é verdade.

O amor sempre encontra um jeito.

E assim eles continuaram a se encontrar em segredo, principalmente tarde da noite, quando o pai de Merle acreditava que ela estivesse a salvo em sua cama, e quando Erik deveria estar dormindo para ter forças para navegar em seu barco no dia seguinte.

Com frequência eles se encontravam no cume da campina e, para evitar encontrar alguém nas alamedas, atravessavam a campina no escuro, sentindo seus pés e as barras de suas roupas ficarem empapados.

Quando seus pés ficavam dormentes, eles sabiam que estava na hora de voltar para casa, e se separavam por outra noite.

Uma noite, quando se separavam, Erik sussurrou para Merle:

– Diga que você nunca vai me deixar – disse ele, segurando as mãos dela.

– Eu jamais vou deixá-lo – disse Merle.

– É tão fácil assim dizer isso? – disse Erik, surpreso.

– É, já que é de você que eu estou falando – respondeu Merle. – Eu jamais vou deixá-lo. Não importa o que aconteça, para onde você vá ou o que você faça. Eu jamais vou deixá-lo.

– Mas pode não ser tão fácil – disse Erik. – Nosso amor é proibido. Pode se tornar impossível para nós estarmos juntos.

Merle balançou a cabeça.

– Eu encontrarei um jeito – disse ela. – Eu sempre encontrarei um jeito.

* * *

Naquela noite, Merle dormiu profundamente, mas seus sonhos foram estranhos e perturbados.

Ela dormiu até tarde da manhã, e seu pai, preocupando-se com ela, entrou em seu quarto. Ela não acordou.

Ele ficou ali, olhando para sua única filha, e então seu olhar caiu sobre as roupas dela, penduradas nas costas de uma cadeira. Ele viu algo e ergueu uma sobrancelha.

As barras das saias dela estavam ensopadas, o que era esquisito, pois, quando ela lhe dera boa noite, na noite anterior, estavam secas.

CINCO

NA NOITE SEGUINTE, Merle saiu após escurecer, como de costume.

Ela disse boa noite ao pai, como de costume.

Caminhou até o topo da campina, como de costume.

Não viu Erik, por isso esperou.

Ela esperou e, quando ele mesmo assim não apareceu, começou a se preocupar.

Pensando que devia ter acontecido algum mal-entendido, ela saiu pelas campinas sozinha, a barra do vestido molhando-se mais uma vez. Ela caminhou por todo o prado e de volta, e ainda assim não encontrou Erik.

Por fim, preocupada e desesperada, decidiu que não havia mais nada que pudesse fazer além de voltar para casa às pressas.

Uma figura solitária era ela, sob o frio luar, o vento soprando as folhas das árvores no escuro, suas saias molhadas tocando a grama noturna.

Ela abriu a porta de casa e entrou, escondida, no escuro. Estava com o pé no primeiro degrau quando subitamente uma voz chamou da sala de visitas.

– Filha.

Uma luz tremeluziu, e ali estava seu pai, sentado na poltrona, junto ao fogo que arrefecia.

– O que você está fazendo, filha?

Merle adiantou-se, formando alguma explicação em sua cabeça, mas suas palavras lhe fugiram.

Ela viu que seu pai segurava uma pistola. Ele a apontava para uma figura sentada na outra poltrona junto ao fogo.

Era Erik.

Merle arfou. Erik olhou para ela com tristeza.

– Diga-me – falou o pai dela friamente. – Diga-me que não é verdade.

Merle balançou a cabeça.

– Não posso! – gritou ela. – Não posso fazer isso! Eu o amo! Eu quero ficar com ele para sempre.

O pai de Merle se levantou.

– Pelo contrário – disse ele. – Você nunca mais o verá. Não é isso mesmo?

Esse comentário foi dirigido para Erik, que também se levantou, miseravelmente, olhando para o chão.

Merle chorou.

– Não! Erik! O que ele quer dizer? Diga que não é verdade!

Mas Erik balançou a cabeça. Sim, pode ser verdade que o amor sempre encontre um jeito, mas o ódio também é assim.

– Seu pai está certo – disse Erik. – Me desculpe, Merle.

Ele foi até a porta. Merle correu para impedi-lo, mas o pai dela colocou-se entre ambos, gesticulando loucamente com a pistola.

– Pai! Não! – gritou Merle, mas seu pai rugiu de volta para ela.

– Vá para o seu quarto!

Ele voltou-se para Erik.

– E você! Vá embora logo!

Merle subiu as escadas correndo e soluçando.

A porta fechou-se atrás de Erik.

Seu pai tinha razão; aquela foi a última vez que ela o viu.

* * *

No dia seguinte, no início da noite, chegou à ilha a notícia de que havia ocorrido uma morte, um afogamento.

Erik havia saído de barco como sempre, com os outros pescadores.

Uma tempestade soprou e eles voltaram para se proteger na ponta ao sul de Benedicta, mas o barco de Erik não retornou.

Outro pescador reportou tê-lo visto com dificuldades, a alguma distância atrás do resto da frota, o que ele disse ser estranho, pois Erik era o melhor marinheiro entre todos eles.

* * *

Dois dias depois, o corpo de Erik apareceu na praia mais ao sul, mordiscado pelos peixes que ele antes apanhava.

Um dia depois disso encontraram o barco dele, ou seus restos, nas águas rasas.

Havia sinais de que o fundo do barco havia sido esmagado de dentro para fora, o que, de novo, todos acharam insólito, pois ele estava bem na manhã em que Erik partira para o mar; todos juravam que estava.

SEIS

OS GÊMEOS OLHARAM um para o outro, e então para Laura.

– Você quer dizer que Erik se afogou de propósito?

Laura assentiu lentamente, e os olhos dos gêmeos se arregalaram.

* * *

Erik sabia que o amor deles jamais poderia se realizar e, mais que isso, o pai de Merle ameaçou arruinar a família toda de Erik. Ele era tão poderoso, que poderia ter feito isso, assim fácil.

Merle ficou inconsolável.

Erik foi enterrado no minúsculo cemitério ao norte da ilha e Merle compareceu ao funeral.

Agora não havia nada que o pai de Merle pudesse fazer para impedi-la, nada com que pudesse ameaçá-la. Ele havia feito o que podia fazer de pior e, portanto, Merle foi ao funeral, sem nenhuma vergonha de seu amor proibido.

Os outros enlutados fofocaram e cochicharam, e, quando o funeral terminou e todos partiram, um deles cuspiu no chão diante dos pés de Merle.

Naquela noite houve uma brilhante lua cheia, uma lua do caçador, e Merle sentou-se na sepultura de Erik, soluçando.

– Eu disse que jamais o deixaria – disse ela –, e não deixarei. Não vou quebrar minha promessa.

Ela fez um juramento para si mesma, para Erik, bem ali, naquele momento.

– Nem que eu tenha que esperar por um ano e um dia, que mover as montanhas, que atravessar os rios do submundo, eu vou encontrar um jeito de estarmos juntos de novo.

* * *

Toda noite, ao escurecer, Merle saía de sua casa, como um fantasma, a mera sombra de sua beleza anterior, e vagava até o cemitério.

Toda noite, ela se sentava na sepultura de Erik, esperando, esperando pelo retorno dele. Ela acabava adormecendo, suas lágrimas perdidas na contínua chuva de outono que chapiscava o solo da sepultura recente.

Toda manhã, ela se arrastava de volta para casa e para sua cama, uma infeliz fria e febril.

Seu pai tentou impedi-la, mas não importava o que ele fizesse ou dissesse, Merle não fazia conta dele.

Os dias se transformaram em semanas.

As semanas se transformaram em meses.

Os meses se transformaram em um ano.

E Merle ainda passava todas as noites chorando na sepultura de seu amor.

Contudo, conforme o ano passava, algo aconteceu a Merle, à mente de Merle. Ela ficara cansada e fora sobrecarregada para além de sua resistência, de modo que ruiu; e foi assim que, um ano e um dia depois de Erik ter sido depositado na terra, Merle ficou louca.

* * *

Naquela noite, enquanto ela dormia na sepultura, agora bem coberta de grama, a lápide se suavizando gentilmente com o passar dos dias, ela despertou.

A lua estava clara, quase tão clara quanto o dia.

Era uma noite calma e limpa, tão quieta, de fato, quanto a sepultura, e ela ergueu o olhar para encontrar uma lebre sentada na grama, a uma distância de um braço.

Ela soube imediatamente quem era a lebre, ou melhor, quem ela imaginava

que fosse. Em seu delírio, ela pensou que a criatura fosse seu amado.

– Erik! – gritou ela, e quando a lebre não saiu correndo, assustada, a crença de que tinha razão fortaleceu-se dentro dela. – Erik! – declarou ela outra vez, rindo, as lágrimas escorrendo por seu rosto.

Ela estendeu a mão; a lebre saltou mais para perto e cheirou-lhe os dedos. Ela inclinou-se um pouco mais, então a lebre veio diretamente até seu rosto, até seus lábios. Elas se beijaram de leve.

– Erik! – disse ela. – Que esperto!

E então, subitamente, ela percebeu algo e sentou-se, ligeira. Agora a lebre fugiu para as árvores.

– Mas como... – chorou ela. – Como é que eu posso te seguir? Eu devo ficar com você, meu amor! Como posso ficar com você?

Apesar disso, mesmo enquanto dizia as palavras, ela sabia o que precisava fazer. A ideia formou-se em sua mente, como uma maçã amadurecendo, e ela soube o que tinha de fazer, e de quem ela precisava para ajudá-la.

Na montanha, na trilha para a ilha ocidental, havia uma velha que conhecia meios antigos.

Diziam que ela era uma bruxa, e tinham razão.

sete

A CASA DA BRUXA era a última à direita, subindo a montanha.

Merle sentou-se junto à lareira dela, quase toda a luz em seu olhar apagada, seu rosto pálido e vazio, irreconhecível da garota que Erik amara.

A bruxa agitou-se em volta dela, ouvindo sua história, ouvindo o que Merle lhe pedia.

Fez-se silêncio por muito tempo, então finalmente Merle ergueu os olhos para os da bruxa.

– Bem – disse ela. – Você consegue fazer isso?

A bruxa pareceu pensar por muito tempo e então anuiu. Lentamente. Uma vez.

– Sim, consigo. Volte aqui dentro de uma semana.

– Tanto tempo? – perguntou Merle.

– Vai levar algum tempo para preparar a magia.

* * *

Assim, Merle esperou por outra semana agonizante.

Toda noite ela se sentava na sepultura de Erik, esperando que ele voltasse outra vez como a lebre, mas viu-o apenas duas vezes, nas distantes árvores escuras.

– Espere! Espere, meu amor! – gritava ela. – Eu vou ser capaz de segui-lo em breve!

E, no final da semana, ela voltou à casa da bruxa e outra vez sentou-se na cadeira junto ao fogo.

– Bem?

A bruxa anuiu e, de um armário, tirou um frasco de vidro cheio de um líquido fosco de cor púrpura, quase preta.

Ela tornou a assentir.

– Isso aqui vai fazer o que você me pede – disse ela. – Espere até o cair da noite. Vá até a floresta ou algum outro lugar onde não seja vista. Tire todas as suas roupas, pois você não vai querer ficar presa nelas quando acordar de novo. Beba. Beba tudo. Você vai dormir. Quando voltar a acordar, terá assumido a forma que deseja, mas deve se certificar de manter essa forma em sua mente conforme adormecer. Entendeu?

Merle não disse nada e aquiesceu.

Levantando-se de sua cadeira, ela olhou para o sol de outubro, mergulhando rapidamente na direção do horizonte ocidental.

Ela caminhou até o cemitério, sentou-se na sepultura e aguardou o anoitecer.

Enquanto esperava, ela cantava uma canção.

O vento sopra hoje, meu amor,
E algumas gotinhas de chuva;
De verdadeiro, tive apenas um amor,
Que jaz numa fria sepultura.

Farei pelo meu verdadeiro amor
O que qualquer jovem faria;
Vou me sentar e lamentar em seu sepulcro
Por doze meses e um dia.

Quando os doze meses e um dia terminam,
Os mortos começam a falar:

“Oh, quem se senta chorando em minha sepultura,
E não me deixa descansar?”

Sou eu, meu amor, que me sento em sua sepultura,
E dormir não o deixo;
Quero um beijo de seus frios lábios de argila,
E isso é tudo que eu desejo.

Ao anoitecer, Merle pôs-se de pé e delicadamente deixou toda sua roupa cair de seu corpo, agora mais magro que nunca, e ainda assim algo fresco e ágil, vindo dos campos.

Ela ergueu o frasco até seus lábios e, sem nenhum outro pensamento, bebeu.

O frasco caiu de seus lábios e ela caiu por terra, apertando a garganta e a barriga.

A bruxa não dissera que seria desse jeito, com tanta dor. Entretanto, ela lembrou-se das outras palavras da bruxa e então, mesmo enquanto se contorcia de agonia na sepultura, debatendo-se na grama, ela manteve seu desejo em mente.

Sua forma desejada.

Uma lebre.

orto

NA MANHÃ SEGUINTE, o pai de Merle descobriu que ela havia desaparecido e não retornara do cemitério logo cedo, como de hábito.

Ele organizou uma busca por ela. No entanto, apesar de terem vasculhado a ilha toda várias vezes, tudo o que encontraram foram as roupas dela, abandonadas em uma pilha amontoadas sobre a sepultura do pescador.

O pai dela desabou sobre a sepultura, chorando.

A uma curta distância, uma lebre observou o homem chorando.

Depois de algum tempo, a lebre viu outras pessoas levantando o homem da sepultura, e todos foram embora.

* * *

A lebre estava sozinha. Ela pulou para dentro do cemitério, por cima de uma sepultura em especial, aquela onde o homem estivera.

A lebre parecia incomodada, perturbada. Ela pulava ao redor da sepultura como se estivesse agitada, olhando para cá e para lá, olhando, procurando por alguma coisa, algo que deveria estar ali e não estava.

Finalmente a lebre sentou-se na sepultura e esperou.

E, enquanto esperava, uma voz cantava para ela, vinda de debaixo do solo.

Isto foi o que a voz cantou:

*Você deseja um beijo de meus frios lábios de argila,
Mas meu hálito tem um forte cheiro de terra;*

Se você receber um beijo de meus frios lábios de argila,
Seu tempo logo se encerra.

É lá embaixo, em outra verde campina,
Amor, onde sempre caminhávamos,
A mais linda flor já vista
Não passa agora de caule mirrado.

O caule está ressequido, meu amor,
Assim como nossos corações hão de ficar;
Portanto, contente-se, meu amor,
Até que a Morte a venha chamar.

A história termina agora, em tragédia.

Pois havia outro par de olhos observando a lebre na sepultura, e eles pertenciam ao caçador, que tinha saído aquela noite com sua arma em busca do que estivesse à disposição.

Enquanto a lebre dormia sobre a sepultura, ele mirou e atirou. Sorriu, porque sabia que sua esposa ficaria contente com ele, tendo uma lebre para o cozido. Ele colocou o corpo em seu alforje e voltou para casa no escuro, assoviando uma antiga canção folclórica.

* * *

Com algumas últimas palavras murmuradas, Laura terminou sua história, depois ficou em silêncio.

As crianças fitavam-na fixamente, os olhos ainda mais arregalados do que antes. Irmão olhou para irmã, irmã olhou para irmão, e então ambos voltaram a olhar para Laura.

Mesmo nas sombras do quarto iluminado pela lua, eles podiam ver que ela chorava.

Irmã olhou para irmão, irmão olhou para irmã, e os gêmeos resolveram, sem trocar uma palavra, que precisavam de ajuda.

Eles desceram da cama e se esgueiraram para o térreo, para encontrar seus pais.

– Você reparou? – eles perguntaram um para o outro enquanto desciam, pisando suavemente nas tábuas escuras da escada. – Você reparou no vestido dela?

Eles encontraram os pais sentados na sala de visitas com outra senhora, uma que eles ainda não conheciam.

– Mamma. Pappa – disseram juntos. – Laura está chorando. Achamos que vocês deviam subir e conversar com ela.

Herr e Frau Graf pareciam confusos. Embaraçados.

– Quem é que vocês disseram que está chorando, queridos? – perguntou Frau Graf.

– Laura. A moça que vocês chamaram para cuidar de nós na hora de dormir. Ela estava nos contando uma história de fantasma, e nem era uma história de fantasma mesmo. E agora ela está chorando.

Herr Graf se levantou.

– Isso é alguma piada boba? – disse ele. – Uma das suas brincadeiras? Eu quero que vocês peçam desculpa agora mesmo e voltem para a cama.

Foi quando os gêmeos começaram a chorar.

– Mas é verdade!

– Crianças – disse a mãe deles, com mais gentileza. – Essa aqui é a Laura. Ela só pôde se juntar a nós hoje. Eu disse a vocês isso tudo, não se lembram? A mãe dela estava doente e ela acaba de chegar.

Os gêmeos voltaram-se um para o outro, depois para os pais. Olharam para Laura, desconfiados.

– Então, quem está no nosso quarto?

Agora os olhos dos pais deles se arregalaram, e Herr Graf de súbito subiu as escadas. Ele ficou lá em cima por algum tempo, depois voltou.

– Nada – disse ele. – Ninguém. Como eu disse, uma de suas brincadeiras.

As crianças estavam estupefatas demais para responder.

– E algum de vocês derramou sua água? As tábuas do piso estão úmidas no pé da cama.

noVe

OS GÊMEOS NÃO QUERIAM pedir desculpa.

– Essa não é a Laura – gritavam eles. – Laura está lá em cima! Ela não se parece nada com a Laura.

– Parem com isso! – gritou Herr Graf. – Parem com isso! Eu quero que parem com essa bobagem agora mesmo. O que a senhorita Laura vai pensar de vocês?

No entanto, Laura permanecia sentada no sofá, inabalada, uma expressão estranha no rosto. Ela continuava quieta.

– Mas e a história que ela nos contou? – perceberam os gêmeos, de repente. – Se nós inventamos isso tudo, então como é que podíamos conhecer a história sobre Merle e Erik? E sobre como eles se apaixonaram, mas não tinham permissão para isso? E como Erik se afogou e Merle ficou louca, depois se transformou em uma lebre? Como podíamos saber disso?

Agora o pai deles estava zangado de verdade.

– Vocês inventaram tudo. Podiam inventar qualquer história e nos dizer que uma estranha contou a vocês! Como ousam? Como ousam envergonhar a sua mãe e a mim desse jeito?

– Crianças – disse Frau Graf, de olho na visita. – Acho que talvez devam ir para a cama agora, e podemos conversar sobre isso de manhã. Quando estiverem mais descansados. Quando todos nós estivermos mais descansados.

As crianças estavam prestes a protestar, quando a senhora que era Laura de verdade falou:

– Mas sabe, Herr Graf, Frau Graf, existe mesmo essa história, embora eu não a ouça há muito tempo...

Ela parou, parecendo confusa.

– Só que foi... um tanto diferente... da que seus filhos acabam de nos contar. Tudo aconteceu desse jeito, exceto que o motivo pelo qual o amor deles era proibido não era por Erik ser pobre. Merle era rica, mas Erik também era. Ele não era um pescador, e... bem, ele não era Erik. Ele era ela. Erika. Ela era a filha de um nobre. O amor delas era proibido porque, bem...

Ela se interrompeu, olhando para as crianças. Esse não era o tipo de coisa que elas podiam ouvir. Laura lembrava-se da história um pouco melhor agora.

– Ela também era linda, dizem. E sempre se vestia muito bem, embora sempre usasse o mesmo vestido, seu preferido.

As crianças ficaram em silêncio.

* * *

Do lado de fora, uma dama em um vestido preto e púrpura ouvia o silêncio da casa.

De algum lugar, muito distante, veio o grito de uma lebre ferida.

Soava tão humano.

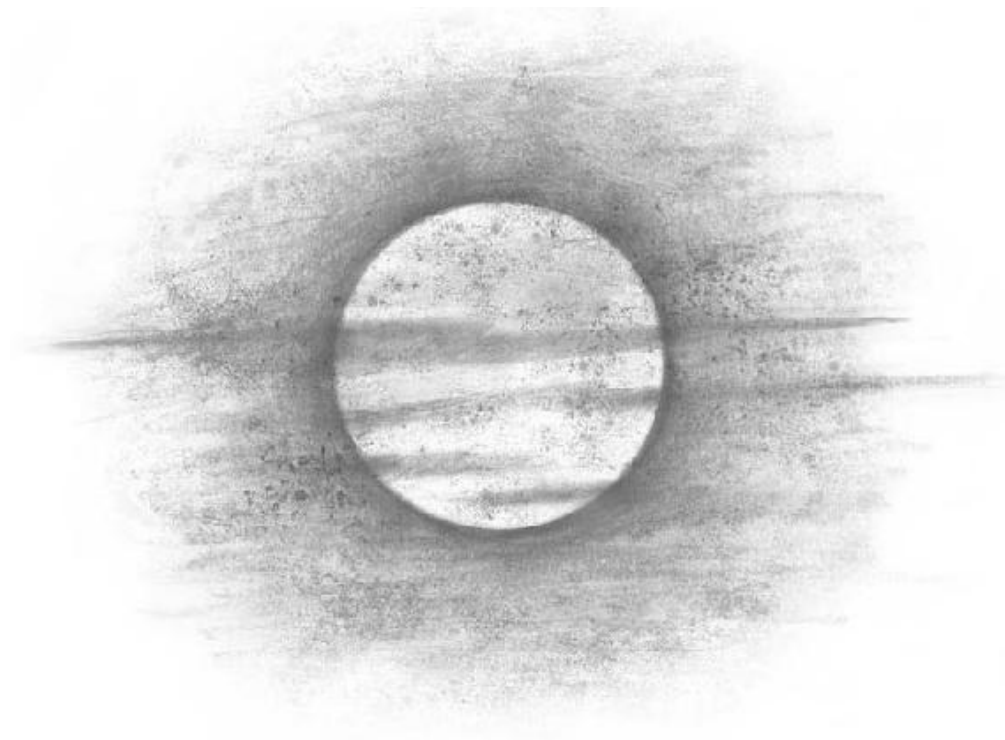
A dama balançou a cabeça, pensando em sua amante que perdera a cabeça e se tornara uma ágil criatura das sombras.

– Bem – disse ela, tristemente. – Então é isso.

parte seis

O vampiro

Século X – A Lua da Neve



um

AGORA EU ESTOU VELHA.

Agora eu estou velha e as coisas que aconteceram sob a débil luz da lua da neve quando eu era uma menininha vagaram para muito longe seguindo a corrente. E mesmo assim, quando eu fecho os olhos, vejo tudo à minha frente mais uma vez.

Talvez haja coisas que eu tenha esquecido.

Talvez haja algumas coisas, coisas que fugiram da minha memória e agora existem em lugar nenhum. Eu sou a mais velha do clã e, quando eu morrer, minhas memórias morrerão comigo, a menos que eu as transmita para as memórias de outros através da história.

Foi o que eu fiz. contei muitas histórias em minha vida, e essas histórias que eu contei, bem, elas seguirão vivendo nos mais jovens.

Entretanto, existem algumas histórias que eu nunca contei.

Existe uma história, uma história...

Existe uma história que as pessoas conhecem um pouquinho, mas da qual apenas eu conheço toda a verdade, e eu levarei essa verdade comigo para seja lá o que espere por nós quando fecharmos os olhos pela última vez.

dois

OU AS NEVES CHEGARAM CEDO e com força naquele ano, ou os barcos demoraram a voltar, porque as longas campinas estavam quase intransitáveis.

Mas não. Era a lua da neve, eu me lembro disso, então foram os barcos que se atrasaram. Foi por isso que a vila toda precisou ajudar a puxar os navios até as frias campinas, cinzentas à meia-luz.

Até Eirik e eu ajudamos, apesar de contarmos na época menos de dez invernos, tenho certeza disso.

Estávamos sentados no Panorama, esperando e esperando para sermos os primeiros a ver os navios retornando depois de terminado o viking★ por aquele ano.

Eles estavam tão atrasados. Tão atrasados!

E a cada dia que eles não retornavam, a vila se tornava um lugar mais e mais silencioso.

Era simplesmente impossível que todos os navios tivessem se perdido. Que nenhum retornasse. É claro, de tempos em tempos uma expedição perdia um navio, talvez até mais. Era perigoso sair para o viking. Mas perder toda a frota de navios? Impossível!

Todavia, conforme os dias se passavam e as noites ficavam tão compridas, que quase se tocavam, pensamentos indizíveis se tornaram palavras resmungadas, que se tornaram gritos de desespero!

Eles nos abandonaram!

Eles se perderam para os habitantes da terra média!

Eles foram engolidos pelo Krake!

* * *

No entanto, Eirik e eu não acreditávamos nesses gritos. Os navios haviam retornado a cada outono, e retornariam nesse também, mesmo que o outono tivesse se tornado inverno.

* * *

Finalmente, enquanto nos sentávamos no Panorama, observando o sol mal roçar o mar, Eirik viu os mastros.

Ele puxou minha manga e nós ficamos de pé, sem fôlego, contando.

Esperamos até eles se aproximarem e então, ainda sem dizer uma palavra, contamos de novo.

Estavam todos ali.

– Vamos! – gritei, e corri com meu irmão colina abaixo, entrando na casa comunitária no cruzamento.

– Mãe! – gritamos juntos, como fazíamos com tanta frequência. – Mãe! Eles estão de volta!

Nossa mãe voltou-se de seu trabalho junto ao fogo entre as outras mulheres e levantou-se, uma das mãos segurando uma faca, na outra o corpo inerte de uma lebre, meio esfolada.

Levou algum tempo para que as palavras tivessem significado para ela.

Posso ver os lábios dela agora, no olho de minha mente, enquanto visualizo como ela repetiu as palavras que falamos, mas sem nenhum som.

– Eles estão de volta.

– Mãe! Vamos lá!

A esse ponto, outros no cais mais ao norte também tinham visto os mastros, aproximando-se rapidamente com um vento oeste. Gritos vieram da trilha.

Minha mãe gritou então, como se tivesse queimado a mão. Ela largou tudo, então todos corremos na neve, juntando-nos aos gritos e berros da vila toda, os jovens, os velhos e as mulheres, conforme seus homens retornavam.

E então, ali estavam eles!

Nosso pai, de pé na proa do navio, acenando para nós, para sua vila, como um chieftain deveria.

– Eirik! – seu grito veio carregado pelo vento. – Eirik! Melle! Estamos em casa!

Ele ria.

Tentamos gritar de volta, mas o vento estava contra nós, e ele balançou a cabeça.

A quilha rangia contra as pedras, o casco quebrando as placas de gelo, o início de um mar congelado, dominando as águas rasas.

Nosso pai saltou.

Ele saltou da grande altura da proa até as pedras e caminhou até nós a passos largos.

– Tragam os trenós com rodas! – rugiu ele, mas tínhamos corrido até ele e jogado nossos braços ao seu redor. – Meu menino! Minha menina! Como vocês cresceram!

Ele riu de novo e nós olhamos em seus olhos.

Eirik riu em resposta, acho.

Eu apenas sorri.

Eu sei que era assim com Eirik e comigo.

As ferramentas de Eirik eram suas mãos, suas pernas, seus braços.

Minha ferramenta sempre foi uma coisa só: meu pensamento.

E com essa ideia, eu pude ver que, embora nosso pai estivesse rindo, algo estava ruim por dentro, algo que ele não queria que existisse. E, mesmo assim, existia.

* Apesar de ser geralmente conhecido assim, não existia um povo *viking*. Esse nome era dado à atividade exercida por eles, de navegar para pilhar e saquear os países prósperos mais próximos (Bretanha, Normandia etc.). (N.T.)

três

O VIKING TINHA SIDO BOM.

Todos os 12 doze navios retornaram, carregados de maravilhas, e as perdas tinham sido de apenas seis homens, dois deles por doença.

E havia outra pessoa, alguém novo.

Enquanto nosso pai, Eirik e eu caminhávamos pela praia, e nosso pai cumprimentava os anciões da vila, havia um ruído de passos atrás de nós, e um homem que Eirik e eu nunca tínhamos visto passou por nós.

Ele olhou para nós e eu tive medo de imediato, não sei por quê. Acho, e pensei nisso por muito anos, que foi pelo modo como ele olhou para nós.

Ele nos olhou como se nos quisesse. Do jeito que um lobo olha para carne.

Isso me assustou, mas acho que entusiasmou Eirik.

– Pai! – sussurrou ele. – Quem é aquele? Onde vocês o encontraram?

– O nome dele é Tor – disse nosso pai. – E eu quero que vocês fiquem longe dele. Entenderam?

Nós assentimos e encaramos a figura do homem em segredo. Ele era alto e forte, talvez até mais alto e mais forte que nosso pai. Ele também parecia ser muito mais velho que nosso pai. Tinha o cabelo escuro e a pele mais escura que a nossa, como se tivesse visto muita luz do sol, por muito tempo.

Eirik e eu acreditávamos que ele fosse um estranho.

Esse era o nosso palpite, que ele era alguém por quem nosso pai demonstrou piedade em suas viagens e trouxe de volta; contudo, estávamos errados, pois os anciões o reconheceram e alguns até puseram seus braços ao redor dele.

E ele sabia os nomes deles. Então nós soubemos que ele tinha estado na ilha Bloed antes.

– Tragam os trenós! – rugiu novamente nosso pai. – Temos pouca luz.

Ele tinha razão.

O dia, curto e fraco, estava quase terminado, e havia 12 navios para descarregar e aportar.

Antes que se passasse muito tempo, trabalhávamos à luz das tochas.

Toda a vila trabalhou.

Barcos pequenos iam e voltavam dos navios, transportando os espólios para terra firme.

Enquanto isso, a tripulação colocava os trenós com rodas na água, na proa do barco de nosso pai, e então as cordas eram amarradas apertado.

Aproveitando a força das ondas, a parte mais difícil foi feita rapidamente, levantando a proa do navio para o trenó.

E então começou o arrasto com altos gritos e músicas para facilitar, e todos, todo mundo da vila, tinham um lugar em alguma das cordas, menos o menor bebê, e mesmo as crianças pequenas ajudavam, segurando as tochas sob cuja luz nós trabalhávamos.

Eu me lembro.

Que noite! Os grandes navios assomando sobre minha cabeça. A luz alaranjada das tochas na neve, a fumaça preta espiralando até sumir de vista no céu azul de sombras, o cheiro dos homens, o cheiro da água salgada nos navios, as cracas em seus cascos como estrelas no firmamento, nossas mãos congelando nas cordas.

As canções, o riso, as pragas.

Mas eu me recordo de uma coisa acima de todas as outras.

Trabalhamos perto de nosso pai, o chieftain, tão orgulhosos e felizes de vê-lo novamente após tantos meses.

Estávamos fazendo um grande esforço naquele momento. Era o último navio, o último a ser retirado da água e arrastado através da neve acumulada como uma imensa baleia morta de madeira.

Talvez os homens estivessem cansados, mas estávamos nos esforçando.

De súbito, o estranho, Tor, estava ali.

– Não tem força suficiente, Wulf? – disse ele ao nosso pai.

O pai o ignorou.

– Seus homens perderam a potência?

– Arranje uma corda, Tor – disse o pai, mas Tor não obedeceu.

Ele esfregou o cabelo de Eirik com uma de suas mãos enormes.

– Bom menino – disse Tor.

Eirik sorriu. Nosso pai largou sua corda e, em um instante, estava com o rosto a um palmo de distância do de Tor.

Tudo ficou imóvel, então houve um longo silêncio.

O estalar das cordas, os gritos e canções, até mesmo o sibilar da gordura nas tochas, pareceram aquietar-se.

E então o pai falou:

– Arranje uma corda, Tor – disse ele.

Tor olhou bem fundo nos olhos do nosso pai e então, sem desviar o olhar, abaixou-se e apanhou a corda.

Houve um grito, nós fizemos força, e o barco deslizou para seu abrigo seguro nas neves das campinas.

O trabalho estava terminado, e eu me lembro apenas de mais uma coisa sobre aquela noite.

Como, enquanto Tor se afastava na direção da casa comunitária, nosso pai o observava.

E então ele cuspiu no chão onde Tor havia estado.

quatro

O BANQUETE VOOU. Disparou pela noite como um pássaro faminto, como a chama de um incêndio, como o espalhar de uma praga, uma festa tão selvagem quanto a noite lá fora era longa.

* * *

Ele pareceu estender-se por dias.

Parecia que a casa comunitária nunca havia ficado vazia, mesmo durante todos aqueles meses em que os homens estavam longe, nos knarrs.★

De súbito, em uma noite, ali era um lugar de luz do fogo, e júbilo, e calor; um barquinho de vida, preparando-se para navegar pela escuridão e neve do inverno, um inverno que rondava lá fora, do outro lado da palha enfumaçada.

Não apenas um, mas dois porcos foram mortos, e o cheiro da carne assando enchia até o canto mais alto da casa comunitária.

Cerveja de flores fluía como os riachos da montanha, o pão estava morno, e havia até maçãs da ilha ocidental, guardadas em barris contra o inverno.

Nosso pai sentava-se no meio da longa mesa, com nossa mãe a seu lado.

Nós nos sentávamos com as outras crianças, do lado, mas não nos incomodávamos.

Nosso pai estava em casa! E podíamos ver todo mundo e tudo.

Olhei para ele de novo, com mais atenção. Havia algo em seus olhos, eu sabia, algo em seu coração.

– Eirik – cochichei. – Qual o problema com o pai?

Mas Eirik! Ah, ele não sabia de nada.

Eirik estava sempre pronto para agir, não para pensar.

Se encontrasse um cão sem dono, Eirik passaria uma eternidade perseguindo-o pelas campinas, feliz, enquanto eu... eu teria encontrado um osso e deixado o cão se aproximar de mim.

Assim éramos, Eirik e eu.

Assim, ele não viu nada.

– O quê? – disse ele. – Problema? Não tem problema nenhum. Olha!

E talvez ele estivesse certo. O salão estava mais feliz do que eu nunca vira, e brilhava com todas as cores boas; marrons, e vermelhos, e tons de terra, e amarelos.

Nosso pai se levantou, um crânio de sangue suíno em sua mão.

Ele voltou-se para o salão.

– Nossa força foi grande! – gritou ele. – E estamos com vocês novamente! No entanto, perdemos seis homens, e com este banquete honramos os seis. Hakon! Kar! Magnus! Sigurd! Björn! Gilli!

A cada nome, ouvia-se um rugido, copos eram batidos e crânios eram espalhados, e nosso pai bebeu sangue em nome de cada um de seus homens caídos.

Contudo, ainda não havia surgido menção do recém-chegado, aquele Tor. E até eu, ainda uma criança, sabia que isso era errado.

Nosso pai gesticulou com uma das mãos por silêncio.

– Onde – disse ele, e posso vê-lo fazendo isso agora, sua voz reduzindo-se a um sussurro – está Leif Longfoot?

Então, apontando para o outro lado do salão, ele gritou:

– Leif! Nosso skald! Precisamos de palavras! Dê-nos palavras para lembrar nossa longa viagem, e nossos grandes feitos, e para recordar aqueles que perdemos.

Ali estava Leif, caminhando até o centro da casa comunitária para ficar de pé junto ao fogo e nos dar suas palavras.

Ele era um lindo homem, alto e magro, em nada feito para lutar, apesar de lutar com os outros quando necessário. Mas suas ferramentas eram as palavras,

esses misteriosos presentes dos deuses. Enquanto a maioria dos homens meramente aprendia como usá-las, Leif era um dos magos que tinham aprendido o segredo de como fazer magia com elas.

Ele ficou de pé junto ao fogo e esperou por silêncio.

E então, gritou:

– Hwaet!

Assim, nós todos soubemos que suas palavras estavam prestes a começar, e elas eram maravilhosas de se ouvir.

Em um dia bom
Nasce aquele senhor de grand'alma
Que possui um coração como o seu;
Sim, seus tempos
Serão contados na terra,
E os homens falarão de seu poder.

Livre estará
O lobo Fenris,
E cairá nos campos dos homens,
Antes que surja por aqui
Um senhor régio
Tão bom, para colocar-se no lugar dele.

Gado morre
E parentes morrem,
Terra e alianças em vão;
Quando Wulf
Foi para as amplas águas,
Muitos exércitos caíram.

Seu poema contou a todos nós sobre os medos e destinos que afligiram nosso pai e seus homens desde que os vimos pela última vez, no comecinho do verão.

Enquanto escutávamos, eu mexia no colar em minha garganta, aquele que Eirik fez de osso para mim, uma lebre saltando.

Vi Tor se levantar de seu lugar.

Também vi que o pai tinha visto e estava cuidadosamente observando-o, enquanto ele andava pela casa comunitária, por trás das mesas. Ele tinha se sentado do lado oposto ao nosso e, de alguma forma, eu sabia para onde ele estava se dirigindo.

Quando ele finalmente chegou atrás de Eirik e de mim, esfregando as mãos por nosso cabelo, todo o salão estava silencioso.

As últimas palavras de Leif morreram e flutuaram para longe como qualquer outra faísca do fogo, e então houve um instante terrível de nada.

O pai não se levantou, falando de onde estava sentado.

– Tor. O que você quer dizer com isso?

Nós podíamos sentir as mãos dele em nosso cabelo, e procurei a mão de Eirik, e ele procurou a minha, pois não compreendíamos o que estava acontecendo.

E então a voz de Tor soou, voando sobre nossas cabeças na direção do nosso pai, na direção de toda a casa comunitária.

– Essas crianças – disse ele – são minhas.

* Navio viking, também conhecido como *longship*. (N.T.)

CINCO

O BANQUETE AFUNDOU.

Eu vi muitas coisas.

Mãe, desviando o olhar, desviando seu olhar de Tor, de nós, de nosso pai.

Vi como nosso pai saltou por cima da mesa, esparramando tudo, a comida, a bebida, as facas, e então como ele estava diante de nós, inclinando-se por cima da mesa na direção de Tor.

Eu não o vi apanhar uma faca, mas havia uma faca em sua mão mesmo assim, e sua ponta estava na garganta de Tor.

A despeito disso, foi Tor quem falou primeiro.

– Você nega? – murmurou ele, sua voz tão delgada quanto junco na beira da água.

Eu estava tão perto, que pude ver a ponta da faca vacilando, vacilando, enquanto nosso pai respirava pesadamente.

E então, com um rugido, ele jogou a faca no chão a seus pés e empurrou Tor para trás, para longe de nós, lançando-o na parede.

Ele tropeçou, apalpando a garganta como se a faca ainda estivesse lá.

O pai virou-se para o salão.

– Nosso hóspede esquece de onde está. Contudo, podemos perdoar isso.

Havia algo errado no modo como ele falou a palavra hóspede.

– Sim. Nós perdoamos. Mas...

Ele voltou-se para Tor.

– Apenas por esta noite. Pois esta noite, esta noite é um momento de lembrança e coisas boas, e não vamos estragá-la com máculas da língua.

Ele dirigiu-se a Leif.

– Obrigado, Leif. Como os deuses utilizam sua voz, eu jamais compreenderei. Dê-nos música agora. Dê-nos canções!

Então, outros vieram adiante, e com a flauta, as gaitas e o tambor fez-se música.

Olhei para trás de nós.

– Ele se foi, Melle – Eirik murmurou para mim, no instante em que eu via que isso era verdade. Dessa forma, Tor deixou o salão em desgraça.

– Mas o que ele quis dizer? – sussurrei para Eirik. – O que ele quis dizer?

Os olhos de Eirik estavam muito abertos. Eu sabia que ele não sabia mais do que eu.

Nesse momento, a velha cujo nome era Sigrid inclinou-se para nós.

– Vocês não sabem? Seu pai não contou a vocês?

O rosto dela era vincado, tendo enfrentado o clima por um tempo tão longo, e, ainda assim, seus olhos nos falavam de horror, ou de choque.

– Sua mãe não contou a vocês?

Nós balançamos nossas cabeças ao mesmo tempo, como fazíamos com frequência.

– Não – dissemos.

Os olhos de Sigrid se estreitaram.

– Mas vocês devem saber. Tor é irmão do seu pai. Ele é seu tio.

* * *

As canções prosseguiram até tarde da noite, mas eu não escutei nem uma nota, nem sussurrei outra palavra.

Tudo o que eu sabia era o calor da mão de Eirik na minha, e ambos tremíamos por não saber.

SEIS

A HISTÓRIA NÃO ERA uma que pudéssemos arrancar de nosso pai, nem de nossa mãe; porém, conforme os dias da lua de neve se passavam, nós roubamos a história, como o corvo encapuçado faz no monturo: em migalhas.

Tor, o irmão de nosso pai, havia deixado a vila, deixado Bloed, quando Eirik e eu mal havíamos nascido.

Algo acontecera e aqui, apesar de termos importunado Sigrid e outros além dela, não conseguimos descobrir tudo o que houve.

Todavia, soubemos o bastante.

Nosso pai tornou-se chefe e tomou nossa mãe para si, embora Tor a quisesse para ele.

Contudo, sendo o irmão mais velho e tendo o direito de escolher, ele tomou nossa mãe.

Não tinham tido nenhum filho. Era isso o que sempre escutávamos.

Não tinha havido nenhum filho.

E toda noite, Wulf, nosso pai, bebia mais e mais cerveja de flores, fermentada da planta-dragão na ilha ocidental, e ficava cada vez mais ensimesmado.

Durante esse tempo, nós ouvimos, nossa mãe foi cuidada por Tor, que ofereceu-lhe conforto onde não havia nenhum, e amor, onde ele havia morrido.

E então, finalmente, ocorreu um milagre e nossa mãe ficou pesada.

Nove meses depois, e o milagre desdobrou-se em dois, já que não apenas um, mas dois de nós deslizamos para fora da barriga da mãe, para cima do

tapete junto ao fogo.

Dizem que estávamos de mãos dadas quando emergimos para o mundo.

Dizem que o pai chorou.

Dizem que a mãe chorou.

Dizem que o sacerdote xingou, porque tinha preparado apenas um totem. Esperando apenas uma criança, ele não preparou mágica para mais.

Como eu fui a primeira a sair para o mundo, ele me embrulhou na pele de uma lebre, então empurrou o crânio de uma lebre na minha mão e um ossinho da perna de uma lebre dentro da minha boca.

– E o menino? – nossa mãe perguntou.

O sacerdote balançou a cabeça.

– Os deuses não viram outro – disse ele.

– Mas ele será rei um dia! – gritou nosso pai.

– Isso pode até ser – disse o sacerdote. – Mas ele será rei sem um totem.

– Isso não pode ser! – berrou o pai. – Eu tenho meu corvo! Meu pai tinha sua raposa! Todos precisam ter um totem. Principalmente um rei!

E então, disseram-nos que o sacerdote pensou por um longo tempo. Ele assentiu para si mesmo.

Olhou para nós dois, remexendo-nos no tapete molhado, e falou:

– Então, você deve lhe dar um nome forte, em vez disso. Dê-lhe um nome das lendas antigas. Das sagas. Um nome de força. Um nome de eternidade. Um nome com um significado poderoso. Você deveria chamá-lo de Eirik: “Eternamente Forte”, “O Único Rei”, e isso será o bastante para protegê-lo. Não apenas nesta vida, mas em outras vidas ainda por vir.

* * *

Foi só depois, um pouco depois, que a época ruim começou.

Tor declarou que Eirik e eu éramos seus filhos. Ele afirmava que ele, e não Wulf, é que nos plantara em nossa mãe.

Ele exigia satisfação, exigia que fôssemos entregues a ele, e não se importava em abusar ou insultar a honra de quem quer que fosse para conseguir o que

queria.

* * *

Após algum tempo, ele foi banido da ilha, por um período de não menos que três anos.

Ele foi levado com os que saíam para *viking*, partindo em uma lua das folhas, levado para ser abandonado no ponto mais distante da viagem.

Ele nunca mais tornou a ser visto.

Sete anos se passaram e ele nunca mais tornou a ser visto.

E então, nessa viagem *viking*, lá estava ele, encontrado nas terras ensolaradas da terra média, sua pele bronzeada, a barba cortada, e ele exigiu seu retorno a Bloed.

Eles recusaram a princípio, mas a honra os obrigava a obedecer, portanto eles trouxeram nosso tio para casa. Nosso tio? Nosso pai?

sete

A PASSAGEM DOS DIAS tornou-se pesada e espessa.

A curta maré de luz diurna era cinzenta e lúgubre, enquanto uma violência ainda por nascer tomava raiz no solo sob as neves.

Era invisível, mas foi sentida por todos, e crescia.

Muito em breve, ela rebentaria para fora do solo.

* * *

Eirik e eu nos agarrávamos um ao outro.

– O que vai acontecer? – cochichei para ele uma noite, deitados em nossa cama, no quartinho atrás da casa comunitária. Nossos pais dormiam tranquilamente para lá do fogo, mas Eirik e eu estávamos cheios de medo e de perguntas.

– Por que eles não conversam um com o outro? – Eirik cochichou de volta.

Era verdade. A mãe e o pai não estavam se falando.

Tor caminhava pela vila como se fosse ele o *chieftain*, não nosso pai. Alguns sorriam com desprezo para ele quando passava, outros apertavam sua mão em amizade, e assim nossa vila ficou dividida, quieta e cismada.

Eirik e eu estremecíamos e tremíamos. Esperávamos que algo acontecesse, e não precisamos esperar muito.

* * *

Uma noite, a violência que vinha crescendo entre o pai e Tor explodiu.

Na hora da refeição, quando nos sentávamos e mastigávamos nossa comida em silêncio, as portas se abriram e lá estava Tor.

Ouvi meu pai dizer: “Diga o nome dele, e ele estará sempre por perto”.

Algumas cabeças se abaixaram, outras se ergueram.

Palavras foram cochichadas enquanto, mais uma vez, Tor dava a volta nas mesas e ia até o centro, junto ao fogo.

Ele ficou de pé, encarando nosso pai, e então, sem olhar para nós, sua mão apontou em nossa direção.

– Aqueles pequenos – disse ele – são meus. Eles são minha semente e minha propriedade. Eu os terei para mim.

Nosso pai se levantou.

Agora todos os olhos estavam erguidos e todas as mãos tremiam.

Meu pai ficou de pé e deu a volta na mesa alta, indo para o centro da grande casa comunitária, e aproximou-se de Tor até os dedos dos pés de ambos se tocarem.

Ele disse apenas uma palavra para Tor, mas ninguém soube que palavra era aquela, tão baixinho ele falou.

E então eles partiram para cima um do outro.

Eu não pude ver quem golpeou primeiro, de tão rápido que foi, e não importava, porque em um instante eles eram uma fera, rolando no chão.

Teria sido normal em uma briga na qual soassem gritos, vozes se erguessem e mãos batessem nos tampos das mesas.

Mas não dessa vez. Dessa vez houve silêncio, e os únicos sons eram os soluços de nossa mãe e os grunhidos dos homens lutando.

Eu procurei a mão de Eirik e ele procurou pela minha, assim como as mãos de nosso pai e de nosso tio procuravam pelas gargantas um do outro.

Não levou muito tempo.

Enquanto eles rolavam, eu me perguntei por que é que nosso pai, alguns anos mais velho que seu irmão, parecia mais jovem. Sua pele era mais jovem, suas costas, mais eretas, e seus braços, mais fortes.

E suas mãos.

Ele estava montado sobre Tor agora. Como um cavalo. Mesmo naquele momento horrível, eu me lembro de ter pensado que parecia que ele estava cavalgando um cavalo.

Mas não estava. Ele cavalgava um homem e, enquanto eu mexia com a lebre em minha garganta, os dedos do pai se fechavam ao redor da garganta de seu irmão e apertavam.

Eles apertaram até o sangue sumir de seus dedos, de forma que pareciam mãos de ossos, mãos de um esqueleto que apertavam e se enfiavam no pescoço de Tor.

Os olhos de Tor se arregalaram, sua boca se escancarou.

Suas pernas remexeram-se na lama, mas seus braços estavam presos na lateral pelas pernas do pai.

Os calcanhares de Tor arrancaram a terra do piso como os sulcos no campo do fazendeiro.

E então eles pararam.

Nada se moveu.

Ninguém se moveu, nem sequer respirou.

E então, lentamente, finalmente, o peso do pai mudou de posição, e suas mãos deixaram a garganta do irmão. Ele sentou-se, ainda montado no cavalo.

Os olhos de Tor fitavam o teto, sem ver nada.

Eles não podiam ver agora, por isso não viram as lágrimas que escorriam pelo rosto de seu irmão.

orto

E ENTÃO VEIO o início das maravilhas na ilha Bloed!

Nós enterramos Tor na campina comprida, em um montículo meio afastado dos outros, embora com os ritos apropriados, pois seu sangue era da realeza, afinal.

Houve um curto silêncio então, um curto silêncio de dias, no qual uma nova neve caiu, rapidamente escondendo a terra nua e as pedras da sepultura de Tor, e a sensação era de que tínhamos sido abençoados.

Abençoados porque podíamos respirar de novo, deixar o sangue para trás e respirar de novo, abençoados.

* * *

Entretanto, não fomos abençoados, e o sangue ainda estava por vir.

Eu não me lembro do que aconteceu primeiro.

Se foi um cachorro ou uma vaca.

Não. Eu me recordo agora. Estranho como fazer a jornada mais uma vez traz de volta tanto sombras quanto detalhes.

Um dia, alguém veio para a grande casa comunitária segurando a carcaça de um cachorro.

– Ele ficou louco – disseram. – Enlouqueceu e começou a atacar o gado. Eu tive que quebrar sua coluna com uma pá para que ele parasse.

Esse foi o primeiro.

No dia seguinte, o gado começou a dar um grande mugido, um gemido terrível; um som hediondo, como quando estão parindo, apesar de a lua dos novilhos ainda estar bem distante, do outro lado da escuridão do inverno.

O som erguia-se e caía, erguia-se e caía, o dia todo, até irmos para as campinas e vermos que as vacas estavam todas no cercado, o cercado de inverno, o mais próximo de onde ficava a sepultura de Tor.

Meu pai falou.

Ele ergueu a mão para um pastor de vacas, um rapaz.

– Manni – disse ele –, leve-as. Coloque-as em outro cercado. Aquele, mais distante. Faça isso agora.

Manni fez o que lhe mandaram e quase foi pisoteado pelas vacas quando elas abriram caminho de um cercado para o outro. Assim que chegaram ao cercado mais distante, elas sossegaram, apesar de um grande grito ainda vir delas, um som que nos assombrou durante toda a negra noite.

* * *

De manhã, veio o primeiro derramamento de sangue.

Outro cão tinha morrido, porém, dessa vez, não pela mão do dono.

Foi uma das cadelas. Ela foi encontrada junto ao monturo com a garganta rasgada e seu sangue tomado.

Nosso pai ordenou que a carcaça fosse queimada, não lançada no monturo.

Eirik e eu olhamos um para o outro, nossos olhos se arregalando.

– Por que ele está fazendo isso? – Eirik sussurrou para mim.

Eu inclinei a cabeça de lado.

– Não sei, irmão. Mas estou com medo.

Eirik pegou minha mão e caminhamos por todo o curto dia. Todavia, ao anoitecer, haveria outras estranhas maravilhas.

Os peixes secos na manteigaria foram encontrados apodrecendo, e a manteiga estava rançosa.

Mas isso foram apenas portentos, meros presságios, e o pior ainda estava por vir.

Pois foi naquela noite que alguém disse ter visto uma figura caminhar pelas longas campinas. Um figura alta e forte, com um rosto sombrio.
Disseram que era Tor.

* * *

Naquela manhã, enquanto Eirik e eu espantávamos sonhos ruins de nossas mentes, acordamos ao som de gritos.

Primeiro corremos para fora e vimos a carcaça de uma vaca, uma vaca inteira, estripada e dessangrada, jazendo na alameda na porta da casa comunitária. Uma trilha de sangue levava até ela.

Vozes gritavam, lamentavam e murmuravam.

– Quem fez uma coisa dessas?

– Quem poderia fazer uma coisa dessas? O animal é pesado! Quem poderia trazê-lo até aqui?

E então, outro grito.

– Olhem! Oh! Olhem!

Todos se reuniram em seguida na lateral da casa comunitária, na qual havia palavras escritas.

Elas eram trêmulas, grandes e confusas, e tinham sido escritas com o sangue da vaca morta.

– O que diz aí? – alguém perguntou, alguém que não sabia ler.

Mas ninguém ousou falar em voz alta.

Era horrendo demais, mas Eirik e eu conhecíamos as palavras, pois sabíamos ler.

Eu quero meus filhos.

Isso era tudo.

NOVE

OS DIAS FICARAM mais curtos, e as noites, mais longas, apertando-se à nossa volta como uma corda ao redor de uma garganta.

As maravilhas cresciam.

Qualquer animal que se aproximasse da sepultura de Tor enlouquecia, e nós sofriamos para matá-lo.

Avistamentos da figura sombria se tornaram comuns, apesar de ninguém chegar a realmente ver Tor cara a cara para dizer que era ele. Porém, diziam que ele se movia como uma sombra entre os celeiros e as casas, aqui em um momento, sumido no próximo.

Outros dois animais foram encontrados, despedaçados, o sangue sugado deles.

O primeiro foi outro cão.

O segundo foi uma lebre de inverno.

Quando eu a vi, algo entrou em meu coração, um estilhaço de gelo, e não importava a força com que Eirik segurasse minha mão, ele não ia embora.

Eu sabia o que aquilo significava.

* * *

Dois dias depois, quando estávamos voltando dos barcos de pesca no início da noite, um grito nos alcançou vindo do interior da casa comunitária.

Estávamos em doze e não tínhamos medo: corremos para o grande salão, quase soltando as portas de suas dobradiças.

Ali estava Sigrid, a velha, gritando e gritando.

Quando ela nos viu, caiu no chão, silenciosa.

Vimos o que a fez gritar.

Havia um corpo no chão. Um corpo humano dessa vez, uma jovem chamada Bera. E, por cima do corpo de Bera, agachava-se Tor.

Quando entramos, ele ergueu a cabeça e vimos o sangue escorrendo livremente de seus lábios, de onde ele bebia da garganta de Bera.

Ele ficou de pé e apontou para nós.

Para Eirik, digo. E para mim.

E então ele falou em uma voz espessa, engasgada com o sangue que ainda escorria para dentro.

– Eu quero meus filhos.

Ele caminhou em nossa direção.

Nosso pai e alguns dos outros homens foram rápidos e agarraram troncos de lenha que ardiam no fogo, agitando-os para Tor, pensando que o fogo feriria esse mal, e parece que estavam certos.

Tor guinchou como um porco que tinha sido cortado e subitamente se foi.

Simplesmente se foi – nós não vimos de que maneira, como se ele tivesse se movido tão rapidamente, que nossos olhos não puderam ver.

– Dormimos todos aqui esta noite – disse o pai. – Assim, estaremos a salvo.

Não estávamos a salvo e, quando acordamos, outro jovem, um menino chamado Jon, tinha desaparecido, bem de onde estava dormindo entre nós.

DE MANHÃ, NINGUÉM olhava para nós.

Para Eirik e eu, digo.

O choro e a lamentação eram insuportáveis, por isso fomos lá para fora e encontramos nosso pai, Leaf e alguns dos outros homens, os maiores e mais fortes.

– Temos pouco tempo – disse o pai. – Isso é tudo. Um curto período de luz diurna para colocar um fim nisso.

Os homens assentiram.

– Mas como? – perguntou um deles. – Como nós matamos o que já está morto?

O pai grunhiu.

– Existem modos antigos – disse ele. – Existem modos antigos, escritos nas sagas. Não é assim, Leif?

Leif anuiu.

– É verdade. Tudo que podemos fazer é acreditar que eles vão funcionar para nós, aqui, hoje.

– E então, o que fazemos?

– O que fazemos? – repetiu o pai. – Fazemos uma visita a Tor. É isso.

Assim, partimos para a campina comprida. Eirik e eu ficamos contentes em partir, pois, enquanto íamos, ouvíamos os aldeões resmungando e apontando.

– São eles que ele quer. Ele não vai parar até estar com eles.

* * *

Chegamos à campina.

A neve era profunda sobre o solo e todos se perguntavam como Tor era capaz de sair à noite e não deixar uma marca na neve. Em lugar nenhum.

– Ele é um demônio agora – disse nosso pai, dando de ombros. – Quem sabe que coisas ele é capaz de fazer? Mas já basta! Nós cavamos!

Os homens cavaram, primeiro limpando a neve do montículo, depois a pouca terra que tinha sido espalhada sobre as pedras do *cairn*, e então, fazendo uma corrente de corpos, as maiores pedras do *cairn* foram levantadas e levadas embora, uma por uma.

Com todas as pedras do *cairn* retiradas, só restava a tampa de pedra para levantar.

– Wulf...? – começou um dos homens.

Outros recuaram. Um medo tardio rastejara para dentro de todos nós.

– O que estamos fazendo?

– E se...?

Mas o pai pisou sobre a tampa. E bateu o pé.

– Seja lá o que estiver aqui. Seja lá o que for essa coisa, ela não é Tor. Não mais. E agora, com a luz do dia, essa coisa não pode fazer nada. Então parem de enrolar e me ajudem a levantar essa pedra. Pelo bem dos nossos filhos!

A pedra foi levantada e lá, dentro da sepultura, jazia Tor.

Era espantoso.

Seu corpo não se corrompera. Ele parecia estar dormindo. Isso era tudo.

E ainda assim, havia sangue nos cantos de sua boca.

Nosso pai voltou-se para Leif.

– Você trouxe tudo? – perguntou ele, e Leif adiantou-se segurando uma bolsa de couro.

O pai pegou-a dele e retirou um martelo maciço e duas estacas reforçadas, feitas de espinheiro, da ilha ocidental.

Ninguém ajudou meu pai.

Ele se ajoelhou para terminar o que havia começado.

Ele martelou a primeira estaca através do peito de Tor e fundo, fundo, fundo no solo debaixo dele.

Ele pegou a segunda estaca e enfiou-a com força na boca de Tor, entre seus lábios, que se abriram para aceitar essa oferenda. Ouviu-se um esmagar e um estalo de osso, mas o pai não parou de martelar até que só a pontinha da estaca estivesse visível na boca de Tor.

O pai se levantou.

– Tente andar agora – resmungou.

Ele virou-se para sair.

– Vamos, crianças,

E então para os outros.

– Cubram-no de novo. Do jeito que ele estava. Depois esqueçam desse lugar.

onze

COMO AQUELES DIAS se passaram, eu não tenho ideia.

Nem mesmo minha jornada de lembrança pode me levar de volta até aquela mais escura das noites.

* * *

Tinham se passado três dias, disso eu me recordo.

Três dias e noites de nenhuma surpresa, e parecia que as velhas sagas estavam corretas. O modo de parar o caminhante de novo era segurá-lo no solo com estacas de espinheiro mágico, se possível.

Muito devagar começamos a nos recuperar, mas em seguida tudo se despedaçou.

Havia nevado, neve fresca agora, neve de novo e sempre.

E na neve, uma noite, encontramos Matilda.

Sua garganta tinha sumido, assim como a maior parte de seu sangue.

* * *

Era tarde quando fomos para a cama, e Eirik e eu fomos dormir, como de hábito, segurando as mãos um do outro.

– Quando isso vai parar, Melle? – Eirik sussurrou para mim na escuridão.

– Vão dormir, crianças – disse a mãe, do outro lado do quarto. O pai estava de pé junto ao fogo, espada na mão, de costas para nós. Ele cutucava o fogo com

sua espada, perdido em pensamentos.

– Eu não sei, Eirik – murmurei de volta, bem perto de seu ouvido para que só ele escutasse. – Mas estou com medo. Você não está?

No entanto, Eirik não respondeu.

Em algum lugar lá fora, na escuridão, Tor rondava.

Procurando por nós.

Por mim, por Eirik.

* * *

Esse era sempre o jeito dele. Suas ferramentas eram suas mãos, e seus braços e pernas. Meu jeito era pensar, o jeito dele era agir.

Quando eu acordei de manhã e descobri que sua mão não estava na minha, soube na mesma hora o que ele havia feito.

Podia vê-lo esperando até que mesmo o pai tivesse ido dormir, e podia vê-lo se levantando de nossa cama de peles e feno e ficando de pé.

Acho que ele provavelmente não disse nada antes de partir.

Seu jeito era agir, não falar.

Mas acho que ele provavelmente fez uma pausa para olhar para mim, um dedo enlaçado em meu colar de lebre, e então saiu escondido de casa para a escuridão. Ele me deixou, sozinha.

Ele deve ter andado apenas um pouquinho e então, encontrando Tor nas trilhas, deve ter segurado a mão dele, se virado e partido, de volta na direção do montículo da campina longa.

* * *

Poderia não ter funcionado.

Tor poderia não ter ficado satisfeito, mas parece que Eirik estava certo. Tor ficou feliz, no final, em se contentar com apenas um de nós, uma das crianças que podia ser seu sobrinho ou talvez seu filho.

Pois as coisas espantosas pararam, e os assassinatos, e as assombrações.

* * *

Entretanto, eu penso com frequência naquela sepultura na campina longa.

Certamente agora, certamente agora que eu sou uma velha, e que logo vou parar de contar histórias e ir para o outro lado do sono, certamente aqueles corpos já se transformaram em ossos, não?

Eu gosto de pensar naqueles ossos.

Os maiores embalando os menores em seus braços.

Pai.

E filho.

parte sete

sangue do solstício de inverno

Data desconhecida – A Lua de Sangue



a glorificação do escolhido

BATE O TAMBOR.

Os chifres chamam.

O momento chegou.

* * *

A lua cheia de sangue pende lá no alto do céu noturno eterno, acima do templo. É um portento triplo.

A lua cheia.

O solstício de inverno.

Um eclipse lunar, lançando a lua em um vermelho nefasto.

Sua luz brilha nos corpos contorcendo-se lá embaixo, uma luz forte o suficiente para iluminar a cena, mas sem cor. A cor é trazida pelas tochas que ardem por todos os lados, nas mãos dos guerreiros, nas paredes do templo.

A luz trêmula das tochas cintila em pontas de lanças e bainhas de espadas; ali está o coruscar de metal e ouro. Ouro está em todo lugar: cobrindo os dois chifres dourados, cujo som parece vir de muito longe, apesar de eles estarem na frente da multidão.

O som deles é estrondoso e constricto ao mesmo tempo, um sopro agudo e anasalado que só pode ter sido projetado para despertar os espíritos dos ancestrais. Esses chifres são tocados pelos gêmeos Ari e Arni, a luz das tochas tocando suas barbas loiras enquanto eles inclinam seus queixos para o firmamento. Eles estão vestidos em longos trajes azul-marinhos, capuzes azuis

puxados bem para baixo em suas cabeças, quase cobrindo seus olhos, pois eles não precisavam enxergar. Não ainda.

O lamento agudo de seus chifres recurvados é sustentado pelo grunhido grave dos três enormes chifres retos; osso coberto em folha de ouro, tocado por três homens em longos trajes brancos, que arqueiam as costas para explodir cada sopro no céu negro.

A canção dos chifres, os três retos e os dois curvos, parece uma cacofonia a princípio, mas lentamente a complexa repetição, conforme os cinco chifres cruzam o caminho uns dos outros em sequência, começa a contagiar a mente de todos com uma hipnose, e isso é bom. Para o que está prestes a acontecer, eles precisarão estar distantes de suas mentes.

Atrás dos músicos vêm sete dançarinas, em vestidos trançados de azul e capuzes trançados de vermelho que vestem sempre que alguém nasce, se casa ou morre.

Elas conectam seus dedos, entrelaçam-nos enquanto giram, já semienlouquecidas pela música, semienlouquecidas por seu medo. As emoções desfilam pelos rostos delas; terror e euforia se misturam em seus lábios, cintilam loucamente em seus olhos.

Na frente dos músicos, dois velhos pequenos também dançam loucamente. Vestidos de couro e com botas de pele, eles são os xamãs; seus olhos encaram a distância sem nada ver, pois eles não enxergam esse mundo, enxergam os outros mundos.

* * *

Há mais ouro.

As saliências nos escudos dos guerreiros, com seus orbes brilhantes; seus elmos cerimoniais cintilam com as criaturas douradas que encimam cada um: o javali, a raposa, o corvo, a águia, os chifres dourados de um touro.

Os guerreiros marcham devagar, sete a pé para combinar com as dançarinas; os outros vêm um pouco mais atrás, como se mantendo distância.

Ouro também nas paredes do templo; a decoração acima do pórtico mostra cenas das velhas lendas em desenhos elaborados com folhagem emaranhada e os cavalos empinados dos ancestrais.

Dourados são os cães monumentais, mais semelhantes a dragões do que a cachorros, que se sentam no topo dos pilares de cada lado da entrada.

Douradas são as ponteiras das traves do telhado, os capitéis das colunas, e douradas são as coisas pendentes da única árvore perene que cresce do lado de fora do templo.

Olhe mais de perto; essas coisas pendentes. Elas são três crânios cobertos de folha de ouro. Um é de um potro, dois são de homens.

* * *

Há mais uma coisa que arde, brilhando com o ouro: o trenó sobre o qual o rei Eiríkr é arrastado para a mesa de pedra.

Quatro homens, dois na frente e dois atrás, arrastam e empurram o trenó, deslizando-o aos trancos pela neve. Eles têm apenas poucos metros mais a percorrer e então Eiríkr terá chegado.

Esperando por ele estão as duas figuras finais da cerimônia.

Thorolf. O sábio.

Vestido todo de branco, com cabelo branco selvagem e uma comprida barba branca, e seu olho branco. O outro olho, o bom, fita o chão, aguardando que o trenó surja diante dele.

Acima de sua cabeça, ele segura o martelo dourado dos deuses.

Em seu pescoço, ele carrega o símbolo da flor sagrada, pois, assim como Eiríkr, ele é um discípulo daquele culto, e venera e consome a flor mágica, com suas três pétalas fantásticas, moldada como a cabeça de um dragão.

O símbolo é um amuleto de três pontas curvadas, uma para cada pétala da flor-dragão.

* * *

A figura final.

O algoz.

Escolhido pela seleção de pedriscos em uma panela, ninguém, exceto os guerreiros, sabe quem ele é; quem sorteou a pedra preta entre as 30 brancas.

Vestido totalmente de vermelho, com um capuz vermelho puxado sobre sua cabeça e cobrindo seu rosto, ele está de pé com a cabeça baixa.

Tudo o que ele é: um pilar de tecido vermelho, vermelho como o sangue que ele derramará.

Espere! Olhe com ainda mais atenção. Algo se projeta do pilar. Seu antebraço e mão, e em sua mão, a mão que segura a espada, ele segura uma lâmina fina, afiada e curva, quase tão longa a ponto de alcançar seu cotovelo.

* * *

O trenó está quase em seu posto.

Rei Eiríkr levanta-se do trono dourado sobre o qual estava sendo transportado.

Ele está coberto em uma enorme pele de raposa e, ainda assim, quando fica de pé, solta o nó em seu pescoço e deixa-a cair até o piso de madeira do trenó.

Ele está nu, contudo não sente nem o frio da noite, nem o fundo inverno. Seu sangue lateja por todo seu corpo. Ele ergue o queixo para o céu, desafiador.

Ele está nu, exceto pela estreita faixa de ouro agarrando sua cabeça, o filete dourado de desenho triplo, outro símbolo do culto da flor, cuja magia agora corre por suas veias com o resto de seu sangue quente.

* * *

Como se em uma orgia de gênio orquestrado, existe sempre um momento de silêncio antes da violência e do barulho do ato em si.

Antes da batalha, conforme todo o exército toma fôlego.

Antes do mergulhador saltar para dentro da água e o mar martelar seus tímpanos.

Antes da tempestade, a quietude na qual um pássaro solitário canta.

Antes das dores do parto, o breve descanso entre as contrações.

Antes de todos os outros instrumentos descerem em um redemoinho, um acorde leve e estrangulado dos fagotes.

Antes do gelo se quebrar, antes da árvore cair, antes da espada aterrisar.

Pode durar apenas uma fração de um momento, mas esse instante pode se dilatar, pode inchar e crescer, pode encher o mundo ao seu redor com seu poder, até que dure por uma vida.

* * *

E assim ocorre com Eiríkr.

Ele chega.

Os chifres silenciam, as dançarinas cessam, os guerreiros param de marchar e, por todo o súbito espaço enorme, flutuam duas notas murmurantes, quietamente discordantes, de uma flauta talvez, vindo de algum lugar no interior do templo.

Naquele silêncio tropeça a figura que faltava até então.

A rainha.

Ela apressa-se adiante, empurrando as outras mulheres a lamentar, caindo na neve, onde jaz com o rosto nas mãos, incapaz de conter os gemidos guturais que se derramam de sua boca.

O BEIJO da TERRA

ALI, NA CASA COMUNITÁRIA, foi decidido.

Eirikr olhou para o seu povo e viu o medo, e a esperança, e a desconfiança, e a dúvida, e a raiva em seus rostos.

Ele reconhecia aquilo pelo que era.

* * *

Por três anos, as colheitas tinham fracassado.

Por três anos houvera fome, inanição e doença.

Eles haviam matado muitos animais, e dois homens também tinham sido abençoados na mesa de pedra, seu sangue seguindo o mesmo rumo dos potros e touros antes deles.

Não fez diferença nenhuma.

Nada crescia ainda, nada exceto a flor, e havia muitos que não tocavam nela, não importava a magia que a flor supostamente tivesse. Assim, o povo passara fome e se tornara fraco, e, tendo se tornado fracos, os guerreiros se deram mal no mar, e retornaram não apenas de mãos vazias, mas também com um navio a menos, a cada vez.

Tantos homens perdidos, tantas mulheres sem marido, tantas crianças morrendo da pestilência que rasteja para dentro das casas dos homens quando os tempos são difíceis.

* * *

Um potro, um homem?

Um rei?

Que diferença faz?, perguntou-se Eiríkr, e no entanto ele conhecia as leis, pois ele mesmo ajudara a moldá-las em seu longo período como rei.

E ele vivera um longo tempo, isso era verdade.

Ele devia isso à flor, acreditava. Ele acreditava nisso, assim como Thorolf e os outros do culto, e embora todos eles, todo o clã, acreditassem nos deuses, seu culto da flor colocava Eiríkr, Thorolf e os outros como um caso à parte.

Era uma coisa sagrada. Beber a magia das pétalas da flor-dragão, que ainda crescia com abundância na ilha ocidental, apesar do fato de todas as plantações murcharem – o milho, as maçãs, até mesmo o feno para o gado.

Agora, todos os animais tinham desaparecido, mortos há muito, e embora eles tivessem prolongado o consumo da carne seca, ela tinha acabado. Toda vaca, todo touro, todo cachorro, todo cavalo, exceto o garanhão preto do rei.

Eiríkr vivera muito tempo, bebendo o dragão, e mesmo assim, apesar de seus anos e suas três esposas, não tivera filhos.

Não havia ninguém para vir depois dele.

Ele não deixaria ninguém para trás, ninguém exceto Melle, é claro.

Eiríkr virou a cabeça para o local onde ela estava sentada ao lado dele, em seu trono.

Ela fitava a parede negra mais distante do salão, seus olhos sem nada ver.

Ele olhou para as mãos dela e viu os ossos sobressaindo, brancos, através da pele, de tão apertado que ela agarrava os braços da cadeira. Os lábios dela formavam uma fina linha sem sangue, toda a sua cabeça tremia, os ligamentos de seu pescoço estavam saltados, tensos.

Ele sabia que ela não compreendia, jamais compreenderia, sua terceira jovem esposa.

As primeiras duas estavam mortas há décadas; apenas com Melle ele alguma vez sentira paz, sentira tanto amor, e, apesar de ela ser jovem, mais jovem que ele, agora talvez estivesse velha demais para ter filhos, de qualquer maneira.

Não importava. Antigamente ele acreditava que teria um filho homem, porém agora sabia que haveria uma luta para sucedê-lo, uma luta entre três de seus guerreiros mais fortes, e ele já sabia quem venceria.

Gunnar.

O lobo.

Ele nunca exibira nenhum fingimento quanto a desejar fazer qualquer outra coisa que não fosse liderar o povo quando a era de Eiríkr terminasse.

E agora esse momento havia chegado um pouco antes do que o planejado e Gunnar não conseguia esconder seu deleite. Ele, apesar do sofrimento que impregnava a todos, todos os dias, caminhava pela vila como se já fosse o senhor deles, sua barba negra projetando-se diante dele, a mão na espada como se ele estivesse sempre indo para a guerra. Algo, pensou Eiríkr dando uma cusparada mental, que Gunnar jamais havia feito.

Sim, Gunnar tinha saído em pilhagem, mas pilhar camponeses quase indefesos do outro lado do mar não se parecia em nada com entrar nu em batalha.

Não importava. Era Gunnar quem seria o rei em seguida, ele podia ver, pois já havia intimidado todo mundo na vila, tanto guerreiros quanto mulheres.

* * *

Eiríkr ficou de pé.

Toda a conversa, todos os sussurros, todos os gritos e o choro tinham parado agora.

Eiríkr nunca ficara sem palavras para o seu povo, nunca antes. Nem quando as plantações floresciam sob o sol e a chuva de verão, nem quando a pilhagem era boa, quando as crianças vinham rapidamente e cresciam felizes.

Também não lhe faltaram palavras nas épocas de necessidade, ou quando um guerreiro havia caído, ou quando uma batalha era vencida a grande custo.

E no entanto, agora, pensou ele, enquanto olhava para os rostos silenciosos de seu povo, *que palavras existem?*

Meu tempo se esgotou.

O que eu posso dizer a essas pessoas agora?

Não consigo dizer nada para minha rainha, o que poderei dizer para eles?

A história deles seguirá em frente sem mim, com Gunnar para guiá-los para seja lá que futuro os aguarde. E que os deuses ajudem a todos.

Eiríkr olha para sua rainha pela última vez e, de todas as milhares de lembranças de seu tempo juntos, apenas uma surge em sua mente: uma imagem dos dois banhando-se no verão, no sul da ilha. Eles ficavam o máximo que podiam debaixo da água, escorregadios como focas, antes de emergir na superfície, ofegando e rindo.

A imagem desaparece tão logo chega.

Ele ergue a cabeça para seu povo mais uma vez.

Eles esperam que ele fale, e ele fala.

– Bem – diz ele, tão baixinho, que apenas aqueles mais à frente escutam –, então é isso.

O SACRIFÍCIO

A PRIMEIRA COISA A MORRER é aquele breve silêncio antes da violência suprema.

Ele é destruído pela própria Melle, cujo corpo já não pode mais conter a fúria e o luto.

Ela não se importa mais com o fato de ser uma rainha.

Ela só sabe que ama seu marido e não pode suportar vê-lo morrer.

Ela tenta ficar de pé e vacila adiante na neve, mas tropeça outra vez de imediato. Suas pernas já não a obedecem mais, ela perdeu sua força, e agora tenta se forçar a seguir adiante pela neve congelante, seus trajes verdes esvoaçando ao seu redor em leves correntezas.

* * *

Thorolf assente para duas das mulheres, que se adiantam e seguram Melle pelos braços quando ela tenta mais uma vez se levantar.

Ela vira a cabeça cegamente para cada uma delas, mas elas não olham para a rainha. Seus rostos exibem expressões firmes, e elas são mulheres fortes, as mãos indo fundo nos braços macios como o gelo do inverno agarra o cais; ela sucumbe às duas, seu peito soluçando.

* * *

Eiríkr volta a cabeça na direção dela. Ele vê pouco. Tem fumado o caule além de beber as pétalas, e sua mente está nublada.

Sua rainha, pensa.

Isso é tudo.

Sua rainha.

Eiríkr não sente o frio, embora ele morda sua pele nua por todo o seu corpo de uma só vez.

Ele ergue a cabeça para a lua, a lua de sangue, e ora para que sua morte resgate seu povo. Ele já não tem mais certeza de que vá resgatar, não depois das outras bênçãos, cujos crânios agora pendem na árvore perene, mas não disse isso a ninguém, pois sabe que seu povo não tem mais nada agora e que isso é apenas uma pequena centelha de crença.

Sem ela, ele sabe que estarão mortos antes da próxima lua cheia.

* * *

Ele desce do trenó, deixando a pele de raposa cair na neve enlameada a seus pés.

Diante dele, a mesa de pedra aguarda, um simples retângulo achatado com um pilar atarracado de pedra em cada canto, ao qual são amarrados sacrifícios menos voluntários.

De cima da mesa sobressai uma curta calha escavada na pedra, grossa e ampla, com um sulco profundo correndo para fora a partir do centro da mesa. Ele está manchado de uma cor profunda e enferrujada, e Eiríkr compreende que, em alguns instantes, vai brilhar molhado e vívido de novo.

Então é isso, pensa ele.

Ele olha pra Thorolf, cujo rosto é tão indecifrável quanto a própria cama de pedra.

Thorolf aquiesce quase imperceptivelmente e Eiríkr sobe na cama, abrindo e esticando bem os braços.

Ele sente um pouco de frio agora, pela primeira vez, mas faz uma volta completa, absorvendo toda a cena ao seu redor, a última coisa que seus olhos

verão.

Lentamente ele se ajoelha, depois se deita de costas sobre a mesa.

Os gemidos de Melle se transformam em lamentos e ela começa a puxar freneticamente as mãos que a seguram.

Thorolf faz um gesto de cabeça para um guerreiro, um com um martelo na mão, e ele começa a abrir caminho pela turba na direção de Melle.

Eiríkr jaz sobre a mesa, fitando o céu noturno, olhando para as incontáveis estrelas que brilham tão claramente acima dele.

Que vidas, pensa ele, são vividas pelos homens lá em cima?

O que eles fazem?

No que eles acreditam?

O que eles veem?

Eles me veem?

Ele pergunta-se sobre todas elas, todas as muitas vidas que já se passaram e ainda virão a passar, e pergunta-se por que elas não são todas a mesma, por que elas são o que são. Não pode ser, pensa ele, que quando nossa vida se esgota, nós acabamos. Deve haver mais do que isso, por certo?

Que nós não somos apenas um, mas uma multidão.

* * *

– Agora – diz Thorolf, apontando para o algoz.

A figura de vermelho estava de pé e imóvel esse tempo todo, cabeça baixa sob seu capuz vermelho, faca escondida, oculta por trás de seu antebraço.

Agora ele vem adiante e em dois passos está acima de Eiríkr na mesa de pedra. Apesar de não dever fazer isso, o algoz empurra o capuz vermelho para trás, mostrando-se para o mundo.

É Gunnar.

O cão, pensa Eiríkr, com fúria súbita, *ele fez algum truque com os pedriscos, com a pedrinha preta, para que pudesse ser aquele a pegá-la. O cão.*

– Bem – murmura Eiríkr –, seus chifres aparecem.

* * *

Melle grita. O guerreiro com o martelo está ao lado dela e ergue-o para acabar com o barulho dela.

O martelo cai; entretanto, Melle, fingindo desmaiar, desaba de lado, puxando a mulher do outro lado consigo. O martelo atinge o ombro da mulher, em vez da cabeça de Melle, e a mulher desmorona.

Há uma confusão e Melle escapa, suas pernas fortes novamente, e corre até a mesa.

– Eiríkr! – grita ela, e agora Eiríkr volta-se para ela.

Sua fúria ao ver Gunnar, e o frio, e o sangue quente dentro dele geram algum poder, e sua cabeça começa a clarear.

– Melle! – ruge ele, começando a se sentar. – Melle!

Thorolf vê que ele pretende se mover. Ele ainda brande seu próprio martelo cerimonial de ouro e lança-o para baixo com força.

Eiríkr vê e tenta se mover, mas seu corpo está lento, seus músculos rijos pelo frio, sua mente nublada pelo dragão, e o martelo atinge a lateral de sua cabeça.

Ele desaba mais uma vez, de lado, mas ainda está consciente, embora Thorolf tenha atingido um nervo, alguma parte de seu cérebro, e, enquanto tenta novamente se levantar, ele descobre que seus braços não funcionam.

Suas pernas estremecem, seus braços se contraem, mas seus olhos e ouvidos estão abertos, enquanto Melle cai na neve ao lado da mesa.

– Eiríkr! – grita ela. – Não!

Porém Eiríkr sabe que é tarde demais.

Gunnar adianta-se e outras mãos já estão segurando os braços de Melle de novo.

Eiríkr fala.

Ele olha para Thorolf e para Gunnar. Com a magia do dragão dentro dele, Eiríkr diz suas últimas palavras.

– Vocês não podem me matar – grita ele, rouco, mas tão alto quanto consegue. – Vocês não podem me matar. Não sabem qual é meu nome? Eu sou

Eiríkr. O Único Rei! Eternamente Forte, e embora matem meu corpo hoje, eu vou viver de novo! Eu vou viver!

Ele vira-se para sua rainha, para Melle, e sua voz descai.

– Eu viverei sete vidas, Melle, esta é apenas a minha primeira.

As estrelas brilham sobre Eiríkr, sobre seu corpo se contorcendo na fria mesa de pedra.

– Eu viverei sete vezes, e vou procurar por você em cada uma delas. Nós sempre estaremos juntos.

Gunnar ergue a faca e a luz da lua reflete-se em seu gume.

– Vou procurar por você e vou amá-la em cada uma delas. Você me seguirá?

De súbito, Gunnar passa a faca pela garganta de Eiríkr em um único longo arco de prata.

Ele não faz nenhum som agora. Não existe ar com que fazer o som. Existem apenas os lábios se mexendo no rosto de Eiríkr, mas Melle vê quais são as palavras.

– Você me seguirá?

* * *

Sangue jorra do pescoço de Eiríkr, esguichando pelo chão, zombando da calha de pedra, atingindo Gunnar e Melle.

A neve fumega, vermelha.

EVOCÇÃO DOS ANCESTRAIS

OS ANOS SE PASSARAM.

Melle desapareceu da vista do povo, ninguém sabia para onde ela tinha ido, para onde ela se retirou naquela noite em que mataram seu rei.

Ela não viu o funeral que fizeram para o rei Eirikr, como empilharam a madeira bem alto e queimaram seu corpo e seus ossos na praia da ilha ocidental.

Ela não ouviu as palavras que Thorolf disse, nem as de Gunnar depois dele, enquanto eles elogiavam o sacrifício do rei.

Ninguém sabia para onde ela tinha ido nem como ela se mantinha viva, como se alimentava ou se mantinha aquecida, e, para começo de conversa, eles não se importavam, pois ainda havia o longo inverno para atravessar, com quase nada para se comer. Duas bocas a menos para alimentar era uma bênção.

Ainda assim, quando a primavera retornou, e a grama e as flores começaram a crescer, e as plantações floresceram, e as frutas pendiam, pesadas, nas árvores, todos vieram a concordar que o sacrifício de Eirikr tinha feito a sua magia e que ele os salvara. E com esse pensamento, começaram a se perguntar sobre Melle e sobre como ela estaria, até chegarem à conclusão de que estava morta e tornarem-na, então, uma figura da história, como nas lendas antigas.

E então, um dia, talvez sete anos após a bênção de Eirikr, por volta do solstício de verão, Melle entrou caminhando na vila.

No começo, as pessoas gritaram, acreditando tratar-se de um fantasma ou um vampiro, até virem que era um dia totalmente ensolarado.

Eles falaram com ela.

Ela não respondeu.

Eles a fitaram, espantados. Seu traje verde, em farrapos. Ela não parecia sequer um dia mais velha do que no dia em que partira, apesar de estar magra, e seu cabelo, embaraçado e sujo. Ao redor do pescoço ela usava um colar. Algo que ela mesma fez dos ossos das lebres, e assim eles entenderam que ela havia caçado a lebre do inverno para poder sobreviver.

Eles fizeram-lhe perguntas, milhares de perguntas.

Ela não falou com ninguém. Nem uma palavra.

Eles lhe deram uma casa na fronteira da vila, uma cabaninha, onde ela morava sozinha.

Todos tentaram falar com ela.

Thorolf tentou.

Até Gunnar tentou, porém ela tratava a todos da mesma forma, olhando através deles como se não estivessem ali, como se os olhos dela vissem alguma outra coisa, como se visse outra pessoa, o tempo todo.

Ela aceitou a comida que lhe ofereceram, as novas roupas que lhe fizeram, mas não disse nem uma palavra.

Todos os dias, no verão, ela caminhava até a ilha ocidental e voltava com uma porção do dragão, e, quando fazia isso, as pessoas a rejeitavam, pois tinham começado a temer a flor, desde que perceberam que aqueles que bebiam do dragão mais profundamente eram os mesmos que não conseguiam ter filhos. Até Thorolf já não usava o triplo amuleto no pescoço e, conforme a ilha bebia menos da variedade mais forte da preparação, os bebês iam voltando. Os sons de crianças pequenas enchiam outra vez as cabanas da ilha.

* * *

Assim os anos se passaram, um após o outro, e, lentamente, todos eles envelheceram.

Gunnar morreu antes de Thorolf, morto em uma pilhagem quando caiu entre dois navios e foi esmagado. As pessoas lamentaram seu falecimento, pois, apesar de ter sido problemático quando ainda era guerreiro, antes de ser rei, Gunnar não tinha sido um governante tão ruim.

Algo mudara para ele naquela noite, quando o sangue quente de Eiríkr lavou seu rosto. Ele mandou derrubar o velho templo e declarou que havia um novo deus em que acreditar, um deus que ele tinha descoberto em uma pilhagem no leste, um deus que não concordava com sacrifício nem magia.

* * *

Thorolf morreu poucos anos depois, de velhice; no entanto, Melle ainda vivia. As pessoas envelheciam e morriam ao redor dela, até que quase todos que conheciam a história de seu rei tinham morrido ou esquecido do que tudo aquilo se tratava.

E toda manhã, até ela se tornar uma criatura minúscula, antiga e aleijada, ela caminhava até a ilha ocidental e de volta. Então um dia, no final do verão, ela caminhou até o centro da ilha, ao ponto onde a mesa de pedra ainda se mantinha, onde a madeira do templo já tinha há muito desaparecido, sendo usada para construir navios e casas.

* * *

Sabendo que seu tempo estava no final, ela deitou-se na mesa.

As pessoas se reuniram ao redor, mas ela ainda não via ninguém além do rosto diante dela, o rosto de Eiríkr, seu rei.

Ela fechou os olhos e, enquanto a vida a deixava gentilmente em um suspiro, finalmente respondeu à pergunta dele.

– Sim – sussurrou ela –, eu o seguirei.

* * *

E assim as jornadas de ambos têm início.

epílogo

meu espírito está pedindo para partir

Junho de 2073 – A Lua das Flores

-

SIM, PENSA ERIC SETE. *Nossas jornadas tiveram início há muitas vidas.*

Eu já vivi isso antes, mas não viverei isso de novo.

Ele sabe que essa é sua última vida. De alguma forma, enquanto jaz na mesa de pedra no momento antes da violência da queda da faca, ele sabe de tudo.

O sol brilha, e os lagartos rastejam, e o cravo perfuma o ar marinho, e a faca reluz, e o rosto de Merle pende acima dele, obscurecendo o sol sempre presente como um eclipse.

Talvez ele não saiba de nada. Talvez sinta tudo, porém, o que quer que esteja acontecendo, ele compreende que já viveu isso antes. Ele viveu outras vidas, em épocas diferentes. E por que não? É algo de que ele com frequência se perguntou a respeito, sentado no trem de manhã, olhando de soslaio para os outros passageiros, perguntando-se por quê.

Por que eu não estou vivendo a vida daquela pessoa? Aquele homem ali, com o terno elegante e a gravata levemente estúpida? Ou aquele cara encardido de fone no ouvido? Ou aquela mulher, no começo da gravidez?

Com frequência, enquanto ele estava sentado, mexendo no OneDegree, perguntava-se por que essa vida era a que ele tinha, e não uma dos milhares de contatos passando pelo aparelho ou uma das incontáveis outras que poderiam ter sido dele.

Agora ele sabe. Ele já foi outros.

* * *

Um sacrifício de sangue.

Uma bênção, para que seu sangue pudesse trazer crianças de volta para a ilha.

Tor assente e a mão de Henrik se levanta.

E então...

– Esperem – diz Merle, baixinho.

Henrik hesita e Tor volta-se para Merle.

– O que é, criança?

Merle lentamente se volta para Tor, sorrindo.

– Deixe-me fazer isso. Eu sou a criança da ilha. Deixe-me trazer as crianças de volta.

Tor sorri e concorda.

– Sim. Sim, isso é o correto – diz ele.

Henrik entrega a comprida faca ritual para Merle.

Eric se contorce nas mãos deles e, no entanto, não luta muito.

Ele não pode acreditar que vai terminar assim.

Merle golpeia com a faca, mas não na direção de Eric: ela golpeia de lado e, com um só movimento, corta as mãos que o seguravam.

Com outro movimento, ela corta os rostos de Tor e de Henrik.

As mãos se afastam e Merle olha para Eric. Soltando a faca, ela grita:

– Corra!

As pessoas correm para ajudar os ilhéus feridos. Por um momento, todos estão estupefatos demais para entender o que aconteceu.

Tor tenta gritar. Ele tenta falar. Tenta dizer aos outros para conter Merle e Eric, mas não consegue, pois ela cortou-lhe a garganta – não com profundidade, mas o suficiente para impedi-lo de fazer qualquer coisa além de se retorcer na mesa, e agora é o sangue *dele* que escorre pela calha.

– Ali! – grita Merle, enquanto eles descem para a praia, para as rochas. – Eu tenho um barco!

Eric também está chocado, chocado demais para falar ou questionar.

Merle grita:

– Eu sabia que era você – grita ela, triunfante. – Eu sabia que era você.

– Mas você...? – grita Eric. – O chá?

– Eu parei de tomar há meses. Só os deixei pensar que eu ainda tomava.

Eles aproximam-se das pedras quando os perseguidores finalmente estão chegando perto, e ali está o barco, escondido em uma pequena baía.

Mas ali também há mais ilhéus.

Eric e Merle param de súbito.

Entre eles e o barco encontra-se pelo menos uma dúzia de homens fortes.

Eles vacilam e, enquanto vacilam, são dominados com mãos ferozes e palavras violentas.

Eles lutam, sem palavras, mas é em vão. Lúgubres e em silêncio, eles são arrastados de volta para a mesa, onde Henrik está de pé, segurando o próprio rosto.

Tor está deitado na terra quente pelo verão, sangrando nela.

Mais mãos os empurram rudemente para a mesa.

– Não! – grita Merle agora, ao ver Henrik apanhar a faca no chão e aproximar-se deles, mas Eric chama por ela.

– Merle! Merle!

Ela se vira, olhando nos olhos dele.

– Merle. Meu espírito está pedindo para partir.

Ela balança a cabeça, as lágrimas fluindo livremente.

– Merle. Entenda. Lembre-se do mar...

Ela entende, ela também sente. Suas lágrimas e seu tremor cessam, a calma penetra seu sangue.

Ela sabe que ambos acreditam na mesma coisa; que, se uma vida pode ser arruinada em um momento apenas, um momento de traição, ou violência, ou má sorte, então por que uma vida não poderia também ser salva, ser digna de se viver, ser completa, por apenas alguns momentos puros de perfeição?

Ela fecha os olhos e sonha em nadar com ele.

Imediatamente, o resto do mundo desaparece.

* * *

Os ruídos dos ilhéus raivosos.

O azul do céu.

O cheiro do mar e de cravo.

A faca, descendo.

* * *

Não existe nada agora além dos dois e de seu amor, que esperou por séculos para ser refeito, e, quando o sangue deles flui, primeiro de Merle e depois de Eric, quando o sangue de ambos se mistura na mesa e no solo da ilha Bendita, eles já não estão mais apaixonados, mas se tornaram o próprio amor.

* * *

E assim a jornada deles começa.

Então é isso.

agradecimentos

EM OUTROS LIVROS escritos por mim, eu acrescentei uma nota do autor no final para explicar uma ou duas coisas sobre as origens da história. Dessa vez, não farei isso, porque não há muito a dizer, exceto que talvez interesse ao leitor saber que a pintura, conforme descrita no livro, é um quadro real em exibição no Museu Nacional em Estocolmo. O título sueco original do quadro é *Midwinterblot* – Sacrifício do solstício de inverno.

Seu autor é Carl Larsson e, apesar da recepção que a pintura recebeu certamente ter lhe causado algum sofrimento emocional, os eventos que ocorrem a Eric Carlsson, conforme descrevo em meu romance, são puramente ficcionais, assim como todos os outros personagens.

Eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer à Orion Books. Posso dizer honestamente que todos com quem tive o prazer de trabalhar na Orion o fazem com a maravilhosa combinação de extrema habilidade, verdadeiro profissionalismo e também com muita diversão, ao menos no meu ponto de vista. Acima de tudo, gostaria de agradecer a Fiona Kennedy, minha editora inestimavelmente brilhante, pois sem ela meus livros não seriam o que são. Pensei que ela era boa há uma década, quando começamos a trabalhar juntos; agora eu sei que estava enganado: ela não é apenas boa, ela é a melhor.

Marcus Sedgwick
Hadstock, julho de 2011

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta -  [/NovoSeculoEditora](https://www.facebook.com/NovoSeculoEditora)

Siga -  [@novoseculo](https://twitter.com/novoseculo)

Assista -  [/EditoraNovoSeculo](https://www.youtube.com/EditoraNovoSeculo)

